

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CAMPUS SÃO MATEUS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO  
BÁSICA**

**KÉSYA DE OLIVEIRA NOBRE CASTILLO**

**ENTRE MEMÓRIAS E VESTÍGIOS DO PORTO DE SÃO MATEUS:  
CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA LOCAL PARA OS ANOS  
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**SÃO MATEUS**

**2022**

KÉSYA DE OLIVEIRA NOBRE CASTILLO

**ENTRE MEMÓRIAS E VESTÍGIOS DO PORTO DE SÃO MATEUS:  
CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA LOCAL PARA OS ANOS  
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

**Orientador (a):** Prof. Dra. Maria Alayde Alcantara Salim

SÃO MATEUS  
2022

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

Castillo, Késya de Oliveira Nobre, 1996-

C352e      Entre memórias e vestígios do Porto de São Mateus: contribuições da história local para os anos iniciais do ensino fundamental / Késya de Oliveira Nobre Castillo. - 2022.  
195 f. : il.

Orientadora: Maria Alayde Alcantara Salim.  
Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) -  
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo.

1. História local. 2. Memória em idosos. 3. História oral. 4. Material didático. 5. Memória na arte. I. Alcantara Salim, Maria Alayde. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro Universitário Norte do Espírito Santo. III. Título.

CDU: 37

---

**KÉSYA DE OLIVEIRA NOBRE CASTILLO**

**ENTRE MEMÓRIAS E VESTÍGIOS DO PORTO DE SÃO MATEUS:  
CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA LOCAL PARA OS ANOS INICIAIS  
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Aprovada em 11 de novembro de 2022.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof(a). Dr(a). Maria Alayde Alcantara  
Salim  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador(a)**

---

**Prof(a). Dr(a). Dr(a). Rita de Cássia  
Cristofoleti  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador(a)**

---

**Prof(a). Dr(a). Dr(a). Miriã Lúcia Luiz  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador(a)**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
MARIA ALAYDE ALCANTARA SALIM - SIAPE 2571155  
Departamento de Educação e Ciências Humanas - DECH/CEUNES  
Em 17/11/2022 às 13:35

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/605148?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
RITA DE CASSIA CRISTOFOLETI - SIAPE 2326822  
Departamento de Educação e Ciências Humanas - DECH/CEUNES  
Em 22/11/2022 às 10:17

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/608222?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por MIRIA LUCIA LUIZ - SIAPE 3858921 Departamento de Educação, Política e Sociedade - DEPS/CE Em 22/11/2022 às 12:31

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/608403?tipoArquivo=O>

## **Agradecimentos**

Obrigada Deus, pela vida, por toda capacitação e sustento.

Agradeço aos meus pais, Mário e Maria Édna, por todo encorajamento. Os apresentei o projeto embrião dessa pesquisa, foram a minha primeira banca, me ouviram, acreditaram em mim, sonharam comigo, me apoiaram em todo processo. Os anos em medidas absurdas.

Ao meu marido Fabián, pela parceria na pesquisa, por toda compreensão, intercessão, alegrias e afetos. Obrigada pelas palavras de alívio em momentos tensos. Estar em um só propósito com você fez toda a diferença.

Agradeço muitíssimo à Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Alayde Alcantara Salim, minha orientadora, em quem tenho uma grande admiração por seu profissionalismo, sabedoria e altruísmo. Obrigada pelos ensinamentos, pela dedicação de seu tempo em me orientar, pelo seu olhar atencioso na escrita, pelos direcionamentos sempre muito precisos. Gratidão por todo apoio e contribuição na minha formação acadêmica e profissional.

À Universidade Federal do Espírito Santo, pela responsabilidade e qualidade no ensino proporcionado, gratidão a todos professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica.

Gratidão aos antigos moradores da região do bairro Porto, que compartilharam suas memórias conosco, suas narrativas enriqueceram este estudo.

Muito obrigada à escola “E.M.E.F. Águas tranquilas” (nome fictício), representada pela diretora “Flora” (nome fictício) na qual abriu as portas da instituição, acolhendo nossa proposta e oportunizando a realização das atividades com os alunos dos anos iniciais.

À Fundação de Apoio à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES) pela bolsa de Mestrado concedida.

À Deus, criador da minha nova história.

À Mário Nobre, meu pai, meu primeiro professor de história.

*“A Historiografia não conta e quem nasce aqui não sabe, eu não sou daqui, mas sou pesquisador, não sou historiador, sou contador de história.” (APOEMA, Mauá, 2021)*



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Tipologia: Folder - II Semana da Arte de São Mateus (1975) .....	28
<b>Figura 2</b> - Tipologia: Folders da IV e V Semana da Arte em São Mateus (1977-1978) .....	29
<b>Figura 3</b> -Tipologia: Folders da XII e XIII Semana da Arte em São Mateus.....	29
<b>Figura 4</b> - Foto do Contrato de construção de terraplanagem de estradas 1962.....	30
<b>Figura 5</b> - Foto do Ofício - SÃO MATEUS, Ofício nº 207/93.....	31
<b>Figura 6</b> - Foto do Ofício - SÃO MATEUS, Ofício nº 123/67 .....	32
<b>Figura 7</b> - Recorte do mapa “Novus Brasiliae Typus”, de Willem Janszoon Blaeu, Amsterdam (1571-1638) .....	37
<b>Figura 8</b> - Foto publicada no jornal A gazeta (2005) .....	43
<b>Figura 9</b> - Botocudos do Rio Doce, fotografados na Barra do rio Pancas entre "Botocudos do Rio Doce (1920) .....	46
<b>Figura 10</b> - Fotografia- Arte em Mosaico – Museu Municipal de São Mateus.....	49
<b>Figura 11</b> - Igreja Matriz São Mateus – Início do século XX.....	63
<b>Figura 12</b> - Antigo Mercado Municipal de São Mateus.....	66
<b>Figura 13</b> - Registro de navio no Rio Cricaré.....	68
<b>Figura 14</b> - Rua do Comércio.....	69
<b>Figura 15</b> - Fachada frontal do antigo mercado do Porto.....	70

<b>Figura 16</b> - Cena descrita por Marlon – Filme Sagarana: O Duelo.....	75
<b>Figura 17</b> - Captura de tela ampliada – Filme Sagarana: O Duelo.....	76
<b>Figura 18</b> - Homenagem em placa às prostitutas no sítio histórico.....	85
<b>Figura 19</b> - Recortes sobre o Centro Cultural Porto de São Mateus.....	93
<b>Figura 20</b> - Recorte sobre a Campanha “Vamos restaurar o Porto” .....	95
<b>Figura 21</b> - Panfletos do I, II e III Festival de Teatro Nacional Amador (1985-1987). .....	97
<b>Figura 22</b> - Panfleto de Divulgação – Projeto Teatro Anchieta.....	98
<b>Figura 23</b> - Foto do Teatro Anchieta ativo.....	99
<b>Figura 24</b> - Imagem de Deterioração do Porto de São Mateus 1978.....	100
<b>Figura 25</b> - Imagem de Deterioração do Porto de São Mateus 1983.....	102
<b>Figura 26</b> - Apresentação – Aula Sondagem – setembro 2021.....	129
<b>Figura 27</b> - Imagem apresentada em aula sondagem – atual centro de São Mateus.....	131
<b>Figura 28</b> - Imagem apresentada em aula-sondagem- Antigo Mercado Municipal de São Mateus.....	132
<b>Figura 29</b> - Respostas do questionário I – 4º e 5º ano.....	134
<b>Figura 30</b> - Respostas do questionário II – 4º e 5º ano.....	135

<b>Figura 31</b> - Respostas do questionário III – 4º e 5º ano.....	136
<b>Figura 32</b> - Respostas do questionário IV – 4º e 5º ano.....	137
<b>Figura 33</b> - Respostas do questionário V – 4º e 5º ano.....	138
<b>Figura 34</b> - Respostas do questionário VI – 4º e 5º ano.....	139
<b>Figura 35</b> - Respostas do questionário VII – 4º e 5º ano.....	140
<b>Figura 36</b> - Respostas do questionário VIII – 4º e 5º ano.....	141
<b>Figura 37</b> - Apresentação da História - Cenário de material Reciclado.....	146
<b>Figura 38</b> - Cenário de material Reciclado - Recortes móveis de imagens feitos no papelão produzidos pela pesquisadora.....	147
<b>Figura 39</b> - Cenário Reciclado Móvel - Representação da Colonização, escravização e transformação local.....	148
<b>Figura 40</b> - Cenário- Porto de São Mateus/ mercado antigo.....	149
<b>Figura 41</b> - Representações 2º ano- Porto de São Mateus.....	152
<b>Figura 42</b> - Pintura artística em quadro- Aracruz.....	156
<b>Figura 43</b> - Esboço da capa do conto “As aventuras de Kirikerê” .....	156
<b>Figura 44</b> - Esboço da trama do conto “As aventuras de Kirikerê” .....	157

## **LISTA DE SIGLAS**

CAAE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CCP- Centro Cultural Porto de São Mateus

CEUNES - Centro Universitário Norte do Espírito Santo

DEC- Departamento Estadual de Cultura

EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IJSN - Instituto Jones dos Santos Neves

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PDF - Portable Document Format (Formato Portátil de Documento)

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

## SUMÁRIO

<b>1.INICIANDO UM PERCURSO .....</b>	<b>11</b>
1.1 Vivências e experiências: o Interesse pelo Porto de São Mateus. ....	11
<b>2 TRAMAS DA PESQUISA: investigando fontes e analisando percepções .....</b>	<b>20</b>
2.1 Entrevistas.....	22
2.2 Grupo focal.....	25
2.3 Das Fontes .....	28
2.4 Proposição da construção do conto infantil .....	33
<b>3. HISTÓRICO DO PORTO DE SÃO MATEUS: as representações do passado no presente .....</b>	<b>36</b>
3.1 Rio <i>Kiri-Kerê</i> : batalhas, domínio e economia .....	44
3.2 O Porto: movimentação, escravização, comércio e exportação .....	51
<b>4. AUSCULTAR: MARCOS, MUDANÇAS E MEMÓRIAS .....</b>	<b>63</b>
4.1 Entre vozes e registros: o antigo mercado do Porto.....	65
4.2 Noites e cabarés: ocupação, meretrício e expulsão .....	79
4.5 Arte, memória, revitalização: semana da arte, centro cultural e teatro no Porto de São Mateus .....	86
<b>5 CAMINHOS ALARGADOS: um novo olhar para as fontes históricas .....</b>	<b>105</b>
5.1 Caminhos revisitados da memória: o que dizem os autores? .....	109
5.2 Por que estudar a história local? .....	119
5.3 Sondando histórias de agora: narrativas na sala de aula.....	126
5.4 Avaliação da sondagem com os grupos focais .....	149
5.5 As aventuras de Kirikerê: processo de produção do conto .....	154
<b>6. TECENDO POSSÍVEIS CONCLUSÕES.....</b>	<b>159</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>163</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>171</b>

## RESUMO

Este trabalho apresenta problematizações, reflexões e compreensões sobre aspectos da memória e sua capacidade de imprimir nas narrativas as temporalidades dos registros locais, representações sociais e outros fragmentos da história, dialogando com os autores Nora (1993), Le Goff (2013) e Assmann (2014). O estudo teve por objetivo analisar as potencialidades do trabalho com as memórias no Porto de São Mateus- Espírito Santo, para o ensino da história local nos anos iniciais do ensino fundamental. O desenvolvimento metodológico envolveu a pesquisa bibliográfica e documental sobre o Porto de São Mateus, focando especialmente acontecimentos das últimas seis décadas, entre os anos de 1960 a 2022. Este recorte temporal se justifica pelo marco da mudança comercial da região, fato ligado à inauguração das estradas de rodagem no ano de 1963. A construção da BR 101, conectando o município de São Mateus à capital Vitória, se entrelaça com o processo inicial de decadência do Porto Fluvial da cidade na mesma década, resultando na alteração da localização principal do mercado do Porto de São Mateus para cidade alta. Aliada a essa pesquisa bibliográfica foi utilizada a abordagem da história oral temática, além de uma proposição de investigação com dois grupos focais, de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. A pesquisa esteve baseada nos novos olhares para fontes históricas, seguindo perspectivas da Nova História e preposições de autores como Peter Burke (1992) Marc Bloch (2001) e Levi (1992), possibilitando verificar a importância da promoção da história oral lado a lado com a história local. O percurso do trabalho concluiu que os vestígios da micro-história mateense contribuem para compreensões mais amplas da história macro do nosso País. O estudo resultou na criação de material de ensino, o conto literário “*As Aventuras de Kirikerê*”, que poderá ser utilizado como suporte educacional, pensado para os anos iniciais do ensino fundamental, de acesso público e virtual.

Palavras-chave: Memória. Porto de São Mateus. História Local. Anos iniciais.

## RESUMEN

Este trabajo presenta problematizaciones, reflexiones y entendimientos sobre aspectos de la memoria y su capacidad para imprimir en narrativas las temporalidades de registros locales, representaciones sociales y otros fragmentos de la historia, dialogando con los autores Nora (1993), Le Goff (2013) y Assmann (2014). El estudio tuvo como objetivo analizar las potencialidades de trabajar con las memorias en el Puerto de São Mateus- Espírito Santo, para la enseñanza de la historia local en la educación primaria. El desarrollo metodológico involucró la investigación bibliográfica y documental sobre el Puerto de São Mateus centrándose especialmente en los acontecimientos de las últimas seis décadas, entre 1960 y 2022. Este marco de tiempo se justifica por el cambio comercial de la región, un hecho vinculado a la inauguración de las carreteras en 1963. La construcción de la BR 101 que conecta el municipio de São Mateus con la capital Vitória, se entrelaza con el proceso inicial de decadencia del Puerto Fluvial de la ciudad en la misma década, lo que resulta en el cambio de la ubicación principal del mercado del Puerto de São Mateus a una ciudad alta. Aliado a esta investigación bibliográfica, se utilizó el enfoque de historia oral temática, además de una propuesta de investigación con dos grupos focales con estudiantes de los primeros años de la escuela primaria. La investigación se basó en nuevas perspectivas para las fuentes históricas, siguiendo perspectivas de la Nueva Historia y preposiciones de autores como Peter Burke (1992), Marc Bloch (2001) y Levi (1992), lo que permitió verificar la importancia de promover la historia oral junto con la historia local. El curso del trabajo concluyó que los rastros de la microhistoria de São Mateus contribuyen a una comprensión más amplia de la macro historia de nuestro país. El estudio dio como resultado la creación de material didáctico, el cuento ilustrado "*Las aventuras de Kirikerê*", que puede ser utilizado como apoyo educativo, pensado para los primeros años de la escuela primaria, acceso público y virtual.

Palabras clave: Memoria. Puerto de São Mateus. Historia local. Primeros años.

## 1.INICIANDO UM PERCURSO

A lua qual farol gigante, iluminando as ruas solitárias e as águas brilhosas e esverdeadas do rio Cricaré...  
 O velho que sentado às calçadas, conversava com seu cachimbo amigo.  
 A negra que se sentia acariciada pelas águas do rio Cricaré, suspirava olhando a lua!...  
 Jovens de ontem, velhos de hoje...  
 E tantos passos firmaram as ruas do Porto!  
 Um homem que conta uma estória...  
 A lua que se esconde na alvorada que desce lentamente nas ruas...  
 Frias ruas do Porto. (MARTINS, 1998, p.65)

### 1.1 Vivências e experiências: o Interesse pelo Porto de São Mateus.

Começamos pela memória ao tratar da motivação deste estudo: rememoro aqui a minha trajetória estudantil<sup>1</sup>, enquanto ainda aluna da educação básica da rede pública municipal de São Mateus, entre os anos de 2002 a 2013. Nesse período, uma falta sempre foi constante nas aulas de história: o estudo dos aspectos locais em sala de aula. O município de São Mateus, localizado no extremo norte do estado do Espírito Santo, apresenta um importante patrimônio histórico, o Sítio Histórico Porto, especialmente por seu reconhecimento e tombamento pelo Concelho Estadual de Cultura no Espírito Santo em 1976, onde se localiza o antigo cais da cidade. Este Porto, foi fundamental para o desenvolvimento de São Mateus, dentro da configuração da economia colonial. O auge das transações econômicas portuárias ocorreu principalmente durante o século XIX, de forma que o bairro que o abriga, ficou conhecido como bairro Porto até os dias atuais.

Em toda minha experiência, como aluna da educação básica, no município de São Mateus -ES, eram esporádicas às vezes em que o ensino de história se aproximava de questões locais sobre o Porto de São Mateus. O tema local, quando abordado, era sempre o mesmo: o tráfico de escravizados que ocorreu na região do Porto e o caráter das torturas em tempos coloniais. Hoje noto, partindo de análises e reflexões teóricas

---

<sup>1</sup> Ao transcorrer da escrita deste estudo, definimos que as mudanças da concordância verbal ocorrerão conforme a concepção narrativa da pesquisadora. Assim, quando o texto cita as experiências pessoais e formativas, será redigido em primeira pessoa e ao descrever as experiências e trocas coletivas efetivadas no percurso do texto, entre professora orientadora, professora/pesquisadora entrevistados e alunos participantes, será empregada a concordância verbal na terceira pessoa do plural.

mais amadurecidas, que nenhum aprofundamento sobre tal história escravagista acontecia, nenhuma questão da cultura popular ocupava espaço em sala de aula, apenas informações muito desconectadas das mazelas sociais cotidianas.

De outro modo, as histórias locais que me entrelaçaram com esta cidade chegaram até mim por outros meios de experiência formativa, não pelas vias da educação formal. Eu, que nascida e criada no bairro Porto, local em que está localizado o sítio Histórico, até os meus nove anos, a minha infância foi vivida neste lugar, na rua Sete de Setembro, a antiga rua do canudo, segundo os relatos dos mais velhos, uma das ruas principais do bairro Porto- São Mateus. Relembro-me que as histórias atrativas eram encontradas de maneiras informais, em diálogos em casa, narrativas em reuniões de família, em brincadeira de rua, nos passeios de bote no rio Cricaré e principalmente ao escutar os contos dos mais velhos sobre os acontecimentos no Porto de São Mateus.

As histórias que ouvi sobre São Mateus e mais especificamente sobre o Porto, eram empolgantes e envolventes. Diversas temáticas protagonizavam tais histórias: relatos sobre as brincadeiras noturnas realizadas a luz do luar, o uso dos lampiões, por não haver ainda instalações elétricas no Porto, histórias da formação do Rio Cricaré<sup>2</sup>, lembranças sobre os navios naufragados próximo ao cais, assombrosas histórias sobre os casarios do Cais do Porto, onde antigos moradores sonhavam com fantasmas indicando a localização de tesouros escondidos e as buscas a fim de encontrar ouro e tuneis secretos construídos por pessoas escravizadas do passado e contos misteriosos em que no sítio histórico testemunhas afirmavam ser possível ouvir passos de cavalos e ao amanhecer ver marcas de ferraduras gravadas nas paredes dos casarões.

---

<sup>2</sup> O Rio São Mateus era conhecido por Rio Cricaré, nome de origem indígena, que em tupi significa *kiri-kerê* - aquele que é propenso a dormir, ou seja, 'dorminhoco' [...] O Cricaré possuía um porto principal na povoação que vai se formando sob o nome de São Mateus. (RUSSO, 2007, p.14) Diante desta explicação, optamos por usar o nome Cricaré ao nos referenciarmos a este rio neste estudo. RUSSO, Maria Do Carmo de Oliveira. **Cultura política e relações de poder na região de São Mateus: o papel da Câmara Municipal (1848/1889).**

Ouvia-se também sobre o fluxo do antigo mercado, que movimentava muito a região do Porto, e relatos de sua desocupação e o estabelecimento dos cabarés e bares. Por meio destas memórias narrativas era possível imaginar um passado “vivo” do Porto e as tantas mudanças que ocorreram nesse lugar. O ensaísta Walter Benjamin (1996, p.201) descreve tal amplitude que se configura a arte de narrar, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” Caracterizando uma narração ativa, envolvendo quem escuta, qualificada enquanto uma comunicação genuína e artesanal. Entretanto, o autor também aponta para o desaparecimento dessas narrativas, sendo uma sabedoria prestes a se extinguir.

A causa da degradação desta experiência coletiva, segundo Benjamin (1996), está na ausência das habilidades de intercambiar vivências, concomitantemente esse decaimento acontece conforme a modernização se estabelece, principalmente com o surgimento da imprensa e da vida privada. No momento em que percebemos as importâncias destas narrativas, passamos a questionar as ausências delas no ambiente escolar, visto que sempre pareceram muito ricas para o conhecimento histórico.

De fato, as narrativas populares, entre outras histórias, fizeram com que a minha infância fosse cheia de curiosidades, descobertas, mistérios e entusiasmos sobre características lúdicas e inusitadas na história de São Mateus. Nasce então os questionamentos: Por que motivos há este distanciamento das narrativas em relação à educação formal?

De fato, o ensino e aprendizagem de história é um dos componentes básicos do currículo educacional brasileiro desde os primeiros anos de escolarização, a proposta está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) desde 1997 e da Base Nacional Curricular Comum (BNCC)<sup>3</sup> homologada em 2017. Ambos os documentos

---

<sup>3</sup>Ao citar a BNCC é importante destacar que seu processo de produção gerou grandes polêmicas em sua primeira versão no ano de 2015. A intenção de promover “Conteúdos Essenciais” produziram fortes discussões, principalmente no que diz respeito ao conteúdo de História. Menezes Neto (2017) compôs um artigo analisando tais repercussões, ainda problematizou os jogos de interesses que envolvem a constituição de um currículo na educação básica, assim indicamos essa fértil leitura:

dissertam sobre a importância do caráter essencialmente formativo da disciplina de história na educação básica.

Apesar de reflexões, críticas, análises e considerações importantes a serem feitas sobre os conteúdos curriculares citados, pode ser observado nos documentos oficiais diversas expectativas para o ensino de história. Os documentos pontuam a importância de um trabalho em sala de aula que considere a realidade do aluno, a valorização da história local e o uso de fontes. Neles também são apresentadas as potencialidades para o desenvolvimento dos alunos pelas vias do conhecimento histórico. Dentre os aspectos importantes desta prática, estão as formulações de indagações, as possibilidades de relações sobre o passado e o presente, as construções de explicações, o desvendar de significados, a construção e desconstrução de interpretações. Nota-se que a história é concebida enquanto uma “essencial ferramenta para reflexões sobre as experiências humanas e sociais.” (BRASIL, 2017, p.399)

Ao cursar graduação em Pedagogia e realizar vivências na educação básica, promovidas pelo programa de atuação em Residência Pedagógica<sup>4</sup> além de estágios de formação em escolas municipais de São Mateus, entre os anos de 2015 a 2019, pude notar a mesma ausência da história local aplicada aos anos iniciais.

Durante a Residência Pedagógica, especificamente, ao presenciar uma situação problemática de racismo, entre alunos, suscitou em mim questionamentos sobre as práticas exercidas nas escolas em relação à compreensão de marcas do passado que refletem no presente do cotidiano escolar. Nasceu desta problemática, um projeto pedagógico de intervenção com ações direcionadas ao ensino de história local e

---

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. **As discussões sobre a Base Nacional Comum Curricular de História:** entre polêmicas e exclusões (2015-2016). Revista Crítica Histórica. UFAL, v. 8, n. 15, 2017.

<sup>4</sup> O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. Essa imersão deve contemplar, entre outras atividades, regência de sala de aula e intervenção pedagógica, acompanhadas por um professor da escola com experiência na área de ensino do licenciando e orientada por um docente da sua Instituição Formadora. (EDITAL CAPES Nº 06/2018 – RETIFICADO. (PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA).

relações étnico raciais no ano de 2019. A fim de trabalhar questões históricas do Porto de São Mateus com alunos dos anos iniciais.

No desenvolvimento do projeto de intervenção, citado, realizado em 2019, analisamos as perspectivas do ensino da disciplina de história no contexto educacional dos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola pública de região periférica no município de São Mateus/ES. O projeto também se propôs analisar a importância da lei 10.639/2003, que tornou obrigatória a inclusão de estudos da História e Cultura Afro-Brasileira. O processo da realização das ações, resultaram em reflexões sobre a temática do “embranquecimento” suas marcas na história da construção da identidade brasileira, e os reflexos do racismo institucionalizado presentes na sala de aula e entre os alunos da referida escola.

Diante dessas questões, inferiu-se a necessidade de práticas para o rompimento de um ensino de história ainda marcado por uma perspectiva eurocêntrica, que desconsidera a presença dos povos indígenas, negros e das camadas populares da sociedade. Realizamos uma proposta de intervenção na área do ensino de história, entrelaçado questões étnico-raciais e culturais da cidade de São Mateus em uma classe de 3º ano do ensino fundamental, culminou em uma gincana de conhecimentos que movimentou as turmas. As propostas incentivaram a produção dos marcos da memória como a formação cultural da população mateense, acentuou pontos relevantes da história local de São Mateus para nosso contexto em sala de aula. As atividades estão relatadas no trabalho de conclusão de curso “A disciplina de história e o ensino das relações étnico-raciais nos anos iniciais do ensino fundamental”<sup>5</sup>, no ano de 2019.

Com essa experiência enriquecedora da Residência Pedagógica, compreendemos que a história pode estar presente no ensino e aprendizagem dos alunos dos anos iniciais, além disso, notamos que os tempos e espaços são passíveis de relacionamento e reflexão. Ao trabalhar o eixo temático do ensino da história local, identificamos muitos aspectos da cultura africana que mantém relações com a história

---

Disponível em: <<https://pedagogia.saomateus.ufes.br/trabalho-de-conclusao-de-curso>> Acesso em: 02 abr.2022

do município de São Mateus, principalmente com o antigo Porto da cidade. Contudo, no caminho desta prática, me deparei com dificuldades na busca por material sobre história local, que se adequassem ao perfil dos anos iniciais.

As indicações rotineiras de livros sobre história local de São Mateus, não foram muito satisfatórias, em suma possuíam perspectivas amadoras sobre a história de São Mateus, que reproduzem ares da visão historicista e positivista. Reconhecemos, de tal forma, o contexto dialético e desafiador de lecionar história local para anos iniciais no município, isto me aproximou das produções críticas e reflexivas sobre o ensino da história atualmente. Ao realizar essa experiência, na Residência Pedagógica, notei que a função da disciplina de história, enquanto efetiva ferramenta para reflexões em sala de aula, fica muitas vezes esquecida ou deixada para “depois”, e quando lembrada é feita de maneira um tanto quanto rasa. Recontando uma história que visa explicar datas comemorativas, apontar fatos de acontecimentos que parecem distantes e desconectados da história local: conhecer nomes de conquistadores ou mesmo decorar datas de marcos comemorativos.

Compreender esses assuntos, corroboraram para verificar que a história apresentada a mim, nos meus anos de estudante, ainda é bem similar com a atual história ensinada em escolas do município. Havendo influência de perspectivas, baseadas nos historicismos dos acontecimentos, fator que limita o ensino de história, podendo provocar distanciamentos com a história local de São Mateus. Tal problemática impulsionou nosso estudo na busca do que nos é próximo: as memórias e os vestígios da história do Porto de São Mateus.

Um dos primeiros movimentos deste estudo consistiu em uma revisão de literatura com objetivo de identificar trabalhos que tinham como tema ou questão de estudo História oral e memórias do Porto de São Mateus, durante os anos de 1960 e 2022. Para realização do levantamento bibliográfico da pesquisa, utilizamos a ferramenta de pesquisa disponibilizada pelo Portal de periódicos Capes<sup>6</sup>, em uma busca refinada,

---

<sup>6</sup> O Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional. Ele conta com um acervo de mais de 45 mil títulos com texto

de artigos científicos na última década (entre os anos de 2012 e 2022), verificou-se que não há referências diretas a temática sobre história oral e memórias do Porto de São Mateus neste período de 10 anos.

Na pesquisa por teses e dissertações, sobre o histórico do Porto de São Mateus, destacamos alguns trabalhos desenvolvidos nos últimos 15 anos, sendo 2 teses e 3 dissertações, que corroboraram com os estudos sobre características historiográficas do Porto:

Em 2007, foi apresentada a tese de doutoramento na Universidade de São Paulo, de Anna Lúcia Côgo, que desenvolveu um histórico sobre a situação agrária do Espírito Santo no século XIX, em que destaca a região de São Mateus. A segunda tese destacada, também da Universidade de São Paulo, foi desenvolvida por Maria do Carmo de Oliveira Russo no ano de 2011, com título “A Escravidão em São Mateus: economia e demografia (1848-1888)”, o trabalho acentuou a formação política, social e econômica de São Mateus neste período específico.

Em seguida, citamos também a dissertação de mestrado “São Mateus: do Lugar à Vila” trabalho apresentado ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, desenvolvido por Sofia Maria Valente Simões Dos Santos no ano de 2017, um trabalho sobre o urbanismo colonial do Brasil, aborda o povoamento da região do rio Cricaré/ São Mateus com utilização de fontes primárias, como, por exemplo, registros iconográficos.

Em 2019, Adilson Bulado Marques, apresentou a dissertação intitulada “Ensino de História Local e Patrimônio: O Caso do Sítio Histórico Porto de São Mateus” ao Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica do Centro Universitário Norte do Espírito Santo da Universidade Federal do Espírito Santo, em seu trabalho o autor problematiza o ensino de história local e o uso do patrimônio e promove o caso do sítio histórico Porto de São Mateus.

---

completo, 130 bases referenciais, 12 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual. Fonte(s): [periodicos.capes.gov.br](http://periodicos.capes.gov.br) e [CCS/CAPES](http://CCS/CAPES).

O mais recente trabalho é do ano de 2021, pelo autor Tiago de Matos Alves. A dissertação intitulada “Sociedade e Economia Portuária de São Mateus (1848-1889): A Exportação da Farinha de Mandioca pelas águas “Dorminhocas” do Rio Cricaré, abarca um estudo sobre o sucesso da economia do Porto de São Mateus na história regional com a exportação de farinha de mandioca durante a segunda metade do século XIX, valendo-se da pesquisa em fontes primárias, como documentos impressos e manuscritos e relatórios disponíveis no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES).

Os estudos referidos, contemplam aspectos em comum, apresentam o histórico do Porto enquanto o grande precursor econômico do desenvolvimento da cidade de São Mateus, baseados em uma variação de registros e fontes documentais. Entre eles, destacamos a dissertação que mais se aproxima da temática proposta, desenvolvido por Marques (2019). As investigações de Marques perpassam por questões curriculares e contextos da história local na sala de aula mateense, além de alçar proposições sobre as possibilidades de ensino de história local partindo dos conceitos da multiplicidade de fontes embasados pelo historiador Marc Bloch.

Marques (2019), ao dissertar sobre o ensino de história local, expõe no desenvolvimento de sua pesquisa o afastamento da população em relação ao Porto de São Mateus, revela um distanciamento presente também em sala de aula, demonstra de tal modo um “inegável preconceito” existente sobre a região. O autor evidência alguns discursos representativos que os alunos carregam: “quando conversamos com os alunos sobre o Sítio Histórico percebemos que muitos sequer o conhecem e justificam o fato dizendo que seus pais afirmam que “a região é perigosa”. (MARQUES, 2019, p.67) Partindo dessa percepção, é interessante analisar que tais discursos sobre a região do Sítio Histórico Porto perpassam a vida cotidiana daqueles que visitam o local, de fato, comentários como este são comumente reproduzidos.

O estudo de Marques (2019), envolveu entrevistas de professores do município de São Mateus, identificou a importância do ensino da história local e analisou as possibilidades que o Porto pode proporcionar enquanto fonte de pesquisa e ensino da

história. O autor reconhece que o sítio Histórico Porto “[...] guarda fragmentos da história local e, se lido a contrapelo, pode nos oferecer novas visões, memórias esquecidas, pontos de vista que outrora eram ignorados sobre a história local” (MARQUES, 2019, p. 123). Portanto, sustenta em sua discussão, o papel fundamental da experiência, a fim de proporcionar aproximações e possíveis ressignificações dos sentidos da história.

Posto estas evidências, é possível identificar a forte potencialidade da memória e a importância da multiplicidade de fontes para a história local, que promove aproximações e o despertar para o sentido de pertencimento, tal constatação nos encorajou nesta busca das contribuições da memória e das narrativas populares do Porto de São Mateus.

Desta forma, este estudo tencionou, enquanto **objetivo geral**, analisar as potencialidades do trabalho com a memória no ensino da história local nos anos iniciais do ensino fundamental. Propondo, alcançar três objetivos específicos que auxiliarão na compreensão da seguinte **questão- problema**: As narrativas e memórias populares<sup>7</sup> podem realmente ser analisadas e configuradas como fontes para o estudo da história local?

Os **objetivos específicos** foram ordenados da seguinte forma:

1. Desenvolver um estudo histórico sobre Porto de São Mateus, buscando registros das últimas décadas entre 1960 a 2022 a fim de analisar as mudanças decorrentes da alteração do contexto socioeconômico com o declínio das atividades portuárias.
2. Discutir a relação da memória e a história na sociedade;
3. Produzir um material de apoio pedagógico, a partir do entrecruzamento do trabalho com a memória e outras fontes históricas.

---

<sup>7</sup> Memórias e narrativas de pessoas comuns.

## **2 TRAMAS DA PESQUISA:** investigando fontes e analisando percepções

Traçamos os caminhos dessa investigação partindo do pressuposto do historiador Marc Bloch (2001), que defende a ideia da produção da história pelo viés da multiplicidade de fontes, afirmando que “tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica tudo o que toca pode e deve informar sobre ele”. (p.79). Segundo o autor, a construção do conhecimento se faz a partir do entrecruzamento dos dados fornecidos por multiplicidade de fontes: “[...] seria uma grande ilusão imaginar que cada problema histórico corresponde um tipo único de documento específico para tal emprego” (BLOCH, 2001, p.80). Sendo assim, o desenvolvimento metodológico do presente estudo esteve estruturado partindo de três movimentos para alcançar os objetivos propostos.

O primeiro movimento consistiu em uma pesquisa bibliográfica e documental sobre o Porto de São Mateus, focalizando especialmente acontecimentos das últimas seis décadas. Aliada a essa pesquisa bibliográfica foi utilizada a abordagem da história oral temática. Realizamos um trabalho com a memória e a narrativa com suporte nas entrevistas com antigos moradores da região do Porto. Entrevistamos os 10 primeiros moradores com mais de 60 anos, que tivemos contato em nossa pesquisa de campo no bairro Porto durante os meses de dezembro de 2021 a julho de 2022.

Como o critério de seleção, o entrevistado deveria ter residido no bairro Porto num período de 30 anos ou mais. As entrevistas foram realizadas em ambientes domiciliares, dos próprios participantes. Nas entrevistas, o participante ficou livre para falar de sua experiência no bairro Porto. A transcrição das entrevistas foi literal, com os erros de português, considerando palavras fora da linguagem padrão, as quais são cotidianamente usadas pelos participantes.

O segundo movimento, está relacionado à pesquisa com estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, participaram alunos regularmente matriculados na rede municipal de ensino de uma escola próxima ao bairro Porto. Constituindo o primeiro grupo focal, duas turmas de 2º ano do ensino fundamental, totalizando 8 alunos com idades entre 7 e 8 anos. O segundo grupo focal, foram duas turmas, uma do 4º ano e

outra do 5º ano do ensino fundamental, totalizando juntas 15 alunos com idades entre 9 e 12 anos. A pesquisa se efetivou no período da primeira à terceira semana de setembro de 2021.

O terceiro movimento desta pesquisa, se refere criação de material de apoio pedagógico. No desenvolvimento do material, nos baseamos nas análises das experiências com os grupos focais e no material desta pesquisa. O conto literário “*As aventuras de Kirikerê*” destinado aos anos iniciais do ensino fundamental, contém aspectos históricos da região do Porto de São Mateus entrecruzados com as contribuições das entrevistas e dados recolhidos neste estudo, o processo de desenvolvimento deste conto está descrito no tópico 5.5 deste trabalho.

Consideramos no desenvolvimento metodológico, que o período pandêmico<sup>8</sup>, ainda enfrentado atualmente no país, foi um fator que afetou diretamente ao cronograma inicial do desenvolvimento desta pesquisa, pois o risco de contaminação pelo vírus SARS-CoV-2<sup>9</sup> ocasionou o adiamento dos trabalhos de campo essenciais para o estudo, sendo este trabalho constituído por entrevistas com pessoas idosas e de experiências com os grupos focais formados por alunos.

Apesar do impacto pelas medidas adotadas para conter a pandemia, as organizações para o registro das entrevistas começaram a ser elaboradas em junho de 2021,

---

<sup>8</sup> Desde o mês de janeiro do ano de 2020 o mundo tem vivido um período histórico de surto pandêmico. No dia 20 de janeiro de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu um comunicado sobre lideranças chinesas que haviam detectado um caso de pneumonia ocasionada pelo novo coronavírus, observado na cidade de Wuhan. No dia 30 de janeiro a OMS comunicou Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) por surto do novo coronavírus. Essas Informações estão disponíveis no site oficial da Organização Mundial da Saúde pelo link <https://www.who.int/portuguese/countries/bra/pt/>. Acessado em :02. Mar.2022

<sup>9</sup> Segundo informações do site Oficial do Ministério da saúde a Covid-19 é definida enquanto “uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.” Tendo como base as evidências disponíveis, o vírus SARS-CoV-2 é transmitido entre pessoas através de contato próximo e gotículas respiratórias produzidas quando uma pessoa infectada tosse ou espirra, bem como por superfícies contaminadas com o vírus. Fonte(s): Disponível em <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>> Acesso em: 02 Mar.2022.

No momento da escrita deste trabalho, o site Covid Saúde, em que se encontra o painel online desenvolvido para ser o veículo oficial de comunicação sobre a situação epidemiológica da COVID-19 no Brasil, contabilizam no dia 02 de março de 2022, 28.842.160 casos confirmados da doença. Fonte(s): Disponível em <<https://covid.saude.gov.br/>>, Acesso em:02 Mar.2022.

realizamos pequenas sondagens. Estas sondagens iniciaram de maneira informal em conversas com conhecidos, amigos e familiares com quem mantemos vínculos, que residem no bairro Porto. Nestas conversações cotidianas, por via de aplicações online, entre outros meios de comunicação, pudemos apresentar nossa proposta de pesquisa e objetivos de encontrar moradores idosos que possuíam longa data de residência no bairro Porto.

Nomes e endereços foram registrados a fim de que futuramente pudéssemos ir a campo verificar a possibilidade de entrevista. Neste processo inicial, mapeamos a rede de 10 pessoas com idades acima de 60 anos, residentes do bairro Porto e arredores no município de São Mateus. É importante ressaltar que todos os trâmites legais com o Comitê de Ética em Pesquisa foram aplicados e passaram por apreciação para o trâmite final de validação documental, recebendo a aprovação para o desenvolvimento. As autorizações utilizadas estão em anexadas ao fim deste trabalho. A pesquisa obteve número de Certificado de Apreciação Ética- CAAE-51075421.0.0000.5063- aprovada pelo Comitê de Ética, pela via da plataforma Brasil.

## **2.1 Entrevistas**

As ações que deram seguimento a esta investigação histórica, valeram-se da abordagem História Oral Temática. Desenvolvemos um trabalho com a memória e a narrativa partindo de entrevistas com antigos moradores do bairro Porto. Na diversidade dos gêneros em história oral, temos variações de tipos de história, constituindo três gêneros distintos: história oral de vida, história oral temática e a tradição oral.

Segundo Meihy e Holanda (2007), a história Oral de Vida e a História Oral temática “podem servir a projetos de bancos de história ou implicar análises que superem o sentido da recolha, mas a tradição oral alude exames longos e complexos, incapazes de síntese” (p.34). O critério de diferenciação entre a história oral de vida e a história oral temática está no recorte temático que aponta para um foco, um assunto, “os trabalhos de história oral temática se dispõem à discussão em torno de um assunto central definido- mesmo que outros decorram para seu esclarecimento- “(p.39). No

caso do presente estudo, o tema foi o Porto de São Mateus, assuntos como o contexto histórico (eventos que o entrevistado testemunhou), vivências no antigo mercado, transformações ocorridas no bairro pós-mudança comercial e representações sobre o episódio do meretrício, foram envolvidos na entrevista. Desta forma organizamos um roteiro semiestruturado<sup>10</sup> de entrevistas para alinhamento de nosso objetivo de investigar as transformações na região do Porto nas últimas décadas.

A entrevista, de acordo com Meihy e Holanda (2007), além de ser utilizada enquanto alternativa para completar à determinados vazios de registros documentais, compreende também a possibilidade de acrescentar uma riqueza de informações novas, elas podem “propor análises das narrativas para a verificação de aspectos não revelados, subjetivos, alternativos aos documentos escritos” (p.24). Este é um ponto muito importante para nosso trabalho, pois por via da memória desses antigos moradores do bairro Porto foi possível verificar situações de confronto ou de confirmações dos acontecimentos locais, enriquecendo o debate sobre a importância da memória no histórico contido capítulo 3, deste trabalho.

Nas narrativas dos entrevistados<sup>11</sup>, buscamos vestígios para o trabalho da pesquisa histórica. Em relação a esse aspecto, destacamos as análises de Bloch (2001) sobre a possibilidade do conhecimento de fatos humanos: “[...] o que entendemos efetivamente por documentos senão um vestígio, a marca perceptível aos sentidos, deixada por um fenômeno em si mesmo impossível de captar” (p.73). Esta visão amplificada sobre a variação de fontes documentais, revela a importância das narrativas, podendo ser considerada um vestígio histórico, configurando-se não apenas como elemento coadjuvante dos documentos escritos, mas conotando uma importância semelhante a um documento físico.

Essa importância é defendida por Meihy e Holanda (2007) quando afirmam que a história oral não deve se resumir a um mero processo de “tapar buracos documentais”, as narrativas não se limitam apenas para atestar a averiguação dos documentos, mas de outro modo asseguram que “o valor das narrações como forma de vê-las “em si,

---

<sup>10</sup> Disponível no APÊNDICE A deste estudo.

<sup>11</sup> A fim de sinalizar as narrativas orais ao decorrer do texto, as citações referentes às entrevistas e informações verbais estão em itálico, aspas e com tamanho de fonte 11.

um modo saudável de considerar a história oral” (p.25). Caminhamos a favor das narrativas, em que neste trabalho foi possível constatar, refletir e questionar as visões da história do Porto nas lembranças de pessoas idosas. A escolha desse público a ser entrevistado, com idades de 60 anos ou mais, foi norteadada pelos apontamentos dos estudos de Ecléia Bosi (2003), em “*Memória e sociedade*”, que qualifica as lembranças de pessoas idosas, enquanto mais delineados e elaborados em relação ao público mais jovem:

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem-marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada, sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta[...] (BOSI, 2003, p.60)

A metodologia pautada na história oral temática, possibilita o registro das vivências, histórias e a cultura em suas narrativas, considerando suas subjetividades, memórias, experiências e identidades. Os entrevistados que aceitaram a participar como voluntários deste estudo, assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido<sup>12</sup> além do termo de permissão para o uso das mídias que foram desenvolvidas. As entrevistas foram realizadas em ambientes domiciliares, dos próprios participantes.

Partindo da transcrição das entrevistas, elencamos categorias de análises para trabalhar marcos de acontecimentos no Porto, que apareceram nas falas dos entrevistados, a fim de compor os objetivos da pesquisa. Identificamos e destacamos os temas suscitados nos diálogos, por exemplo: Transformações e mudanças históricas do Porto, ocupações, violência e estigmas. O processo de colhimento das entrevistas, análise de dados e experiência de campo teve duração de 7 meses, de dezembro de 2021 a julho de 2022. É importante frisar que os dados dos participantes do estudo serão mantidos em sigilo, durante todas as fases da pesquisa, como também as transcrições dos grupos focais, inclusive após publicação, por meio do arquivamento nos documentos da pesquisadora. Desta forma, pelo aspecto sigiloso da pesquisa, os nomes dos participantes no desenvolvimento da escrita dos resultados e análise dos dados são todos fictícios.

---

<sup>12</sup> Os modelos podem ser observados nos APÊNDICES B e C.

Um dos autores escolhidos que nos auxiliaram nas reflexões metodológicas da história oral, enquanto técnica de pesquisa e possibilidade de caminhos para análises propostas, foi Antônio Torres Montenegro (1992), seus escritos têm desenvolvido férteis discussões e análises sobre história oral e memória, mantendo o diálogo com as reflexões e críticas dos autores da nova história, propondo uma participação amplificada das camadas sociais no processo de elaboração do saber histórico, além de ressaltar as contribuições da história oral:

Construtores cotidianos da história têm deixado poucas marcas de como vivem, sentem, experimentam, desejam, sonham, pensam o presente, o passado e o futuro. Nesse aspecto a história oral (no trabalho com os segmentos populares) se constitui em uma possibilidade efetiva de produção de um vasto campo documental. (MONTENEGRO, 1992, p.64)

Montenegro enfoca em seus estudos a importância da cultura popular com enfoque no resgate da memória, demonstra em seu trabalho os simbolismos existentes no imaginário social. Consideramos, igualmente, que ao escutarmos os antigos moradores do Bairro Porto, foi possível revisitar as experiências dos chamados de “construtores cotidianos da história”, das pessoas comuns que também são construtoras da história. Tal concepção, possibilita acolher variadas visões deste lugar histórico que é o sítio histórico Porto em suas representações passadas e presentes.

## **2.2 Grupo focal**

A pesquisa com estudantes foi realizada durante o mês de setembro de 2021, em uma escola municipal de São Mateus, localizada próxima à região do bairro Porto, que atende alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Foram formados dois grupos focais para a pesquisa, o primeiro grupo formado com alunos do 4º e do 5º ano, o segundo grupo com alunos do 2º ano. Em suma, a proposta se baseou em apresentações expositivas em dialogicidade com os alunos, a fim de sondar suas percepções e conhecimentos. As representações dos alunos foram registradas em áudio, questionários e desenhos, a dinâmica de grupos possibilitou a análise de proximidades e distanciamentos existentes em suas falas, em relação à história local do Porto de São Mateus.

O método de experiência com grupos focais, segundo Gondim (2002) é uma técnica de investigação caracterizada por uma posição de intermédio entre observação participante e entrevistas. Têm por objetivo a coleta de dados pela via das interações dos grupos e [...] “pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos.” (p.151). Neste sentido solicitamos a permissão a jurisdição responsável pelas instituições municipais em junho de 2021, em resposta recebemos a declaração de anuência necessária para realização deste tipo de pesquisa e interação com os grupos focais.

A declaração de autorização está inserida no APÊNDICE D, tendo o nome da escola mantido em sigilo. Também foram elaborados os termos de Assentimento Livre e Esclarecido, específicos para modalidade de trabalho com menores (APÊNDICE H), e termos de consentimento legal aos responsáveis (APÊNDICE I).

A aproximação com a direção da escola EMEF “Águas tranquilas”<sup>13</sup> começou em agosto de 2021, após concessão da realização da pesquisa pela Secretaria Municipal de São Mateus, obtivemos a oportunidade de apresentar as proposições deste estudo ao corpo pedagógico e docente.

A diretora da instituição, Flora, (nome fictício) conheceu nossa proposta de projeto, demonstrou receptividade e acolhimento. Foi disponibilizada uma cópia do projeto que compõe este estudo, contendo nossas motivações, justificativas, objetivos e propostas. A direção nos encaminhou ao corpo pedagógico para alinhamento da proposta, receberam também cópias das propostas de nosso projeto. Fomos convidados a uma conversa com algumas professoras, em que foram contextualizadas previamente sobre a presente pesquisa e acolheram igualmente a a pesquisa.

Partindo dessa conversa, fizemos uma reunião de planejamento sobre a realização de sondagem com os alunos. Fomos inteirados de como estava o andamento da

---

<sup>13</sup> Nome fictício para sigilo das informações.

retomada das aulas<sup>14</sup>, informados da pouca frequência de alunos e da modalidade de alternância que a escola estava realizando. Consistia em uma semana de atividades presenciais e a semana seguinte de atividades remotas sem aulas presenciais. Compreendendo esse cenário e a baixa frequência dos alunos, o trabalho foi realizado em quatro turmas distintas de alunos. Para as atividades, unimos duas de 2º ano, com idades entre 7 e 8 anos, e mesclamos outras duas turmas, uma do 4º ano e uma do 5º ano, com idades entre 9 e 12 anos. As ações duraram aproximadamente 4 semanas entre o planejamento e execução da proposta, tendo início em 01/09/2021 a 22/09/2021.

A proposição construída com as professoras, foi de estruturarmos uma apresentação sobre características históricas da cidade de São Mateus, em aula expositiva, planejada de maneira específica para os anos iniciais. As apresentações foram adaptadas com as idades e habilidades de cada turma, seguindo todos os protocolos de prevenção ao (à) covid-19. A aula-sondagem, foi planejada por um período de 20 horas, valendo-se dos estudos desta pesquisa e desenvolvida com o apoio das professoras responsáveis das turmas, o objetivo foi de preparar apresentações mantendo um diálogo ativo com os alunos, mediando e identificassem as relações e representações presentes no imaginário destes estudante, sobre o Porto de São Mateus.

A aplicação da proposta durou 5 horas, dividida em dois períodos iguais para atender as quatro turmas. Num primeiro momento com 15 alunos do 4º e 5º ano, e posteriormente com os 8 alunos do 2º ano. Para o grupo de estudantes do 4º e 5º ano, apresentamos aspectos da história de São Mateus, em que o propósito final foi a realização de uma sondagem utilizando um questionário<sup>15</sup>, a fim de registrar a relação de proximidade ou distanciamentos com história local e narrativas populares sobre Porto de São Mateus, além das representações em relação a este local.

---

<sup>14</sup> As aulas presenciais na EMEF Águas tranquilas, na ocasião relatada, ainda não haviam se tornado obrigatórias, devido ao decreto municipal de n.º 11.366/2020, que promoveu ações emergenciais para controle e prevenção de danos e agravos à saúde pública, a fim de evitar disseminação do covid-19, desde o último ano (2020).

<sup>15</sup> Modelo consta no APÊNDICE K.

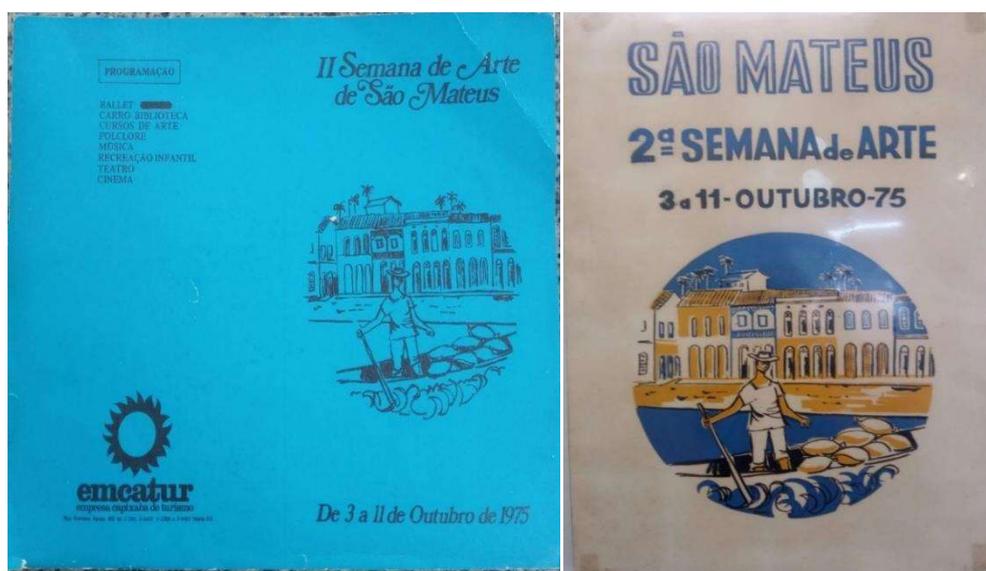
Segundo momento da apresentação, destinada as duas turmas de 2º ano, apresentamos a mesma temática sobre a história de São Mateus, com uma adaptação de material, sendo preparado um suporte de material didático, feito pela pesquisadora, consistindo em um cenário feito de material reciclado para contação de história, a fim de que trouxesse mais ludicidade à apresentação. As experiências realizadas com esses dois grupos focais estão descritas neste estudo, no tópico 5.3 “Sondando histórias de Agora: narrativas na sala de aula.

O planejamento e os materiais utilizados na aula-sondagem foram: projetor de mídias, slides com imagens de São Mateus e Porto, notebook, vídeo curta-metragem, folhas sulfite, lápis de cor, giz de cera, massa de modelar colorida, tapete, além de materiais recicláveis para reproduzir um pequeno cenário do Porto de São Mateus para contação de história.

### 2.3 Das Fontes

Nesta seção apresentamos algumas fontes documentais encontradas durante nossa jornada de investigação. Vestígios do passado que auxiliaram o desenvolvimento das análises da pesquisa histórica na região do Porto de São Mateus.

**Figura 1** - Tipologia: Folder - II Semana da Arte de São Mateus (1975)



Fonte: Acervo Centro de Artes - UFES (2022)

**Figura 2 - Tipologia: Folders da IV e V Semana da Arte em São Mateus (1977-1978)**



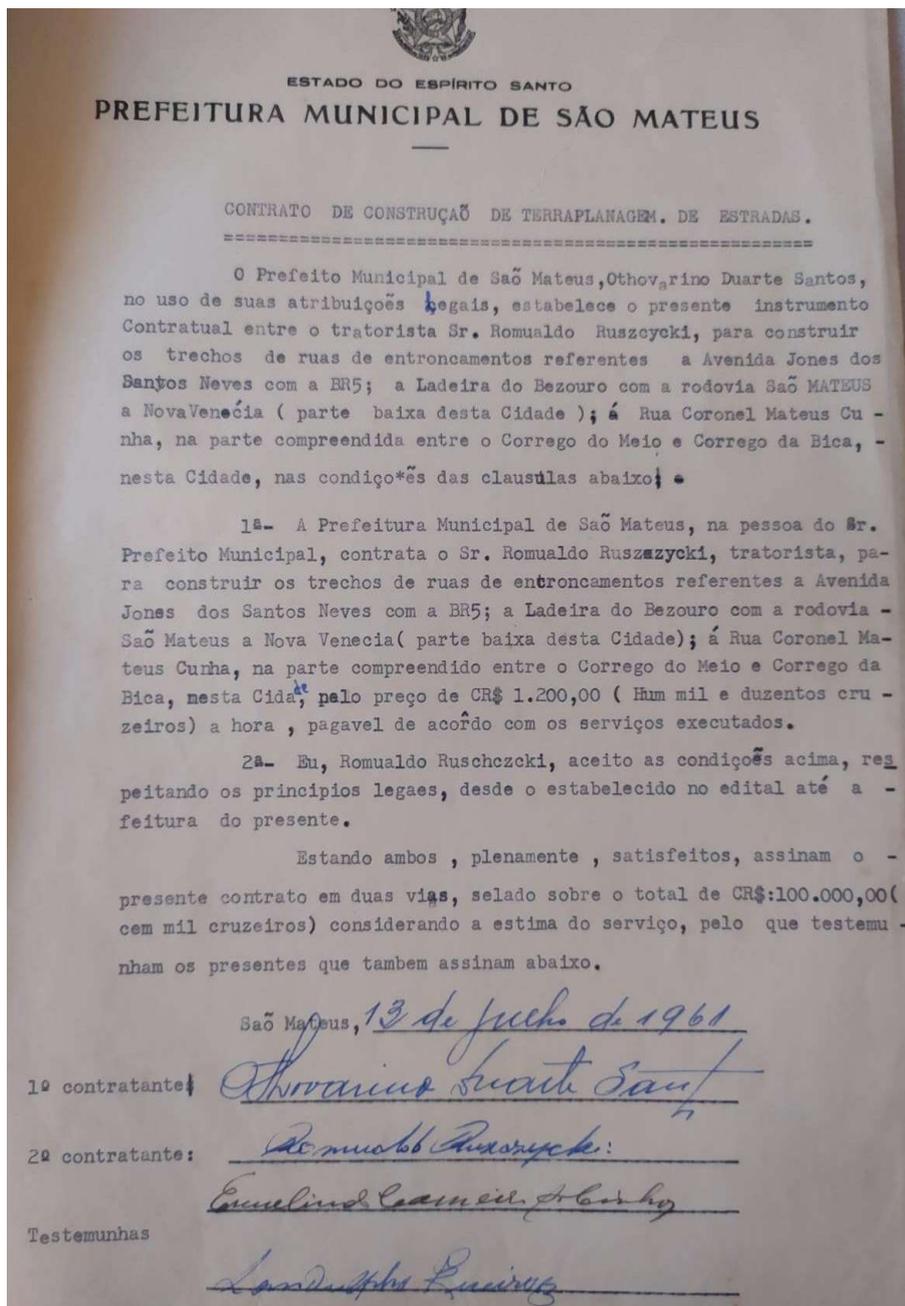
Fonte: Acervo Centro de Artes - UFES (2022)

**Figura 3 - Tipologia: Folders da XII e XIII Semana da Arte em São Mateus (1997-1998)**



Fonte: Acervo Centro de Artes - UFES (2022)

Figura 4 - Foto do Contrato de construção de Terraplanagem de Estradas- 1961



Fonte: Acervo Biblioteca Municipal Clementino Rocha (2022)

**Tipologia:** Documento escrito – contrato de construção de terraplanagem de estradas assinado pelo então prefeito Othovarino Duarte Santos em 13 de julho de 1961. Documento localizado no acervo especial da Biblioteca Municipal de São Mateus “Clementino Rocha.

**Figura 5** - Foto do Ofício - SÃO MATEUS, Ofício nº 207/93 de 18 de maio de 1993

**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS**  
Estado do Espírito Santo

São Mateus-ES, 18 de maio de 1993

Of. PMSM/SMC nº 207/93

Ilmo. Sr.  
AMOCIM LEITE  
Md. Prefeito Municipal de São Mateus  
N E S T A

Senhor Prefeito,

Pelo presente, vimos solicitar de V.Sa. abertura de Licitação para calçamento do Largo do Chafariz, Sítio Histórico do Porto, conforme planta do Departamento de Obras, com pedra tipo cagalho (bruta).

Faz-se necessário informar que os recursos deverão sair do Convênio assinado entre a Prefeitura Municipal e a Aracruz Celulose S/A para a restauração do Sítio Histórico do Porto de São Mateus.

Certos do pronto atendimento, apresentamos os nossos agradecimentos.

Atenciosamente,

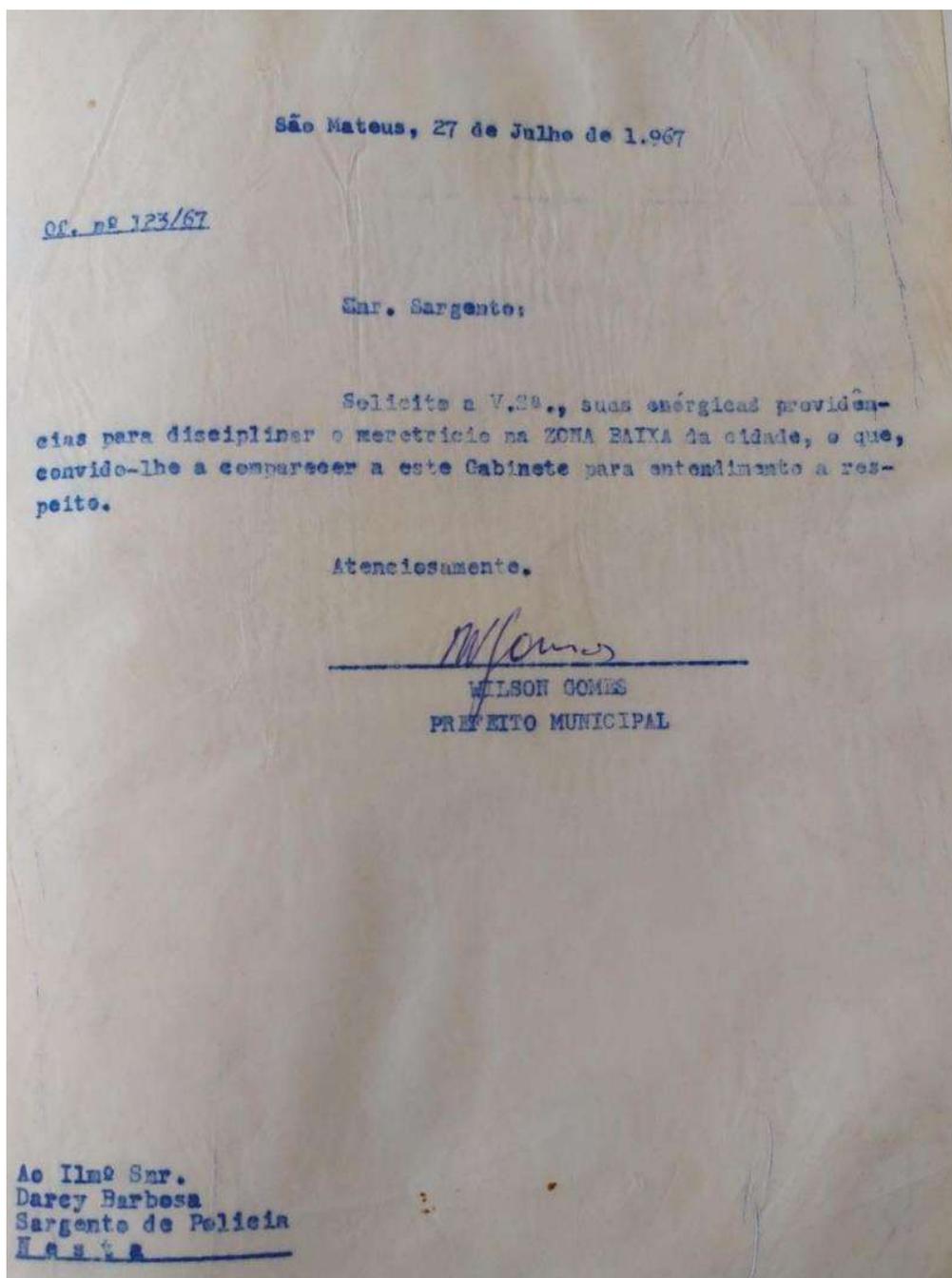
*Sebastião Maciel de Aguiar*  
Sebastião Maciel de Aguiar  
Secretário Municipal da Cultura

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS  
Protocolado sob o N.º 071.212 Fls. Em 18/05/93  
C. B. S.  
PROTOCOLISTA

Fonte: Acervo Documental da Biblioteca Municipal de São Mateus "Clementino Rocha" (2022)

**Tipologia:** Documento escrito - Ofício da prefeitura de São Mateus, de 13 de maio de 1993 - Localizado no acervo da biblioteca municipal de São Mateus, Espírito Santo.

Figura 6 - Foto do Ofício - SÃO MATEUS, Ofício nº 123/67 de 27 de julho de 1967



Fonte: Acervo Documental da Biblioteca Municipal de São Mateus "Clementino Rocha" (2022)

**Tipologia:** Documento escrito - ofício demandado pelo então prefeito Wilson Gomes para o Sargento de Polícia Darcy Barbosa em 27 de julho de 1967 - arquivado no acervo da Biblioteca Pública de São Mateus "Clementino Rocha".

## 2.4 Proposição da construção do conto infantil

Ao tratar do estudo da história local e do cotidiano para os anos iniciais, Fonseca (2009) dialoga acerca da possibilidade de construção de uma “pedagogia de memória” em que a história local é acentuada com um papel importante na construção das memórias, podendo ser um instrumento de confronto aos problemas de identidade, pluralidade cultural, pertencimento, aspectos importantes para as variadas extensões do viver. De tal modo, julgamos necessário ao decorrer da pesquisa, a criação de estímulos para o conhecimento da história local do Porto de São Mateus, voltada para os anos iniciais do ensino fundamental.

Enquanto proposta de material de ensino, consideramos a produção de um conto literário, criado com base no trabalho realizado com a pesquisa da história local, registros históricos e fontes orais sobre o Porto de São Mateus, que pode ser configurada enquanto uma estratégia de aproximação da história experienciada e aprendizagem da história local nos primeiros anos da educação básica. A temática do conto envolve o rio Cricaré e o desenvolvimento do Porto de São Mateus. Este conto infantil possui uma linguagem acessível para alunos dos primeiros anos iniciais, estágio em que estão adquirindo práticas de leitura e escrita. O conto foi organizado pela pesquisadora em parceria com o artista plástico, Fabián Castillo, que juntamente acompanhou o processo de pesquisa sobre o Porto e assina as ilustrações do conto. O material será acessível tanto para a comunidade escolar quanto para o público exterior as instituições de ensino, disponibilizado totalmente online e público.

Segundo Barros é necessário a criação de metodologias que se aproximem da vida cotidiana dos sujeitos e dos variados segmentos da sociedade, afirmando que “é preciso dar voz às histórias desses sujeitos que sempre estiveram excluídos dos conteúdos ensinados” (BARROS, 2012, p. 66). A construção do texto literário “*As aventuras de Kirikeré*” teve como objetivo de propiciar a compreensão do espaço histórico do Porto, as suas mudanças ao decorrer dos tempos. Baseando-se nas constatações de Fonseca (2009) em que esse tipo de material pode auxiliar na assimilação de temporalidade:

O trabalho pedagógico com textos literários nas aulas de História pode nos oferecer pistas, referências sobre o modo de ser, viver e agir das pessoas, os valores, os costumes, histórias de uma determinada época, de determinados grupos. Essas obras são fontes, evidências que nos auxiliam a desvendar e compreender a realidade, as mudanças menos perceptíveis, detalhes sobre lugares, ambientes, paisagens, culturas, modos de veste-se, enfim, detalhes de uma época. (FONSECA, 2009, p.181)

Ressaltamos, igualmente, a importância de contos de histórias locais do bairro Porto no âmbito educacional e social, pois envolve a formação de um aluno leitor, considerando feitos de criatividade, imaginação e produção, propondo também criticidade histórica. A literatura, segundo Fonseca (2009), além de se constituir a interdisciplinaridade, pode ser fértil para problematização sobre o passado e presente. Entendemos em nossa formação pedagógica, a importância de escutar e ter contato com histórias, principalmente na infância, constituindo-se um exercício essencial básico. Portanto, as histórias contadas ou lidas sobre o Porto de São Mateus poderão aguçar os conhecimentos dos alunos em anos iniciais.

Durante todo o processo de desenvolvimento deste estudo, vivemos uma instabilidade na saúde pública, como já citado anteriormente, de tal modo que em momentos de escrita, mais de uma vez, algumas escolas municipais de São Mateus suspenderam as atividades devido aos novos casos contágios por Covid-19 em 2021 devido aos riscos de contaminação, além de outras manifestações grevistas no ano de 2022 rede municipal de ensino de São Mateus, os profissionais da educação, reivindicam os reajustes salariais competentes a sua função e condizentes com a legislação atual. Nestas circunstâncias se tornou instável o asseguramento da realização efetiva da apresentação do conto infantil em sala de aula. Apesar desse contato presencial ser nosso anseio de experiência.

Pensamos na segunda via de efetivação da proposta, que foi a criação de um QR code<sup>16</sup>. Esta proposição visa o acesso do material do conto não somente em escolas,

---

<sup>16</sup> **Código QR** (sigla do inglês *Quick Response*, "resposta rápida" em português) é um código de barras, ou barra métrica, bidimensional, que pode ser facilmente escaneado usando a maioria dos telefones celulares equipados com câmera. Esse código é convertido em texto (interativo), um endereço URL, um número de telefone, uma localização georreferenciada, um e-mail, um contato ou um SMS.

CÓDIGO QR. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=C%C3%B3digo\\_QR&oldid=61880383](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=C%C3%B3digo_QR&oldid=61880383)>. Acesso em: 20 out. 2021.

mas que o código fosse colocado em espaços públicos, como no próprio sítio Histórico Porto. O Qr code direciona de forma instantânea ao conto produzido a uma página online, utilizando um aplicativo de celular chamado “digitalizador” e algumas câmeras de celulares já vêm com a tecnologia de identificação desses códigos. Além disso, a capa do conto tematiza a exibição do código, acompanhado com o link de acesso. Essa tecnologia promove a ampliação do acesso ao conteúdo do conto. Esta ideia se inspirou na leitura de um comentário deixado por um visitante do sítio Histórico Porto, na plataforma Google Maps, ele descreve uma sugestão interessante de intervenção sobre o local:

Marco histórico da cidade [Sitio Histórico Porto], podia ter mais investimentos, **Qr code com informações importantes por exemplo**. Precisa de investimentos. Mas é um lugar lindo. (INTERNAUTA Z, 2020, grifo nosso)

A tecnologia do Qr code, tem sido muito utilizada atualmente, é um código, um facilitador e de redirecionamento para sites ou aplicativos. Servindo para pagamentos de contas e para informações diversas. No nosso caso, desenvolvemos um código Qr próprio, com a leitura do código impresso na arte, disponível no APÊNDICE N, o usuário será direcionado para a página: <https://contokirikere.blogspot.com/>, nela consta as informações essenciais sobre o desenvolvimento do Conto literário infantil, além de um link para o download do material do conto em PDF – (Portable Document Format -Formato Portátil de Documento).

### 3. HISTÓRICO DO PORTO DE SÃO MATEUS: as representações do passado no presente

Um homem que caminha, contando seus passos pelas ruas...Solitárias ruas do Porto. O Porto, solitário Porto. Passos que abriram ruas...Mãos que tocavam seus instrumentos, lançando no ar dos corações suspiros, sonhos e poesia! (MARTINS, 1998, p.64)

O município de São Mateus está localizado no litoral norte do Estado do Espírito Santo, a 213 km da capital do Estado, reconhecido enquanto uma região de riqueza Patrimonial Histórica, devido ao tombamento do Sítio Histórico Porto pelo Conselho Estadual de Cultura no ano de 1976, ano em que recebeu a proposta de preservação de seus casarios por meio da Resolução n.º 01/1976.

Um dos maiores protagonistas da história de São Mateus é o Rio Cricaré, originalmente denominado de *Kiri-Kerê*, um “nome de origem indígena, que em tupi, *kiri-kerê* significa - aquele que é propenso a dormir, ou seja, dorminhoco.” (RUSSO, 2007, p.14). Possuindo aproximadamente 188 quilômetros de curso das águas preguiçosas e tranquilas que atravessam esta cidade, sua nascente no leste de Minas Gerais, desaguando no oceano atlântico no município de Conceição da Barra- ES.

Para compreender um pouco mais da história deste lugar, a seguir, destacaremos perspectivas históricas ligadas ao Porto de São Mateus, sistematizadas com base na leitura de teses, pesquisas e entrevistas orais realizadas na região. A primeira dissertação que destacamos é “São Mateus: do Lugar à Vila”, um estudo apresentado ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, desenvolvida por Sofia Maria Valente Simões dos Santos no ano de 2017. No trabalho, são identificados os períodos de povoamento da região de São Mateus, durante o século XVI e XIX, visando compreender a evolução urbana da cidade. Nesta dissertação encontramos características históricas que compreendem a região estudada, o Porto de São Mateus.

Santos (2017) em sua pesquisa expôs que as produções cartográficas que identificam a existência do rio Cricaré começam a aparecer entre os séculos XVI e XIX em Portugal, principalmente em cartas destinadas à coroa portuguesa. Esses escritos,

contém a caracterização da extensão deste rio, a forma de sinuosidade, de maneira particular descreve a povoação existente na região.

**Figura 1** - Recorte do mapa “Novus Brasiliae Typus”, de Willem Janszoon Blaeu, Amsterdam (1571-1638)



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Rio de Janeiro, 1631, disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_cartografia/cart164712/cart164712.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart164712/cart164712.htm) Acesso em: 07 set.2022. Nota: recorte feito pela pesquisadora. Nota: recorte feito pela

Santos, conjectura em seus estudos que o “reconhecimento do rio Cricaré/S. Mateus tenha sido resultado de interesses nas riquezas naturais, que desde o primeiro século de colonização do Brasil já se dissera e promovera” (SANTOS, 2017, p.175). Para tais evidências, a autora situa o manuscrito do ano de 1666, de autoria de Agostinhos Bezerra, fazendo referência ao “Rio chamado de Sam Matheus”, atestando a utilização do rio Cricaré como meio acessível às minas, afirmando que essa documentação “torna inquestionável o povoamento, no sentido de presença de colonos no Rio Cricaré”, entretanto não dando qualquer indício de povoação (p.175). Santos conclui, observando fontes primárias, a existência de citações de presença coloniais, mas que até o século XVIII não há comprovações da existência de povoação efetiva, no sentido de edificações na região de São Mateus.

A citação do rio Cricaré, nas cartas direcionadas a coroa portuguesa, é uma questão interessante ao observarmos a relação da história local de São Mateus na história Geral de colonização do Brasil. O historiador, italiano Geovanni Levi (1992), denomina esse olhar para história em menores escalas de estudo da micro-história. Segundo o autor “a micro-história como uma prática é essencialmente baseada na redução da escala da observação, em uma análise microscópica em um estudo intensivo do material documental.” (LEVI, 1992, p.136)

Levi (1992), contextualiza em suas análises a crise geral na linha revolucionária do mundo e nos rumos da história, demonstra a existência dos confrontos teóricos e metodológicos inseridos nas visões macro e generalizações da história geral. Afirmando que ao analisar somente as grandes estruturas, se perdem alguns detalhes importantes que só poderiam ser vistos com um olhar mais aproximado. Suscitando um “problema de descrever vastas estruturas sociais complexas, sem perder a visão da escala do espaço social de cada indivíduo, e a partir daí, do povo e de sua situação na vida” (LEVI, 1992, p.137) Ou seja, é importante fazer uma redução de escala de observação. Um excelente exemplo é trabalhar as menções de Agostinho Barbalho Bezerra em 1666, sobre o descobrimento da Serra das Esmeraldas pelo rio Doce ou pelo rio São Mateus, o manuscrito destinado a coroa portuguesa, citado por Santos (2017, p.91)

Mandei hua' das ditas [diligências] para o Rio chamado de sam Matheus dose legoas ao norte do Rio dosse que que he que onde se intentou [...] este descobrimento a ordem do capitão Francisco Ferreira Barffellos o qual navegando o Rio des ou dose dias, achou a sertesa das várias notícias e sinais antigos que sertificação ser pello tal Rio mto facil o descobrimento da mina que se busca tendo vista das terras que se presumem ser a das esmeraldas como sertificação varios Roteiros que dizem estão as tais fora de confusão das mtas que hai naquelle sertão [...]<sup>17</sup>

Nisto se constitui as perspectivas da micro-história, o deslocamento do paradigma de uma história despersonalizada das grandes estruturas, por exemplo, colonizadores em relação a colonizados, a fim de aproximar um debate mais singular, apresentando aspectos sociais próximos, buscando revelar fatos aparentemente não percebidos na história geral. Esta é uma linha muito interessante ao estudarmos a história do Porto

---

<sup>17</sup> PROPOSTA (treslado) de Agostinho Barbalho Bezerra sobre haver de descobrir a Serra das Esmeraldas pelo rio Doce ou São Mateus. AHU\_CU\_007, CX.01, D.67, de 28 de abril de 1666.

de São Mateus, começando pelo interesse das riquezas, pelas vias do Rio Cricaré, para Levi (1992), tais fenômenos como a colonização no Brasil, aparentemente bastante descrita e conhecida e que já alcançou compreensões suficientes na história, pode ganhar novos significados ao se alterar a escala de observação.

A elevação da vila de São Mateus, segundo Santos (2017) aconteceu em 1764 e em cidade, em 1848. Cancela (2012) cita Wied Maximilian e disserta sobre os interesses coloniais da consolidação da zona de contato através da nova vila de São Mateus, envolveu a intenção de preservação e proteção das minas do Serro Frio. É exposto que além de ser apontada enquanto uma região atrativa por seus recursos naturais, devido aos afluentes do rio Cricaré, resultando na fertilidade da terra para fins de agricultura, a região de São Mateus também apresentava importantes atrativos na exploração de madeiras de lei:

Da mesma forma, as florestas circunvizinhas a São Mateus possuíam grande “abundância de jacarandá, vinhático, putumuju, sergueira e outras madeiras úteis”, que há muito despertavam a cobiça de vários colonos luso-brasileiros engajados no comércio desta matéria-prima que alimentava a crescente indústria naval portuguesa, fazendo da povoação um dos principais portos de exportação de madeiras da região. (CANCELA, 2012, p. 177)

Dando seguimento ao histórico da ascensão da vila de São Mateus, percebemos os vestígios históricos das relações do poder colonialistas. Casal, citado por Cancela (2012, p.179) afirma que [...] nenhum outro motivo era tão importante para a transformação daquela povoação Mateus” como a função de “vigiar com todo cuidado” os possíveis desvios e contrabandos de ouro e pedras preciosas advindos da Capitania de Minas Gerais”:

Por toda colônia espalhava-se a notícia de que aquele rio possuía “sua nascente muito dentro de Minas Gerais”, especificamente na Comarca de Serro Frio, região produtora de ouro e diamantes, cujo desejo de enriquecimento e ascensão social levava inúmeros colonos, vadios e criminosos a partirem para a Povoação de São Mateus, de onde saíam várias entradas (quase sempre ilegais) em busca do tão sonhado eldorado (CANCELA,2012, p.179)

A intervenção do poder colonial, relacionados as minas também são dissertados na tese: “Cultura Política e Relações de Poder na Região de São Mateus: O Papel da Câmara Municipal (1848/1889)” apresentado no ano de 2007, o estudo aponta para a

descobertas das minas de ouro em Minas Gerais no início do Século XVII e as relações com o Rio São Mateus/Cricaré, no trecho destacado, nos revela o início de imposições, delimitações e proibições partindo dos interesses econômicos da coroa portuguesa acerca da utilização do rio Cricaré no século XVII:

[...] A entrada do Rio São Mateus para o interior foi “fechada” a partir do início do século XVIII, para que se evitasse o contrabando do ouro e o trânsito de colonos para o sertão, ocasionando assim um maior isolamento da região. A Coroa Portuguesa proibiu que os capixabas subissem o Rio São Mateus, (que possui uma extensão de aproximadamente trinta a quarenta léguas: mais exatamente 188 km em seu braço sul e 244 em seu braço norte) até a sua nascente na Serra da Safira em Minas Gerais, proibindo-se também aos mineiros descerem até o mar pelas vias fluviais. (RUSSO,2007, p15)

Um fato interessante, percebido nas entrevistas que realizamos com moradores da região do Porto de São Mateus, se entrelaça com os aspectos históricos da rota das minas de ouro e diamantes: a existência de narrativas populares que caracterizam o imaginário das riquezas do passado e descrevem as buscas por ouro, supostamente escondido por pessoas do século da colonização:

*“A gente aqui ouvia muitos comentários de pessoas dizendo que nos casarões antigos e velhos, existiram pessoas que guardavam ouro, escondiam no chão dos casarões, ou mesmo dentro das paredes, cavavam e depois rebocavam com alguma coisa e tapava o local. [...] Inclusive eu mesmo procurei [ouro] uma época, porque um irmão meu, o mais caçulo da família teve sonhos com uma senhora bem idosa, ela veio até ele e falou que em um dos casarões, que estão tombados ali no Porto, havia três potes de ouro enterrados: um estava cheio, um pela metade e outro para baixo do meio. Ele sonhou isso por 3 vezes, a primeira vez, e ele não deu importância, aí no dia seguinte ele teve o mesmo sonho, e no terceiro dia ele sonhou novamente o mesmo sonho e desta vez e a senhora idosa falou para ele que se ele não fosse arrancar o ouro ela iria passar para outra pessoa. Aí ele falou comigo e meu pai e mais dois irmãos e nós fomos procurar o tal ouro [...]”<sup>18</sup>*

---

<sup>18</sup> CAMURUPIM, Marlon. Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

Marlon<sup>19</sup>, pescador e antigo morador do Bairro Porto, relata (informação verbal)<sup>20</sup> com detalhes uma expedição em família à procura desses tesouros escondidos na década de 70, quando ele ainda era bem jovem. O relato retrata alguns detalhes de estruturas sociais do passado que se transformaram com a evolução e desenvolvimento da cidade, mas que aparentemente geraram representações no imaginário da população local.

Podemos analisar no contexto histórico do local, algumas marcas no imaginário popular, sob influência das culturas materiais e estruturas sociais estabelecidas no período colonial em São Mateus. Visto no contexto histórico colonial de São Mateus, havia a de probabilidade do escoamento de riquezas pelo rio Cricaré, fato que pode ter produzido representações sociais associadas aos casarios do Porto de São Mateus, aspectos presentes na fala do Senhor Marlon. Desta forma, associamos as influenciadas das histórias coloniais e as informações visuais, como os casarios antigos, ao pensamento de riquezas e tesouros nas narrativas populares.

Ao citar o termo representações é importante que comecemos a dialogar com as ideias do historiador francês, Roger Chartier, autor ligado à quarta geração da Escola dos Annales<sup>21</sup>, atuante no campo da história cultural. Chartier, desenvolve reflexões ao demonstrar certa insatisfação as teorias existentes da história cultural francesa na década de 60 e 70. Compondo alguns ensaios reflexivos para análises das práticas culturais. A obra *A História cultural entre práticas e representações* (1990), desenvolvida pelo autor retrata sobre o conceito de Representação. Esse conceito considera que as estruturas materiais estão ligadas a práticas sociais, em que estimulam a produção de ações, pensamentos, conceitualizações e Pré-conceitualizações.

---

<sup>19</sup> Nome fictício. Todos os nomes dos voluntários entrevistados foram preservados, inserimos nomes aleatórios, assim como sobrenomes aleatórios que fossem de origem indígena ou relacionado a peixes encontrados no rio Cricaré, para que a citação das entrevistas estivessem conforme a normatização de trabalhos acadêmicos em vigor.

<sup>20</sup> A fim de sinalizar as narrativas orais ao decorrer do texto, as citações referentes às entrevistas e informações verbais estão em itálico, aspas e com tamanho de fonte 11.

<sup>21</sup> Revista de autores e pensadores ligados ao movimento de renovação historiográfica, ver capítulo 5 deste estudo.

Ao analisar as estruturas materiais da sociedade, Chartier, afirma que os discursos nunca são neutros, “as lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor, a sua concepção de mundo social [...]” (CHARTIER,1990, p.17), ou seja, as representações sociais estão sempre em competição na luta pelo poder e dominação. A realidade desta concepção de Chartier é verificada quando encontramos mais falas relacionados as narrativas colonialistas do que discursos relacionados a tradição indígena na região de São Mateus.

Vestígios da tradição indígena em São Mateus começaram a ser descobertos recentemente. Em 2005, houve em São Mateus um Salvamento Arqueológico, denominado Sítio Arqueológico RPO-1, este salvamento foi licitado pela Petrobrás-ES. O trabalho de salvamento iniciou-se pós um comerciante chamado Paulo Sérgio Neves, encontrar seis urnas funerárias indígenas ao fazer escavações para o alicerce de sua casa, próximo à estrada do Nativo, no bairro Pedra D’água, o assunto foi manchete do Jornal Tribuna do Cricaré (São Mateus, ES), publicado em julho de 2005:

O comerciante Paulo Sérgio Neves encontrou seis urnas funerárias indígenas quando fazia escavações para o alicerce de uma casa, em terreno às margens da estrada do Nativo, na Pedra D’Água, a menos de um quilômetro da Rodovia Othovarino Duarte Santos. A descoberta aconteceu entre quinta-feira e domingo. Três urnas em forma de pote estão quase inteiras e são mantidas guardadas na varanda da casa dele, anexa ao local. Uma tem cerca de 40 centímetros de altura por 30 de diâmetro, outra mede 45 cm por 40 cm de diâmetro. A maior tem 1.16 metro por 80 cm de diâmetro, com uma parte superior (tipo tampa) de 50 cm. “Achamos primeiro uma urna menor que continha os ossos de crânio. Quando fomos fazer a outra lateral do alicerce, numa distância de dois metros, encontramos a urna maior, onde estava a ossada completa de corpo com arcadas dentárias e uma pedra esculpida, parte de uma machadinha – relata Paulo Sérgio Neves. As outras três, quebradas, estão sendo ‘montadas’ [...] “Quando eu encontrei a urna maior, tive o maior cuidado. Retirei toda a areia ao redor e de dentro com a mão, evitando usar a enxada ou pá. (TRIBUNA DO CRICARÉ, SÃO MATEUS, ES, p.3, 5 jul. 2005).

**Figura 8** - Foto publicada no jornal A Gazeta – julho de 2005



Fonte: imagem in: SCIENTIA. Relatório Final: Salvamento Arqueológico do Sítio Arqueológico RPO-1, São Mateus ES, p.6, 2005.

O Projeto de Salvamento foi encaminhado ao IPHAN– Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, desenvolvido pelo processo administrativo n.º 01500.000405/2004, em que recebeu a permissão de pesquisa. O sítio Arqueológico RPO-01 possui uma localização que se estende desde o município de São Mateus, litoral norte do Espírito Santo “no âmbito da bacia do baixo Rio Cricaré ou São Mateus, microbacias do córrego Águas Claras e do Rio Preto.” (SCIENTIA, p.01, 2005).

Em junho de 2005, foram achadas no Bairro Pedra D’Água, em São Mateus, oito urnas funerárias, sendo uma delas com 1,5m de altura contendo esqueleto completo (Jornal A Gazeta, 06.07.2005). As urnas estariam dispostas de forma eqüidistante [sic], sendo que a maior continha, além do esqueleto, artefatos de pedra e de madeira, e as menores continham apenas ossos de crânio. As peças foram doadas ao Museu de São Mateus pelo Sr. Paulo Sergio Neves, proprietário do imóvel onde as urnas foram encontradas durante uma obra. Estes achados fortuitos, dentre outros já relatados na área de São Mateus, corroboram a informação de que esta área era densamente povoada na chegada do europeu. (SCIENTIA, p.15, 2005)

Esses fatos detêm informações muito importantes sobre uma expressiva população indígena, anterior a colonização, na região estudada, evidências incutidas em cultura material nos registros arqueológicos encontrados. De fato, nessas duas situações podemos deduzir que na falta de um material cultural, o qual não incorporado a história local, pode produzir lacunas relacionadas as representações identitárias na memória e na história da região estudada.

### 3.1 Rio *Kiri-Kerê*: batalhas, domínio e economia

Rio preguiçoso que ornou batalhas entre colonizadores e botocudos, tem sua nascente em Minas Gerais. As suas lágrimas, verde-esmeralda, desaguam na Barra. As águas do Cricaré são enfeitadas por coqueiros e já trouxeram portugueses, levaram especiarias, assistiram à tirania aos escravizados, foram cúmplices de prostitutas, e esconderam corpos assassinados... As lágrimas do Cricaré [...] Chora, Cricaré, chora... (DANTAS, “*as lágrimas do Cricaré*”, 2021)

O rio Cricaré protagonizou um papel importante na história, seja para os interesses econômicos e conflitos territoriais para os europeus, seja enquanto lugar de refúgio e sobrevivência para os povos indígenas. O relatório final Salvamento Arqueológico do Sítio Arqueológico RPO-1, afirma que os vestígios arqueológicos encontrados nesta região do Cricaré, possuem relações territoriais com antigos grupos indígenas:

O sítio arqueológico está implantado na bacia do baixo Rio Cricaré ou São Mateus, microbacia do Córrego Águas Claras e do Rio Preto, em propriedade da Floresta Rio Doce, (atualmente Consórcio Aracruz Celulose e Bahia Sul Celulose), área utilizada pela Petrobras para exploração de petróleo. [...] Os sítios Históricos representativos do processo histórico de ocupação da região desde o período colonial, estão geralmente localizados às margens dos maiores cursos d’água, em vertentes suaves [...] (SCIENTIA, p.14, 2005)

Ou seja, as evidências arqueológicas determinam que populações indígenas escolheram se estabelecer nas proximidades dos cursos de água, os rios, e com o rio Cricaré não foi diferente. Outro fato que sustenta a escolha territorial da população indígena nas circunferências das curvas do Cricaré é desenvolvido por Russo (2007), que demonstra uma estratégia econômica da coroa portuguesa, ao limitar o acesso do Rio Cricaré, fato citado na seção anterior, ocasionou a formação de um território isolado, adequado para refúgio e habitação dos povos indígenas:

A estratégia da Coroa Portuguesa de isolar toda a região oeste do Espírito Santo, transformando-a num vazio impenetrável, limitou definitivamente o espaço territorial desta Província, durante o século XIX, confinando-a a faixa litorânea. Sendo assim, a única via de acesso à região de São Mateus e à região do Rio Doce, era pela costa, seja pela direção sul que levava a Vitória, a capital da Província, ou ao norte que levava a Porto Seguro, a sede da capitania mais próxima, longe ainda de haver qualquer estrada carroçável. Neste contexto, a “área proibida” tornou-se refúgio seguro para as últimas tribos bravias do leste brasileiro, particularmente os botocudos, concentrando assim um grande contingente indígena durante todo o século XIX. (RUSSO, p.15,2007)

A fim de caracterizar esses povos indígenas, localizados na faixa litorânea norte capixaba, o documento de Salvamento Arqueológico do Sítio Arqueológico RPO-1 tece um contexto etnohistórico e apresenta um panorama de cruzamento de dados arqueológicos, etnográficos, linguísticos, de alianças políticas e relacionamentos dos povos indígenas com os colonizadores, citando algumas das variedades de diversidade étnica entre os povos existentes na região capixaba:

As informações indicam que havia seis grandes grupos vivendo na região denominada de “sertões do leste”: os Tupinikin, os Kamakã-Mongoió, os Aimorés/Gren/Botocudos, os Puri, os Pataxó e os demais grupos compoendo a etnia genericamente conhecida como maxakali. (SCIENTIA, p.16, 2005)

O documento de Salvamento é respaldado em concepções da tese de Maria Hilda Banqueiro Paraíso (1998), em que desenvolve seu trabalho tematizando a conquista dos territórios indígenas nos sertões do leste, identifica e classifica as denominações das etnias próximo de rios, na Bahia, Minas gerais e no Espírito Santo. Verifica que os sertões do leste incluem as etnias que habitavam nas confluências do Cricaré, sendo:

- Os Botocudos / Gren / Aymorés nos rios Contas, Cachoeira, Pardo, Jequitinhonha, Jucuruçu, Itanhém, Peruípe, Mucuri, **Cricaré** e Doce.
- Os Pataxó/Patachó habitavam o curso médio dos rios de Contas, do Pardo, Jucuruçu, Jequitinhonha, Mucuri, **Cricaré** e Itaúnas.
- Os Kumanaxó / Comanaxó / Cumanachó habitavam o médio curso dos rios Jequitinhonha, Mucuri e **Cricaré**.
- Os Malali / Malalizes no médio curso dos rios Jequitinhonha, Mucuri, **Cricaré** e Doce.
- Os Makoni / Maconés / Macunis / Makuinins / Maquaris / Bakoani / Maconcugi nas bacias do Jequitinhonha, Mucuri, **Cricaré** e Doce. (SCIENTIA, p.17, 2005, grifo nosso)

O Relatório de Salvamento Arqueológico do Sítio Arqueológico RPO-1, São Mateus-ES, descreve aspectos das nomenclaturas étnicas que sofreram alterações com o

tempo, embasados nos estudos de Paraiso (1998) acerca da substituição do uso dos termos Aimorés, Ambaré, Guiauré ou Embaré, afirmando que essas eram as denominações atribuídas aos índios do interior pelos Tupi, sendo muito utilizada no século XVI. Afirma que no século XVII as alterações de nomes têm relações com a auto dominação do grupo, mudando então para Guerén, Gren ou Kren. “A partir do século XIX, foi substituída pela denominação de Botocudos, numa alusão aos botoques labiais e auriculares que usavam como adorno, e aos índios que ofereciam resistência à conquista de seus territórios.” (p.17)

**Figura 9** -"Botocudos do Rio Doce, fotografados na Barra do rio Pancas entre "Botocudos do Rio Doce, fotografados na Barra do rio Pancas entre Barbados e Colatina em 1920".



Fonte: In Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX, Paul Ehrenreich- Vitória, (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. p.130.

Moreira (2017) no livro “Espírito Santo Indígena: Conquista, trabalho, territorialidade e autogoverno dos índios, 1798-1860” do ano de 2017, destaca o episódio da guerra contra os botocudos, como também a recomposição do império português nos trópicos. Tal guerra ofensiva, foi habilitada pela carta régia do dia 13 de maio de 1808, deflagrada contra os índios botocudos do rio Doce das capitânicas de Minas Gerais e

do Espírito Santo, permitindo o cativo indígena enquanto durasse a sua “bravura”, ou seja, a resistência indígena, a fim de serem “amansados”.

Os relatos descritos demonstram que este foi um ato de retrocesso, visto que as leis pombalinas no ano de 1755 já havia abolido o cativo indígena. Desta forma segundo Moreira (2001) afirma que os “estereótipos contra os índios continuaram a reforçar as atitudes hostis” (p.120), mesmo depois da guerra oficialmente terminada, o massacre continuou existir ilegalmente, inclusive nas regiões de “Itapemirim, ao sul e em São Mateus ao Norte, houve grandes represarias mortíferas contra indígenas” (p.120).

Uma das evidências desses conflitos entre colonos portugueses e povos indígenas, consta no poema do Padre Jesuíta, José de Anchieta, conhecido enquanto épico: “De Gestis Mendi de Saa”, em que escreve os feitos históricos do governador do Brasil Mem de Sá. Em um trecho, retrata o marco da morte do filho de Mem de Sá em um dos conflitos com os indígenas. Marco de um dos primeiros triunfos dos povos nativos no confronto com colonizadores:

Logo que soube da morte cruel do filho extremoso, ainda que o amor sublime de pai lhe estremecia no peito e lhe rasgava a alma com golpe profundo, escondeu no nobre coração a imensa desgraça. [...] A morte, digo, saltando em tão grande duelo, arrebatou esse penhor, último consolo paterno. (ANCHIETA, Feitos de Mem de Sá, 1970)

O Jornal A tribuna de 1979, apresenta também um suposto fragmento da Carta de Mendi Sá à Dona Catarina, o texto relata a morte de seu filho Fernão de Sá, enviado ao Espírito Santo para combater os índios:

E chegando à Capitania do Espírito Santo entrou por conselhos dos que consigo levava pelo rio Oiraré (Cricaré) e foi dar em três fortalezas muito fortes, que se chamavam Marerique (hoje São Mateus), donde o gentio fazia e tinha feito muito dano, e morto muitos cristãos, os quais rendeu com muita morte de gentio, e ele morreu ali pelejando... Dou muitas graças a Deus por acabar Fernão de Sá, nesta jornada, em serviço de Vossa alteza. (A TRIBUNA, 1979)

Russo (2007), caracterizou em seu trabalho aspectos históricos de disputa de poder no passado da região de São Mateus, com evidências das primeiras ocupações da localidade. Assim, reafirma que a região era habitada por uma quantidade expressiva de índios “temíveis”, chamados de “botocudos”, que caracterizou o rio Cricaré

enquanto um “palco de vários conflitos entre brancos e índios durante o período colonial” (RUSSO,2007, p14):

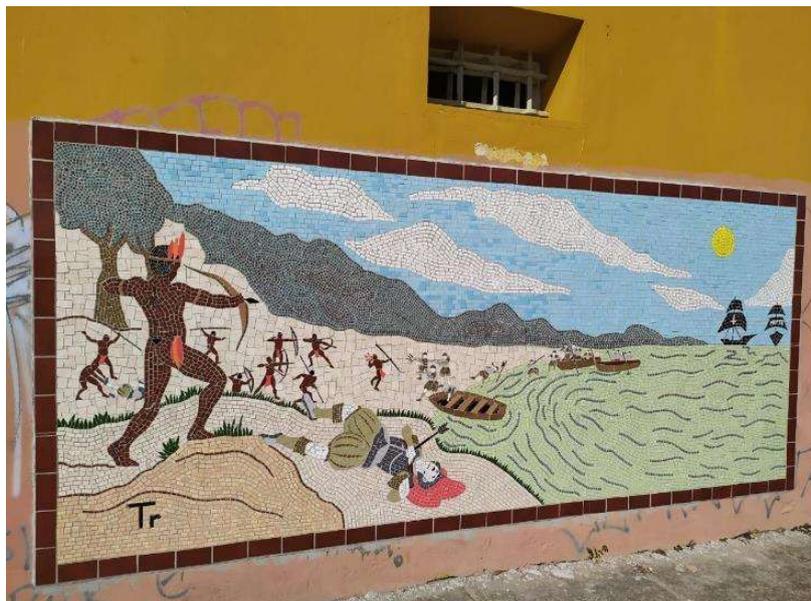
A Batalha do Cricaré, ocorrida em 1558 na confluência dos rios Cricaré e Mariricu foi um confronto entre os índios *botocudos* e os colonizadores portugueses, por determinação de Mem de Sá, Governador Geral do Brasil na época. [...] Segundo alguns historiadores, se constitui na primeira grande exterminação dos nativos. O episódio é historicamente conhecido como a primeira vitória de Mem de Sá no Brasil. (RUSSO,2007, p.14)

Compreendemos que tal refúgio nas confluências do rio Cricaré não permaneceu em tempos de paz por longos períodos, visto que os registros históricos e pesquisas, demonstram que o processo de desenvolvimento da região de São Mateus, não foi pacífico. Houve disputas econômicas e territoriais. Ao contrário do pensamento do “descobrimento” amigável das terras brasileiras, os registros e achados arqueológicos nos apresentam os povos que nesta região existiam e como reagiram à dominação dos portugueses.

Essas batalhas também ficaram conhecidas como marcos da resistência indígena, demonstram que os povos nativos não eram ingênuos ou passivos, como muitas vezes retratados. Pelo contrário, buscaram responder sistematicamente aos ataques promovidos pelo movimento de colonização. Para rememorar esse marco de resistência indígena, uma representação artística foi recentemente produzida e fixada na parede exterior do museu municipal de história de São Mateus, localizado na praça do Mirante da Cidade de São Mateus.

Posicionada em um local significativo da cidade, com vista para o rio Cricaré, a arte retrata uma batalha as margens do rio. Caracteriza os indígenas em uma versão valente no enfrentamento contra os colonizadores, além da morte de um deles, supostamente indicando o episódio da morte do filho de Mende de Sá. A arte identificada com autoria da sigla Tr., promove estímulos de reflexão histórica para aqueles que vão ao mirante observar a bela paisagem das curvas do Cricaré.

**Figura 10** - Fotografia- Arte em Mosaico – Museu Municipal de São Mateus



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022)

Nos episódios da Batalha do Cricaré no século XVI e a na guerra sistemática de extermínio dos Botocudos empreendida pela coroa portuguesa a partir do início do século XIX, podemos assimilar as similaridades deste acontecimento com as perspectivas da disputa por dominação que o autor Aníbal Quijano, sociólogo peruano disserta, ao tratar do extermínio de povos em seu trabalho: “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina- A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais-Perspectivas Latino-Americana”, (2005). Dialogando com uma ampla e significativa abordagem histórica que interliga colonialidade, raça e modernidade, o autor amplia nossa visão para compreender este acontecimento local pelo viés da dominação:

A dominação é o requisito da exploração, e a raça é o mais eficaz instrumento de dominação que, associado à exploração, serve como o classificador universal no atual padrão mundial de poder capitalista. (QUIJANO, 2005, p.138)

Quijano, assinala em seu trabalho o domínio que a Europa impôs sobre todo o globo por meio do mercado e colonização, apoderando-se um novo padrão de poder mundial hegemônico de controle da subjetividade, da cultura, do conhecimento e da

produção do conhecimento. Limitou e excluiu as populações colonizadas de seus descobrimentos culturais mediante a repressão dos conhecimentos dos colonizados.

Podemos compreender levando em conta as guerras de extermínio contra os povos indígenas a articulação da forma de controle e repressão, que os colonizadores europeus se colocaram como centro da civilidade e da linha temporal, por meio do extermínio dos indígenas que aqui viviam, constituindo-se um dos maiores genocídios contra os índios no Brasil.

Sobre a sistemática guerra contra os povos indígenas garantia a ocupação colonial Moreira (2017) disserta sobre o objetivo das capitânicas ao “entrar em guerra contra os indígenas da região, visavam o domínio e interesse do suporte para o comércio, colonizando toda região circunvizinha do vale do Rio Doce” (p.45). O extermínio indígena na região de São Mateus possui relações com interesses econômicos, para o êxito da circulação comercial.

Nestas condições e configurações conflituosas, Russo (2007) continua a destacar em seu trabalho, aspectos que foram fundamentais para o desenvolvimento e crescimento econômico da cidade de São Mateus, sustentado devido ao incremento da produção e comércio da farinha e do café,

O Cricaré possuía um porto principal na povoação que vai se formando sob o nome de São Mateus. O porto foi o responsável pelo futuro desenvolvimento econômico, social e político de regional, com seu comércio ativo no largo a beira do rio, já que se tratava de um porto fluvial, servindo de entreposto comercial para as embarcações que transitavam a costa brasileira, entre as Províncias da Bahia e do Rio de Janeiro principalmente. (RUSSO, 2007, p.16)

De tal modo, consta que o Porto no século XVIII e XIX desenvolveu uma intensa movimentação com casas comerciais, Santos (2017) afirma que a economia na região de S. Mateus, no início do século XIX já era crescente e manteve-se ascendente por anos. Tal prosperidade econômica fez aumentar número de estabelecimentos, que segundo Santos, revela um crescimento sucessivo de construções na primeira metade do século XIX.

As crescentes edificações “concentrar-se-ia em torno do centro religioso e cívico, mas também junto ao Porto de São Mateus, uma vez que se tornava no porto de maior movimento entre as duas grandes cidades do Rio de Janeiro e Bahia.” (SANTOS, 2017, p.181).

Outro tipo de repressão cultural nesta região, se revela na mudança do nome do rio, pois “o rio São Mateus era conhecido por rio Cricaré, nome de origem indígena, que em tupi significa *kiri-kerê* - aquele que é propenso a dormir, ou seja, ‘dorminhoco’ [...]” (RUSSO, 2007, p.16) a mudança de nome revela um tipo de apagamento da representação da memória cultural de um povo.

Ao cruzarmos a informação do câmbio do nome do rio, com o conteúdo da revista de Turismo da localidade chamada “São Mateus: História, turismo e Cultura” do ano de 2005, de autoria de Eliezer Nardoto. Existe a popularmente conhecida explicação como foi a transição deste nome, que segundo a tradição oral, a vinda do padre Anchieta em São Mateus no dia 21 de setembro, a fim para celebrar a primeira missa de celebração especial ao evangelista Mateus, “neste dia ele teria atribuído à aldeia e ao rio o nome cristão de São Mateus, retirando o nome pagão Cricaré, como era o costume da época” (NARDOTO, 2005, p.22). Contudo, Santos (2017) demonstrou que “não existem fontes primárias que possam consubstanciar a afirmação de que Anchieta tenha ido ao rio Cricaré, como também que tenha sido este padre a alterar o nome de Cricaré para São Mateus.” (p.176)

A história deste lugar relata desta forma que antes onde antes caminharam os povos nativos, agora começa a ser constituído enquanto palco de novos contextos e transformações sociais marcantes para os desdobramentos econômicos da história da cidade de São Mateus.

### 3.2 O Porto: movimentação, escravização, comércio e exportação

Corre o rio Cricaré. Em uma margem dele, o verdor de uma vegetação sempre exuberante, que orla o rio na margem oposta ao cais. Na outra margem, uma grande praça portuária, emoldurada por um colorido conjunto arquitetônico do século 19 e árvores que mais parecem um bordado verde do antigo cais. (LORDELLO, Eliane, 2021)

O sítio Histórico do Porto é a paisagem geralmente mais estampada em eventos locais, livros e revistas mateense. É um símbolo histórico ao se tratar de comemorações anuais do aniversário de São Mateus. A imagem dos casarios é considerada um cartão postal, também é associada a temas da cultura local. Historiadores amadores e autores locais, pela via de histórias relatadas, dissertam sobre a remota história do Porto comercial:

O Porto de São Mateus é uma riquíssima fonte histórica, a qual outrora um grande entreposto comercial. Era frequentado por navios de grande porte que exportavam madeira de lei, farinha de mandioca etc. Em uma época remota o Porto era povoado por comerciantes prósperos e uma copiosa e considerável população. (MARTINS,1998, p.64)

O sítio Histórico Porto, foi o primeiro dos cinco sítios históricos selecionados e tombados pelo Concelho Estadual de Cultura no Espírito Santo. De fato, ao olharmos para o Porto de São Mateus, atualmente, sua estrutura em cultura material nos leva a imaginar seu funcionamento no passado, que configurações sociais, pessoas e culturas passaram por ali? A tese de doutoramento de Ana Lucia Côgo (2007), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, que têm por tema a “História agrária do Espírito Santo no século XIX: a região de São Mateus”, fornece dados gerais dos processos históricos que podem nos assinalar tais configurações sociais mais remotas. Côgo, destaca em sua tese a potência econômica que o Porto de São Mateus exerceu durante o século XIX. Em que o Porto se destacou principalmente na grande escala de produção da farinha de mandioca,

[...] tendo em vista que esta região se constituiu no núcleo produtivo mais importante do norte da província capixaba à época, quando a atividade agrícola voltava-se predominantemente para a cultura da mandioca, sendo a produção da farinha de mandioca em grande escala para exportação a base da sua economia e a principal fonte geradora das riquezas regionais, durante praticamente todo o período enfocado. (CÔGO, 2007, p.190)

Esse papel comercial e o sucesso do porto fluvial é um marco para a história do Porto de São Mateus. Outro trabalho, que afirma estes mesmos aspectos históricos caracterizando o Porto e o interesse econômico que existiu em seu entorno, é a dissertação, anteriormente citada, de Santos (2017):

**O rio Cricaré faz parte da historiografia colonial brasileira desde o primeiro século**, tendo sido divulgado em Lisboa como um meio de se chegar às minas, através do Tratado da Terra do Brasil, de Pêro de Magalhães Gândavo, ca 1568; mais tarde em Madrid, em 1587, no Tratado descritivo do Brasil, de Gabriel Soares de Sousa e no início do século XVII no Livro que dá Rezaõ do Estado do Brasil com ilustrações de Teixeira Albernaz I. (SANTOS, 2017, p.5, grifo nosso)

Nesta citação vemos o interesse capitalista comercial relacionado ao rio Cricaré, na historiografia colonial, a fim de lograr mais riquezas para Portugal. Desta forma Santos (2017) em sua investigação, traçou um reconhecimento geográfico-histórico rico e aprofundado, abordou as continuidades e variações na apropriação deste espaço histórico e a contínua ascensão econômica da região de São Mateus no século XIX:

Perante a análise dos dados apresentados, podemos afirmar que a economia na região de S. Mateus, no início do século XIX já era crescente e que se manteve em ascensão seguramente até meados desse século. Essa prosperidade econômica, o aumento do número de estabelecimentos, revelam um contínuo crescimento do número de construções na primeira metade do século XIX. Este crescendo de edificação, concentrar-se-ia em torno do centro religioso e cívico, mas também junto ao porto de S. Mateus, uma vez que se tornava no porto de maior movimento entre as duas grandes cidades do Rio de Janeiro e Bahia. Um porto com grande movimento, o que inevitavelmente exigiu a construção de edificação em torno do espaço de cais, e provavelmente da Praça do Porto. (SANTOS, 2017, p.182)

De fato, a atual dissertação de Tiago de Matos Alves (2021), “Sociedade e economia portuária de São Mateus (1848-1889): A exportação da farinha de mandioca pelas águas “dorminhocas” do rio Cricaré”, abarca registros sobre os usos econômicos da bacia do Cricaré, destaca as atividades portuárias como um elemento essencial de desenvolvimento e de projeção da cidade de São Mateus entre os anos de 1848 a 1889.

Em suma, o autor acentua três marcos do desenvolvimento da região. O primeiro é quando São Mateus passou a ser considerada vila em 1764, contendo características fortes de comercialização, demarcadas de pelo porto fluvial e marítimo. Obtendo muito sucesso na exportação de farinha de mandioca e possuindo também enquanto fator econômico a mão de obra escravizada com crescentes centros fundiários. Em 1848, torna-se cidade, por sua potencialidade econômica social e demográfica. Segundo o Alves, no ano de 1888 acontece a abolição dos negros escravizados e em seguida o fim do período imperial, momento que acontecem as transformações socioeconômicas, no ano de 1889. Alves (2021), verifica a partir deste momento, o

grande fluxo de imigrantes em que ocorrem as “novas fronteiras agrícolas e o final do período de centralidade e hegemonia da farinha de mandioca para a economia do município de São Mateus.” (ALVES, 2021, p.6)

Russo (2011), também afirma que ao decorrer do período imperial, São Mateus foi o maior produtor de farinha de mandioca da Província do Espírito Santo, sendo uma grande potência em toda costa brasileira. Obtendo sucesso também na produção cafeeira da província. Destaca que o rio Cricaré constitui-se enquanto o maior responsável por esse desenvolvimento, pois atuou como um acesso natural de passagem da produção agrícola regional “viabilizando uma movimentação dos fluxos mercantis no porto fluvial de São Mateus, próximo à costa brasileira, onde se sobressai também um ativo mercado de escravos.” (p.14)

Nota-se com essas afirmações que alta produção de mandioca mantinha relações diretas com o trabalho escravo na região de São Mateus. Alguns estudiosos verificam que concomitantemente neste período desembarcavam no Porto de São Mateus africanos escravizados para trabalhos forçados nas fazendas. Tal aspecto contribuiu para o destaque econômico desta região nas exportações para regiões circunvizinhas. Esse fato é apresentado na tese de doutoramento de Ferreira (2010) “Donos do Lugar”: a geo-grafia negra e camponesa do sapê do norte – es:

Enquanto os povos indígenas locais lutavam contra a expropriação colonial de seus territórios, crescia o contingente dos povos africanos na região, desembarcados no Porto da Vila de São Mateus para servir como mão-de-obra escrava nas fazendas. Pelo Porto de São Mateus – fluvial - também era escoada a expressiva produção da farinha de mandioca, oriunda das fazendas situadas ao longo do vale do rio Cricaré: das áreas produtoras do “sertão”, a farinha era encaminhada em carros de boi até as margens dos rios, por onde descia em canoas até chegar ao Porto, onde era comercializada e escoada pelos navios - que também traziam os africanos escravizados. (FERREIRA, 2010, p.44)

A origem desta terrível prática de comércio de pessoas escravizadas, situa-se em séculos anteriores, mais precisamente no século XV. O autor Munanga, na obra *Negritude, usos e sentidos* (1988), caracteriza este período enquanto o famoso “século das grandes descobertas” trata do auge da expansão da Europa ocidental, momento em que os europeus entraram em contato com uma diversificação de povos, entre eles os negros africanos.

Kabengele Munanga, disserta que anteriormente ao século das navegações, muitos mitos sobre o continente africano existiam, baseados nas histórias de Heródoto<sup>22</sup>. Representações de um imaginário, que segundo o autor Munanga (1988), reproduziram pensamentos e ideias “clichês e bastante desfavoráveis” sobre o continente, disseminaram a ideia da existência de povos bárbaros, semelhantes a feras selvagens. “Essa visão retornou na Idade Média e no Renascimento, reatualizando sempre os mesmos mitos que faziam semi-homens, semianimais” (p.14).

O encontro dos europeus com os povos africanos poderia ter promovido uma desmistificação de estereótipos criados pelos mitos, mas contrária e intencionalmente, produziram ainda mais estigmas sobre características desse povo. Dentre esses estigmas, a ideia reforçava que essas pessoas necessitavam de serem “humanizados”. Ideologia traçada a fim de legitimar o trabalho escravo. Munanga (1988, p.15) descreve algumas das teorias abusadoras, a cerca de maldições relacionadas a cor de pele:

Na simbologia de cores da civilização europeia, a cor preta representa uma mancha moral e física, a morte e a corrupção, enquanto a branca remete à vida e à pureza. Nesta ordem de ideias, a Igreja Católica fez do preto a representação do pecado e da maldição divina. (MUNANGA, 1988. p.15)

Apesar do avanço no campo das teorias científicas do suposto desenvolvimento do raciocínio lógico no século XVII, qual muitas teorias teológicas foram contestadas, percebe-se a manipulação dos discursos em manter teorias raciais de desumanização em vigor em que “o negro, o selvagem, continuava a viver, segundo esses filósofos, nos antípodas da humanidade, isto é, fora do circuito histórico e do caminho do desenvolvimento”. (MUNANGA, 1988, p.16)

Em suma, tais discursos se fortaleceram ainda mais no campo científico nos séculos XIX e XX, consumadas nas teorias raciais embasadas em determinismos biológicos, chamado de “racismo científico”. Classificando raças segundo características

---

<sup>22</sup> Historiador grego (485-425 a.C.).

morfológicas, como, por exemplo, comparações de medidas de crânios. Segundo Munanga, isto legitimou ideologias perversas, para fins econômicos:

Panteia-se com essas teorias sobre as características físicas do negro a legitimação e a justificativa de duas instituições: a escravidão e a colonização. Numa época em que a ciência se tornava um verdadeiro objeto de culto, a teorização de inferioridade racial ajudou a esconder os objetivos econômicos e imperialistas da empresa colonial. (MUNANGA,1988, p.20)

Sabe-se que a crueldade desta ideologia possuiu grande serventia aos ideários da colonização no Brasil, e especificamente na vila de São Mateus. O Brasil possui uma história de três séculos de escravização humana, em um regime escravocrata estabelecido por colonizadores portugueses, ao trazer uma expressiva quantidade de povos da costa ocidental africana, usou de suas forças na produção dos engenhos e fazendas, atuaram na maior parte da mão de obra que existia na época. O tráfico humano, foi uma das principais práticas econômicas no Brasil Colonial, submeteu pessoas a condições de vida precárias, desumanização e alienação:

O negro foi reduzido, humilhado e desumanizado, desde o início, em todos os cantos onde houve confronto de culturas, numa relação de forças (escravidão x colonização), no continente africano e nas américas e nas cidades, nas plantações e nas metrópoles. Essa redução visava a sua alienação, a fim de dominá-lo e explorá-lo com maior eficácia. (MUNANGA,1988, p.33)

A observação da história de constituição do Porto de São Mateus configura-se enquanto um recorte de escala de observação dessa história escravagista do nosso País. Segundo Ferreira (2010, p.44) o Porto de São Mateus, possuía fatores especiais que o destacaram no período colonial enquanto importante via de comércio da região. O primeiro fator está em sua posição geográfica, uma vila afastada da costa e estabelecida em maior altitude, permitia uma visão panorâmica e segura aos colonos que desejam constituir as áreas de urbanização. Aponta também que a localização interiorizada foi outro fator que possibilitou o desembarque clandestino de africanos escravizados, mesmo ilegalmente em 1830 e 1850. A desembarcação de pessoas escravizadas no Porto de São Mateus também é apontada na revista de Patrimônio Cultural do Espírito Santo – Arquitetura, desenvolvida pelo Governo do estado do Espírito Santo, afirma que o último navio clandestino foi apreendido na região em 1856:

As transações eram feitas no mercado construído na praça em frente ao cais, onde os escravos ficavam presos para serem marcados e depois seguiam para o pátio onde eram expostos aos senhores. No Porto de São Mateus desembarcaram grande parte dos negros que vieram para esta região do Brasil. Lá, foi apreendido o último carregamento clandestino na costa brasileira, em 1856. São Mateus começa a sofrer sua primeira crise econômica, devido à deflagração dos movimentos abolicionistas. A decadência da economia local se reflete nas atividades do porto, não provocando, porém, sua interrupção completa. (GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2009, p.299)

Os casarios coloniais do Porto de São Mateus remetem a memória forte do comércio negreiro e de farinha de mandioca. Não somente uma memória arquitetônica pujante da escravização, mediante os casarios, mas também permaneceram marcas na mentalidade social de alienações raciais. A senhora Ayra Araruna, 71 anos, nascida em 1951, advinda do Rio de Janeiro para o Porto de São Mateus com 12 anos, conta como eram as relações entre pessoas negras e brancas na década de 1960, demonstra que o racismo se tornou uma arma ideológica de dominação impregnada por gerações:

*“Quando eu cheguei aqui, quando eu era criança, eu lembro, tinha um pessoal muito simples, sabe, muito verdadeiro, mudou muito as coisas. **Os pretos eles achavam que eles era... Aquelas pessoas antigas preta, achava que eles eram escravo, sabia? Eles tratavam a gente como branco, e eles como escravo, era desse jeito, eu lembro, eles respeitava a gente. A gente era pobre, mas por causa da cor da gente, achava que a gente era mais que eles, respeitava a gente assim, como se a gente fosse mais que eles, por causa da cor deles. Eles diziam que era escravos, já pensou?! Eles mesmo que achavam... aí a gente falava: não, mas a gente é igual vocês, e eles respondiam: não, mas vocês são maior que nós, vocês são brancos, nós somos pretos, escravos. Os pretos antigos, respeitava os brancos assim. Mas o povo de São Mateus, os brancos, os ricos, tratava os pobres desse jeito, humilhava as pessoas. Aí já tinha isso, as compleção...***” [sic]. (ARARUNA, 2022 grifo nosso)<sup>23</sup>

Relações racistas de opressão, relatadas nas falas<sup>24</sup> da senhora Ayra, são marcas que se perpetuaram por muitos séculos de escravização no Brasil. Segundo Forde

<sup>23</sup> ARARUNA, Ayra, **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2022

<sup>24</sup> A fim de sinalizar as narrativas orais ao decorrer do texto, as citações referentes às entrevistas e informações verbais estão em itálico, aspas e com tamanho de fonte 11.

(2019)<sup>25</sup>, esse contexto constituiu uma sociedade eugenista entre os anos de 1930 e 1940 no Brasil, resultou numa normatividade dessas relações, como se apresenta no relato, em que aparecem questões de reprodução de um racismo estrutural institucional, marcas presentes na constituição da cidade de São Mateus. Torna-se importante compreender e analisar como foram essas articulações do trabalho escravo em territórios latinos, por meio do controle.

Este assunto, amplamente discutido por Quijano (2005), tematiza o movimento de centralidade imposta pela civilização europeia, representou o modelo de civilizatório a ser seguido pelos demais povos que eram considerados atrasados na linha temporal da história, em uma perspectiva evolutiva, constituindo-se enquanto parâmetro de hierarquia racial. Segundo o autor, a raça e a divisão dos trabalhos coloniais foram associadas e articuladas “naturalmente”: índios, servidão, o negro, escravizado e branco, assalariado. Revelando que houve uma distribuição racista do trabalho em todo período colonial. As raças ditas inferiores ao exercer os mesmos trabalhos dos brancos recebiam um menor salário, marcando o início da classificação racista da população do mundo.

Segundo Quijano (2005) a Europa cresceu absurdamente com seu privilégio de posicionamento, ao controlar o ouro e prata numa crescente economia favorecida pelo trabalho dos índios, negros e mestiços. Demonstrando que os brancos possuíam a vantagem na disputa do controle do comércio mundial. Esse controle do ouro se revela em um dos episódios históricos locais da região de São Mateus, segundo Russo (2007) com a descoberta do ouro em Minas Gerais, a abertura do rio Cricaré para o interior foi bloqueada com o início do século XVIII, “para que se evitasse o contrabando do ouro e o trânsito de colonos para o sertão, ocasionando um maior isolamento da região” (p.15).

Russo (2007) ainda relata que a coroa portuguesa impediu a subida dos capixabas pelo rio Cricaré, além de proibir aos trabalhadores, mineradores de descerem até o oceano pelas vias fluviais deste rio. Quijano (2005) afirma que a colonialidade do

---

<sup>25</sup> FORDE. Gustavo Henrique Araújo. Palestra ministrada no curso **Afrodescendência, Relações Étnico-Raciais e História da Educação no Espírito Santo**. Realizado em São Mateus, em maio 2019.

controle do trabalho, determinou geografia social do capitalismo, ou seja, esse episódio observado em menor escala na região de São Mateus, exemplifica como a Europa se torna o centro do mundo capitalista. O capitalismo mundial foi desde o início, colonial, moderno e euro centrado.

Retomemos a povoação de São Mateus. Os registros apontam que São Mateus, nem sempre pertenceu ao Espírito Santo. Existem nos registros um certo tipo de interesse econômico na região. Segundo Santos (2017) ao tratar da povoação de São Mateus no ano de 1758, esta era uma região pertencente da Comarca da Bahia, este fato se revela em um manuscrito destacado, destinado ao conselheiro Antônio de Azevedo Coutinho, escrito destinado para Sebastião José de Carvalho, o Marquês de Pombal. Nesta carta é possível identificar elementos referenciados à comarca da Cidade da Bahia e informações sobre “Povoação de S. Matheoz”:

Por esta carta fica-se a saber que em 1758, São Mateus ainda era uma povoação, portanto não era vila, e que tinha juiz, escrivão e Capitão-mor da povoação providos pelo governo da Bahia. Também afirma que é esta a povoação mais a sul, provida pela Comarca da Bahia. (SANTOS, 2017, p.113)

Além disso, Santos, considera a evidência que o presidente da Província do Espírito Santo, Francisco Alberto Rubim, realiza um comunicado ao Conde de Linhares em que neste documento há indicações das vantagens de se recuperar o território da chamada Vila de S. Mateus, que fora povoada em 1722, esse fato passa estar vinculado “ao momento de início do povoamento de S. Mateus, para a historiografia do Espírito Santo.” (SANTOS, 2017, p.176) Percebemos neste fragmento, que desde o início, este território começa a ser demarcado por disputas econômicas.

A estrutura do casario do Sítio Histórico Porto que visualizamos hoje, reflete um estio específico de urbanização portuguesa, a evidente diferença de arquitetura. Esta foi uma das primeiras características mencionadas pelos alunos dos anos iniciais, ao serem questionados sobre: *“O que vocês vêm no Porto quando passam por lá? O que vocês acham de interessante lá? - As casas! - As casas também. - Os casarões. - É que as casas são tudo juntinhas, são diferentes.”*<sup>26</sup> Alves, caracteriza que o surgimento, a localização e a ocupação da então antiga vila, além de manter uma

---

<sup>26</sup> Ver tópico 5.3 **Sondando histórias de agora:** narrativas na sala de aula.

arquitetura específica, os colonos possuíam também estratégias profundas em suas edificações, mantendo relações diretas com o rio Cricaré:

A Vila nasce no alto da elevação de frente para o Rio Cricaré, ponto estratégico de observação de defesa, com fornecimento de água necessário para os moradores. O acesso era feito exclusivamente pelo rio e havia uma única e estratégica subida da região do porto para a cidade alta. Foram rapidamente criadas em São Mateus estruturas administrativas e de controle, como a câmara municipal e a cadeia pública, simbolizadas no prédio da antiga Casa de Câmara e Cadeia, atual Museu Municipal de História da Cidade de São Mateus. (ALVES, 2021, p.41)

Com o crescimento da Vila de São Mateus, os estudos sobre a região do Porto apontam que a partir do século XIX houve uma expressiva produção da farinha de mandioca na região. Alves, verifica que a mandioca que é uma planta nativa do Brasil, encontrada em todas as regiões sido cultivada anteriormente pelos indígenas da região do Cricaré. Uma planta acessível para manipulação e logo inserida na alimentação no início da colonização, “a partir do contato inicial desses grupos, especialmente Tupi, com os portugueses e posteriormente com os africanos escravizados, houve uma adaptação e incorporação dessa planta na dieta alimentar, inclusive com o domínio da técnica da produção artesanal da farinha.” (ALVES,2021, p.42).

Como posto anteriormente, São Mateus nem sempre pertenceu ao Espírito Santo. Alves, ao tratar das disputas econômicas entre províncias, cita os tempos da alta demanda comercial portuária da região. Segundo o autor, São Mateus pertenceu à Comarca da Bahia, entre os anos de 1764 a 1823, fato que não impediu a estrutura comercial mateense de ampliar suas redes mercantis aos negociantes do Espírito Santo e Rio de Janeiro:

Desta forma, o porto daquela vila junto aos do Espírito Santo unificavam-se com os da província do Rio de Janeiro formando uma única geoeconomia litorânea. A união simultânea de São Mateus ao Império do Brasil e à província do Espírito Santo consolidou politicamente essas redes comerciais naquele momento. (ALVES,2021, p.48)

Tal estudo atesta a importância portuária de exportações de farinha em São Mateus, que segundo Alves (2021), não apenas favorecia a microrregião, mas ressaltava a efetiva importância econômica para a administração da Província do Espírito Santo.

O autor apresenta as estatísticas de exportação portuárias do ano 1828 no Espírito Santo, indica que “a exportação de Farinha de Mandioca era feita praticamente na sua totalidade pelo porto de São Mateus. [...] Representando 61,2% da renda proveniente de exportação pelo Espírito Santo (p.51) Conclui-se então que a produção de farinha, em grandes proporções foi o fator intensificador do fluxo de embarcações em São Mateus. (ALVES,2021, p.50)

A intensidade deste comércio portuário está marcada também nas memórias de Moradores do Porto, como do Sr. Moacir Ubiratan, com 73 anos, que relembra aspectos que descrevem a história do Porto enquanto ainda um centro comercial:

*“Quando o navio chegava e passava naquela curva do rio, ele buzina. E as pessoas iam para beira do Rio para esperar ele chegar. Os ricos, os ricos mesmo, todos tinham lojas aqui embaixo [no Porto]. Tinha loja de roupa, tinha lá a loja do Pinha, tinha o Milton que tinha mercado. Bom, os comércios em geral, todos eram aqui no Porto. Tinha Armazém de café, tinha armazém de querosene, aqui era como se fosse o centro da cidade mesmo. Tudo começou aqui.” (UBIRATAN, 2021)<sup>27</sup>*

Sr. Moacir, conta, que com oito anos chegou com sua família a São Mateus, aproximadamente no ano de 1961, rememora que o lugar mais urbanizado para se morar ainda era o Porto:

*“Eu cheguei com 8 anos para cá, com minha mãe e mais dois Irmãos, só não lembro o ano que foi, com o passar do tempo eu fui conhecendo as coisas mais ou menos, aqui do Porto. O movimento todinho era aqui, lá em cima era quase um deserto [atual centro], aquelas ruas avenida José dos Santos Neves, lá do mercado, não tinha nada. Tinha uma empresa de transportes, nem era São Gabriel, na época era a viação Itapemirim que fazia a linha Vitória São Mateus, e aqui no Porto era aquele movimento de pessoas. Tinha, mercado com açougue, tinha o transporte com o navio que vinha trazer aqui mercadorias, trazia carnes, aquelas carnes lá do Rio Grande do sul, umas carnes que chamavam de “carne de jabá” na época, acho que até hoje chama assim. Descarregavam o navio, aí já tinha o pessoal esperando para descarregar, então recarregavam com madeira serrada, do cacique, Serralheria cacique. Era madeira serrada da mata, tudo de tora das matas por aqui da região, aqui ao redor era muita mata.” (UBIRATAN, 2021)*

---

<sup>27</sup> UBIRATAN, Moacir. **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

Notamos que São Mateus é uma cidade que nasceu nos entornos do rio Cricaré, e o rio exerceu papel de principal entrada e desenvolvimento. O estudo histórico apresentado sinaliza que até meados século XIX a cidade apresentava uma economia prospera, alicerçada pela forte movimentação comercial. Entretanto, consta que esse sucesso econômico fluvial teve um prazo, sofre um declínio na década de 1960. Um dos fatores indicativos da decadência do Porto de São Mateus apontados pela tese de Alves, foi a dinamização e atualização dos Portos, ou seja, as ocorrências das reformas portuárias, para adequação do sistema capitalista de produção e novas tecnologias que demandavam investimentos altos:

Diante dessa nova configuração dos portos, São Mateus não teria condições de receber os navios maiores de carga do século XX, com as condições de navegabilidade, profundidade média e largura não sendo adequadas para embarcações de porte muitas vezes superior às do século XIX. A região do antigo porto não teria espaço para manobras de navios de grande porte. (ALVES,2021, p.123)

Outra hipótese da decadência do Porto de São Mateus é o fato consistente da construção da Br 101<sup>28</sup>, o documento cita a contratação de tratoristas a fim de construir os entroncamentos referentes a Avenida Jones dos Santos Neves com a BR; a ladeira do Besouro com a rodovia São Mateus a Nova Venécia identificada enquanto parte baixa da cidade, um indício de movimentação e aberturas de estradas na cidade.

A estrada de rodagem começou a ser construída em 1963 conectou São Mateus a Vitória, capital do Estado do Espírito Santo. Com transportes terrestres, iniciou o esvaziamento comercial Portuário, os casarios pouco a pouco foram sendo abandonados. A elite mateense mudou suas residências e o comércio dirigiu-se para parte alta da cidade. O local foi ocupado por cabarés e bares, gerando um novo tipo de movimentação em que a preservação dos casarios foi atribuída as prostitutas que impediram sua destruição, existe no local um marco de preservação dedicado a estas mulheres. Entretanto, elas foram expulsas da região, numa tentativa de higienização social governamental.

---

<sup>28</sup> Figura 4, p.30 - Contrato de construção de terraplanagem de estradas localizado no acervo especial da Biblioteca Municipal de São Mateus, assinado pelo então prefeito Othovarino Duarte Santos em 13 de julho de 1961.

#### 4. AUSCULTAR: MARCOS, MUDANÇAS E MEMÓRIAS

*“A cidade começou foi no porto né, [...]” (ARACY, 2021)*

Na apresentação do contexto Histórico do Porto de São Mateus, vimos que a cidade se origina pelas vias do sinuoso rio Cricaré. A frase da senhora Aracy<sup>29</sup>, moradora do Porto, faz referência a esse começo da cidade, no sentido de que o Porto foi a porta principal de acesso. Segundo Alves (2021), em termos de ocupação e povoação em São Mateus, a região da Igreja Matriz demarca a centralidade inicial de urbanização, constitui a parte mais antiga da cidade:

A povoação de São Mateus reúne as características das primeiras povoações portuguesas no Brasil, localizando-se ao longo do rio, no ponto mais elevado da região estrategicamente protegido, tendo o controle de guarda para a foz e para as nascentes do rio, nos sertões. A Igreja Matriz é o elemento centralizador de agrupamento e união, demarcando o centro urbano inicial da povoação, em torno da qual se consolidará a construção das demais edificações. (ALVES, 2021, p.37)

**Figura 11** - Igreja Matriz São Mateus – Início do século XX



Fonte: IBGE - Cidades- Disponível em:<  
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/sao-mateus/historico>> (2022)

Como vimos, anteriormente a época colonial já havia vida e história, iniciando com os povos indígenas às margens do Cricaré, em seguida, acontecem as disputas

<sup>29</sup> ARACY, Mayra, **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

territoriais, escravização e uma séria de barbáries. Durante a colonização, a região chega ao seu auge comercial devido suas relações portuárias proeminentes da agricultura local e finalmente a história acentua a decadência portuária em meados da década de 1960. Entretanto, sabemos que a história não se limita a esse ponto, não termina com o fim do fluxo Portuário, a história não é estanque, e como afirma o historiador Marc Bloch, a história é uma constante produção que une passado e presente, entendemos que a história sempre está em contínuo no tempo.

Ao investigar vestígios da história do Porto, pós-declínio portuário, constatamos que existe uma lacuna documental, nos documentos ditos “oficiais” que atestem fatos que retratem a história do Porto de São Mateus após a década de 1960. Consultamos o Arquivo Público do Espírito Santo em junho de 2021 e lamentavelmente não há fontes sobre o Porto de São Mateus a datar deste período. Também fizemos algumas visitas à prefeitura de São Mateus e solicitações pesquisa documental, a fim de sermos direcionados ao responsável do arquivo público municipal, para que pudéssemos consultá-lo. Entretanto, houve dificuldades em acessar quaisquer documentos da época no decorrer da pesquisa.

O que aconteceu nessa região pós-declínio portuário é o que buscamos apresentar pelo viés das histórias orais temáticas de testemunhas que vivenciaram o período após a decadência Portuária. Os relatos orais que seguem são de senhores e senhoras idosos, com idades acima de sessenta anos, antigos moradores do bairro Porto, com mais de 30 anos de vivência na região pesquisada, relacionamos essas narrativas entrecruzam outros meios de registros da história, sendo anedotas, escritos locais, poemas e artigos de jornais encontrados em pesquisas na Biblioteca Municipal de São Mateus “Clementino Rocha”, documentários, consultas online e buscas no site Instituto Jones dos Santos Neves<sup>30</sup> (IJSN).

Seguimos um caminho para análises dessa determinada realidade social que envolve o Porto de São Mateus, segundo Chartier (1990), é possível classificar e dividir apreensões do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de

---

<sup>30</sup> Ferramenta de busca online de jornais, disponível no site oficial do Governo do Estado do Espírito Santo: <[ijsn.es.gov.br](http://ijsn.es.gov.br)>

apreciação do real. Elencamos para as análises, das fontes que se seguirão, três categorias que consideramos importantes para a temática proposta. Buscamos identificar nas narrativas gravadas, aspectos de que retratam um Porto durante o período comercial a partir da década de 1960, narrativas que marcam a experiência em presenciar a mudança do foco comercial e identificar fontes e vestígios que revelam a ocupação e expulsão das meretrizes da região do Porto. Além verificar os acontecimentos e movimentação que buscaram a valorização do Patrimônio Histórico Porto e sua jornada para revitalização.

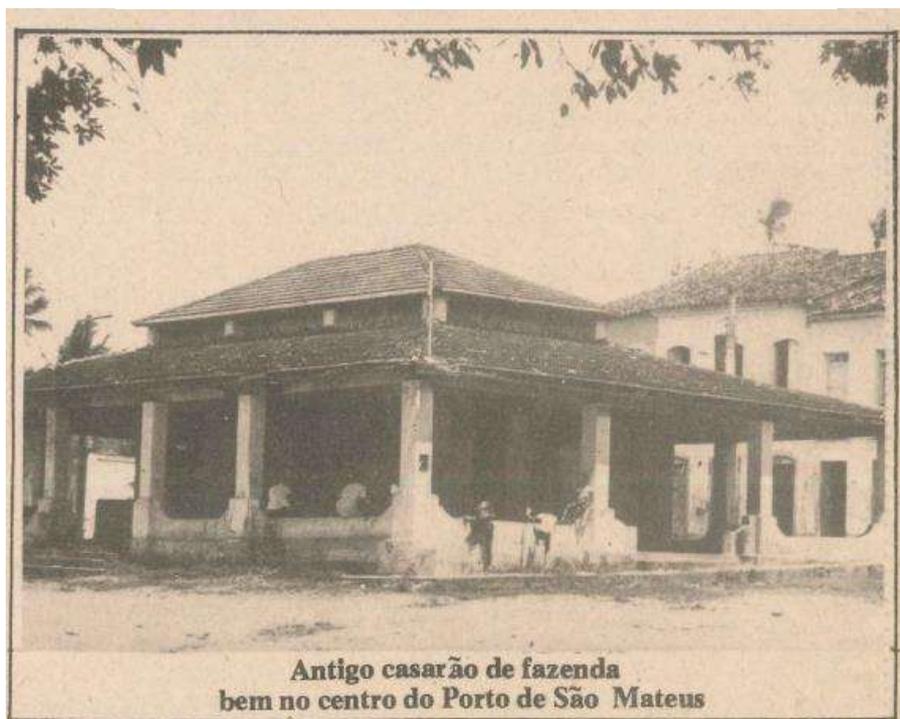
#### 4.1 **Entre vozes e registros:** o antigo mercado do Porto

Iniciamos a temática do antigo mercado com depoimento de uma senhora, muito conhecida da localidade do Porto de São Mateus, carinhosamente chamada de dona Neném Preta, viveu muitos anos no Bairro Porto e descreve os modos de viver que presenciou na região:

*“Antes, era uma delícia, era bom, era bacana, todo mundo respeitava os outros, respeitava família, respeitava até uma criança. Antigamente até uma criancinha todo mundo respeitava, naquela época era outra coisa né, o Porto era mais movimentado, tinha comida, tinha tudo, vendia tudo, vendia comida dentro do mercado, era lenha que eles vendia, naquela época não existia gás, era lenha, eles vendia os cavalo de lenha, vendia farinha, vendia tudo aí, tudo, vendia tudo.”*  
(PRETA, Neném, documentário- projeto Rede olhares do mundo, 2012.)

Neném, é uma das senhoras que gostaríamos de ter conhecido, mas já é falecida, entretanto a sua voz ainda fala por meio das histórias narradas em jornais e entrevistas. Em sua participação ao documentário Projeto Rede olhares do mundo em 2012, disponível na plataforma digital *Youtube*, Neném, relata com saudosismo a diferença entre o passado e o presente no Porto, destaca o fluxo de movimento no passado, gerado pelo comercio que acontecia no Porto, conhecido como antigo mercado municipal. As memórias lembradas sobre o Porto, que está senhora carregou consigo, possui feições positivas daquele tempo em que a atividade comercial era intensa.

**Figura 12 - Antigo Mercado Municipal de São Mateus**



Fonte: Jornal A tribuna, (1979)

A reportagem A Gazetinha do ano de 1995, São Mateus, confirma os dizeres de dona neném, ao tematizar o fim do ciclo de mandioca e o início do ciclo da madeira, afirma que São Mateus “tornou-se uma cidade com vida social intensa, sendo o porto o principal núcleo de atividade da população, transformando-se em importante centro comercial e local de residência dos comerciantes.” (A GAZETINHA, 1995)

Outros relatos orais, entrelaçaram as lembranças das embarcações com o movimento comercial do Porto. Dois moradores dos dez entrevistados, ainda na infância, foram testemunhas oculares das cargas e descargas de mercadorias de navios que ainda circulavam na região: “aqui vinha navio, aqueles navios que vinham trazer mercadoria e levava madeira. Lembro que com oito anos, eu vi muita coisa, no cais tinha uns quatro ou cinco navio... um navio que se chamava Richarles...” (UBIRATAN, Moacir,2021) Segundo estes relatos, os navios eram de porte médio e realizavam o transporte de madeiras, carnes e operavam transações com pequenos agricultores locais. As madeiras eram exploradas pela madeireira Cacique, localizada próximo ao Bairro Porto:

“Antes dos navios chegarem eu ficava assistindo os navios chegar e os marinheiros descarregar o navio, **eram navios de porte médio**, aí tinha o movimento de quando o navio chegava. [...] Quando o navio chegava e passava naquela curva do rio, ele buzina e as pessoas iam para a beira do rio para esperar ele chegar. Os ricos, os ricos mesmo, tudo tinha loja aqui embaixo. Tinha loja de roupa, tinha lá o pinha, tinha o Milton, Milton tinha mercado[...] os comércios em geral tudo eram aqui no Porto. Tinha Armazém de café, tinha Armazém de querosene, era como se fosse o centro mesmo. tudo começou aqui [...] tinha um movimento de um pessoal que mexia com matança de gado, tinha muito pescadores na época. Aí era esse movimento que fazia, e tinha aquele pessoal também dos interiores que vinham trazer a farinha, vinham trazer as bananas. Vinham trazer tudo a cavalo, porque não tinha nada de transporte de carro. **Tudo era vendido aí mesmo no mercado.** Eu alcancei foi muito. O trabalho que tinha para o pessoal trabalhar era pouco, a não ser a cacique que era onde pegava o pessoal, o resto era tudo os camaradas descarregando os navios, outros trabalhando com olarias, fazendo tijolo. Eu com 12 ou 14 anos também trabalhei com olaria, fazendo tijolo e a vida era essa.” (UBIRATAN, 2021, grifo nosso)

O Sr. Moacir, relembra a grande movimentação que acontecia no Cais do Porto, no mercado, também comenta sobre os modos de trabalho que existiam na época. Como o Sr. Tidilô<sup>31</sup> com idade atual de 74 anos. Em suas lembranças sobre os navios e comércio, que presenciou ainda na infância, fez relatos similares:

“Bom, o Porto tinha navio, tinha dois navios: o Richarles e tinha o Secal. Aí quando nós morávamos na beira do rio, eu via eles passar, passava pertinho de casa lá. O Richarles e o Secal eram navios bonitos[...] **aqui no Porto tinha muita coisa, tinha mercado**, nós vinha de lá com papai, vinha entregar abobora no navio. Lembro quando ele entregava abobora no navio, porque papai fazia plantio, plantava batata também e ia vender no navio[.] **E quando era mercado, ali vendia era peixe, vendia verdura, mesma coisa que o mercado lá de cima.** A cidade só não era muito grande, só existia o Porto aqui e tinha umas casas aqui em cima, só. Pouquinho casa, aí foi aumentando né[...] essa madeireira que entregava madeira para os navios, eu trabalhei nela, se chamava cacique, trabalhei um ano lá, depois saí, porque trabalhava demais. Eu cortava madeira. Tinha madeira de jequitibá, cedro, muita madeira, madeira tirada da mata nativa. A chata [equipamento de transporte de madeira] vinha carregar madeira e quando o navio saía, saía cheio de madeira e ia embora. Depois cortaram as matas tudo né, acabou. O pessoal destrói tudo né.” (ROBALO, 2021, grifo nosso)

---

<sup>31</sup> ROBALO, Tidilô. **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES.** Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

**Figura 13** - Registro de navio no Rio Cricaré



Fonte: IBGE - Cidades- Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/sao-mateus/historico>> (2022)Erro! Indicador não definido.Erro! Indicador não definido.Erro!

Na Figura 13, vemos um navio de porte médio, realizando a curva do rio Cricaré. Na imagem é possível identificar o antigo mercado numa visão mais ampliada. Segundo o histórico de São Mateus, disponibilizado pelo IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), não havia na região até a década de 1930 transportes terrestres, o texto caracteriza como eram os movimentos dos navios:

Até o final da década de 1930, os meios de transporte de passageiros e mercadorias para toda a região norte do Espírito Santo eram os animais (cavalos e tropas de muare), os pequenos navios que aportavam em São Mateus e o trem de ferro. O movimento no porto de São Mateus era intenso, com os trapiches cheios de mercadorias para exportação. Os armazéns vendiam mercadorias aos moradores locais e aos da vila do interior, como Barra de São Francisco, Nova Venécia, Boa Esperança, Jaguaré etc., todas ainda pertencentes ao território de São Mateus. Por causa da pouca profundidade e largura do rio, em alguns lugares os navios só podiam entrar ou sair de 15 em 15 dias, nas luas cheias e novas, quando as marés são mais altas. (IBGE, SÃO MATEUS, Portal do Governo Brasileiro, 2022)

Um forte aspecto nas narrativas dos idosos entrevistados são as lembranças da chamada Rua do Comércio, onde existiam os armazéns, lugares em que eram vendidos tecidos, alimentos e todo tipo de suprimento básico para subsistência.

**Figura 14 - Rua do Comércio**

—Fonte: IBGE - Cidades- Disponível em:<  
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/sao-mateus/historico>> (2022)

Além do muito rememorado antigo mercado, também chamado de “mercadinho”, pelos antigos moradores, retratado na Figura 12, era localizado na parte central da praça do sítio Histórico Porto. As recordações dos moradores, representam em termos gerais um Porto na década de 60 e 70 do século XX, com certa centralidade comercial na região. Segundo as narrativas, no mercadinho, podia se encontrar variedades de peixes, condimentos, legumes, verduras, carnes. O modelo comercial possuía uma certa similaridade com o mercado municipal que funciona hoje no centro de São Mateus.

Segundo informações de Nardoto (2005), na revista de História e turismo de São Mateus, a construção do mercado é de 1928/29, quando a prefeitura era governada pelo prefeito Dr. Ademar de Oliveira Neves. No artigo publicado no jornal A gazeta, matéria de Mateddi (1998), confirma que a construção do mercadinho foi realizada na década de 30 e sua construção era pautada em uma medida para revitalizar o Porto, após a perda da importância comercial. Com a construção do mercadinho, o Porto obteve uma grande movimentação com a sua criação, entretanto 40 anos mais tarde em 1976, o autor declara que o imóvel ficou fora do tombamento feito pelo Concelho

Estadual de Cultura. Em 1989 o imóvel foi restaurado para o comércio, entretanto, desta vez, não obteve muito sucesso na movimentação comercial, fechado em 1992. O entrevistado Mauá<sup>32</sup>, recorda detalhes desse acontecimento:

*“[...] esse mercado aí era de 1927, esse mercado que arrancaram aí, foi o **primeiro mercado municipal**, e foi no Porto. São Mateus não tinha mercado municipal, aí quando acabou o mercado municipal, foram lá para cima, fizeram o mercado lá de cima[...]”* (APOEMA, 2021, grifo nosso)

**Figura 15** - Fachada frontal do antigo mercado do Porto



Fonte: Foto divulgação [Secult/GMP] disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/18.210/6834> (2022)

Atualmente não existem no Porto quaisquer evidências materiais deste mercadinho, pois em fevereiro de 1998 ele foi completamente destruído. Encontramos algumas explicações para tal ato. A justificativa apresentada pelo autor Nardoto (2005), é que “na visão dos que aprovaram a sua demolição, o mercado atrapalhava mais que contribuía, pois ocupava o centro do Largo do Chafariz, impossibilitando a realização de grandes eventos culturais.” (p.59) Entretanto, nas entrevistas aos antigos moradores que presenciaram esse acontecimento, percebemos a falta de compreensão com o ocorrido e o descontentamento da população local:

*“O mercado era grande ali, mas desmancharam o mercado né, tinha o chafariz, o chafariz ainda tá lá, botaram de novo né, [...] Rapaz nem*

<sup>32</sup> APOEMA, Mauá. **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

*sei por que que aquele mercado ali acabou, prefeito é que tirou né?*  
“(ROBALO, 2021)

*“Lembro do mercadinho e inclusive eu lembro que tinha uma data escrita nele na parede por lado de dentro da varanda. Era visível, que ele foi construído em 1930, realmente tinha a parte que vendia peixe, verdura e carne também[...] eu não concordo e nunca concordei com a demolição não. Nada a ver ele ter sido construído depois, não concordo porque pela data que ele t foi construído se tornou um patrimônio histórico também na minha opinião.”* (CAMURUPIM, 2021)

*“Eu era contrário a demolição sim, mas lembro que quando trabalhava na região, em 1990, o mercado municipal já estava abandonado pelos governantes, e pessoas desocupadas, maconheiros, usavam o estabelecimento para fumar. Ficou sem uso por muito tempo. Ninguém ligava.”* (PIABA, 2021)<sup>33</sup>

A polêmica foi assunto do jornal A gazeta de 1998, a matéria escrita por José Carlos Mattedi, trata do sobre a restauração das 33 casas do Largo do Chafariz e mais 14 casarios recuperados. As restaurações iniciaram logo após o tombamento do sítio histórico em 1976, este foi o primeiro trabalho de restauração realizado no ano de 1980. Segundo a matéria, as recuperações foram feitas por empresas e profissionais muito bem qualificadas, um gasto de mais de 700 mil reais, numa parceria entre o ministério da cultura e o Governo do Estado do Espírito Santo e Prefeitura de São Mateus, a fim de “reviver o Porto”.

A matéria destaca a grande dúvida daquele momento, após um mês da destruição do antigo mercado: “o mercado deveria ou não ter sido demolido?” Demonstra as contraposições entre a Secretária Estadual da Cultura e o Concelho Estadual da cultura. A matéria expõe a opinião do Secretário Estadual de Cultura da época, Sebastião Maciel de Aguiar, que afirmou que o mercado era um “corpo estranho na memória do Porto [...] não fazia parte do conjunto arquitetônico e não estava no convênio com o Ministério da Cultura” (MATEDDI, 1998). A arquiteta e urbanista Eliane Lordello, doutora em desenvolvimento urbano na área de Conservação Integrada do Patrimônio Histórico, também descreve o episódio em seu artigo: O Porto de São Mateus: historicidade e atualidade:

---

<sup>33</sup> PIABA, Kadu. **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

No decurso das obras dos anos 1997/1998, o Mercado Municipal, que ficava na praça portuária, foi demolido em meio a uma polêmica envolvendo a então chamada Secretaria Estadual de Cultura, que defendia a demolição por se tratar de uma construção de uma época posterior ao restante do casario; e o Conselho Estadual de Cultura, que era favorável ao restauro do imóvel. Cumpre notar que no parecer da Comissão de Trabalho, que remonta ao ano de 1975, e que propôs o tombamento dos imóveis do Porto de São Mateus, encontra-se a indicação da demolição do mercado. Mais ainda, no Livro de Tombo Histórico em que foi feita a inscrição dos imóveis tombados, encontra-se observação de que o mercado deveria ser demolido. (LORDELLO, 2021)

Ainda no artigo de Mateddi (1998), é citada a fala da arquiteta responsável pela restauração do Porto, Raquel Fialho. A arquiteta afirma para a redação do jornal que esperava uma reação da comunidade mateense, mas que não houve nada. Segundo Fialho, os tratores limpavam a área sem a resistência dos moradores da região: "esperava alguma manifestação por parte dos moradores, mas foi tranquilo", declarou ela ao jornal, ao afirmar a indiferença da população da cidade em relação ao sítio Histórico. Entretanto, em nossas entrevistas com os antigos moradores da região, que presenciaram acontecimento contrapõe a afirmação da arquiteta. Segundo alguns relatos o ato de demolição foi realizado em horário noturno, a fim de ser desapercibido pelos moradores, evitando qualquer tipo de reivindicação popular. Sobre este episódio, rememora o morador Sr. Mauá:

*“O mercado foi demolido porque Maciel tinha sempre a intenção de demolir o mercado, pediu para Amocim leite [ex-prefeito de São Mateus] para derrubar, e Amocim leite não aceitou, mas aí quando ele foi secretário do Estado de cultura, ele convenceu Rui Baromeu [ex-prefeito de São Mateus] na reforma para demolir o mercado. Diz ele que o mercado não era condizente com a arquitetura colonial, mas isso aí não justifica [a demolição], porque muitas coisas que têm aí não são condizentes, isso aí foi um crime. **Isso não agradou ninguém e derrubaram na calada da noite, foi escurecendo numa sexta-feira, vieram com as máquinas, aí foi quando derrubaram colocaram pedra e fizeram o calçamento doido que têm aí. Esse calçamento não existia, só tinha só areia, aí colocaram essas pedras ruins para caramba. Mas aí a situação do mercado foi essa. Rui junto com Maciel derrubou, na alegação que não era condizente, se for assim, o calçamento também não é condizente[...], mas no fator histórico na historiografia, ele era histórico, pois foi o primeiro mercado municipal de São Mateus.**” (APOEMA, 2021, grifo nosso)*

De fato, encontramos um ofício<sup>34</sup> da prefeitura de São Mateus, de 13 de maio de 1993, neste documento, Sebastião Maciel de Aguiar, enquanto Secretário Municipal da

---

<sup>34</sup> Figura 5, p.31.

Cultura da época, solicitou ao então prefeito Amocim Leite, a abertura de licitação para o calçamento do Largo do Chafariz do Sítio Histórico do Porto. O documento cita inclusive o tipo de pedra, “um cascalho bruto”, em que os recursos para a ação viriam do convênio entre a prefeitura e Aracruz celulose.

Outros moradores também rememoram o episódio da demolição do mercadinho e as transformações após o calçamento com cascalho bruto. O senhor Moacir, passou grande parte da sua infância no Porto, também afirma que esse estilo de calçamento não existia quando ele chegou no Porto de São Mateus com 8 anos:

*“Aquele calçamento ali, aquele muncado de pedra que ficou esquisito ali, aquela “pedraieda” ali, não tinha pedra, só tinha calçamento de pedra do lado de cima onde tinha os comércios, naquela parte de cima, entre os mercados e os bares, lá pro lado da beira do cais lá não tinha nada. Tinha calçamento nenhum, Maciel inventou de que ali era tudo calçado de pedra, meteu pedra naquele trem ali, ficou uma coisa esquisita, mulher que vinha aqui para festa de salto alto, tinha que tirar o salto e ficar até descalço, porque como é que anda naquele trem de salto. Mas disse que ele é o sabidão, o maravilhoso, para saber das coisas, eu nascido e criado aqui, nunca vi calçamento de pedra ali e ele falou que existia e já o mercado, falou que não fazia parte do patrimônio, e o povo queria manter o mercado, mas aí ele fez uma surpresa ao povo, que da noite pro dia derrubou. O pessoal estava tudo em casa, quando chegou para ver o mercado tava só o pó. [...] (UBIRATAN, 2021, grifo nosso)*

Outro morador, Senhor Cairu<sup>35</sup>, ao rememorar o movimento comercial do Porto pós-década de 60, comenta o episódio sem compreender o real motivo de sua demolição, afirma que apesar de o imóvel ter ficado sem os devidos cuidados de manutenção ao decorrer dos anos, a derrubada do mercado não obteve a aprovação popular. Em sua fala, observamos detalhes afetivos e a importância em relação o paisagismo do Porto com a presença do mercadinho, denominado de “coração do Porto”:

*“Aquele mercado ali, tinha a venda do seu aloiso que vendia tudo, e no outro lado assim açougue, vendia carne, vendia peixe, tinha banca, tinha até... Não sei por que quebraram, tão bonito aquilo era, a bancada assim bonita, quebrou o coração do Porto, no Porto era bonito aquilo rapaz. O que eu lembro da derrubada, foi que colocaram um cara para vigiar ali, aí o cara não vigiava e ia dormir, aí daqui a pouco já tinha merda de cachorro, merda de gente e tudo. Quem*

<sup>35</sup> CAIRU, Paiacã. **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

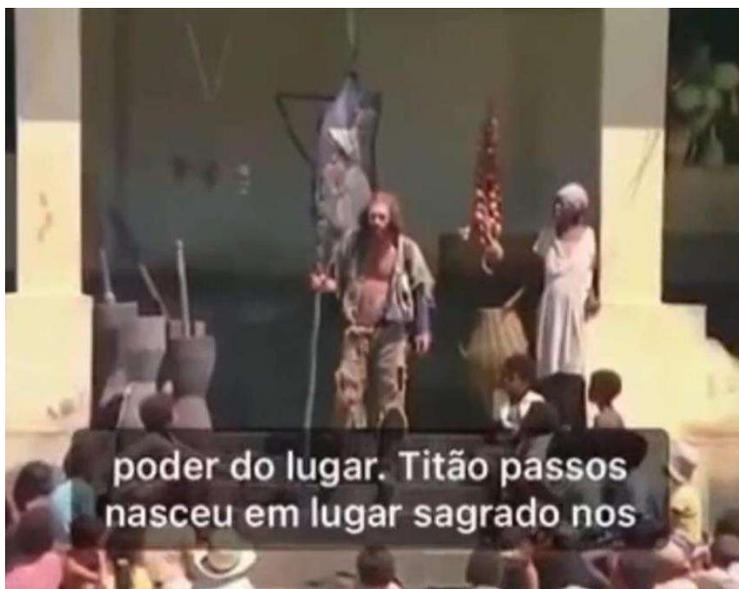
*mandou derrubar foi Rui Baromeu [...] O ano eu não lembro, mas a maioria do povo era contra a derrubada. Todo mundo reclamou quando quebrou, rapaz, quebrando o coração do Porto. Acabou com o Porto, acabou com o coração do Porto, O mercado era o coração do Porto, quebrou, acabou, cê chega lá não têm visão, agora quando tinha o mercado, não. O mercado era bonito. Não era fechado o mercado, entendeu? Tinha uns mastros assim e tudo. Muita gente reclamou, nossa vida [...]” (CAIRU, 2021, grifo nosso)*

Além de ter sido lugar comercial, significativo e de valor histórico para alguns, como descrevem os moradores, o antigo mercado, junto ao Cais do Porto, também foi atrativo para o cinema. Sua paisagem serviu para protagonizar cenas de um filme no ano de 1973. Dois dos moradores entrevistados, relatam que ainda na infância participaram enquanto figurantes das cenas gravadas no Cais do Porto, recordado a movimentação da gravação do filme Sagarana. A trama, baseada em literaturas de Guimarães Rosa, foi escrita e dirigida por Paulo Thiago. O filme foi indicado ao Urso de Ouro no festival de Berlim em 1974, além do prêmio da coruja de Ouro pelo Instituto Nacional de Cinema da época. O senhor Marlon, hoje com mais de 60 anos, comenta sua experiência de como foi participar das gravações deste filme, enquanto criança:

*“A lembrança que eu tenho das gravações... eu tinha dez para onze anos de idade e o moço, fez um círculo com todas as crianças da minha idade, todas as crianças eram moradoras do bairro Porto, algumas com mais idade do que eu, doze anos, dez, e fizemos um círculo assim de uns 10 metros quadrados, dentro do mercadinho antigo de 1930. Aí depois colocaram uma senhora bem idosa que morava no Bairro pertinho do mercado, e colocaram um peixe por nome Mero, pediram ela para se posicionar perto do peixe e colocaram o peixe pendurado numa corda na cumieira do escaibo do mercadinho, esse peixe era muito grande, dava mais ou menos uns dois metros de comprimento. O Apelido da senhora era bate-caneco. Ela era muito humilde, e aceitou fazer a cena. Eu não lembro o nome do filme não, que foi gravado. Ele colocou todas as crianças naquele círculo e esse moço ficou no meio, explicando algumas coisas para gente, que eu não me lembro o que ele falava[...] e de repente, quando terminou ali aquela reunião, aquele círculo, eu vi quando um cavalo e um moço estavam na beira do rio, e a maré estava cheia né, quase passando por cima do Cais e aí o moço caiu dentro d’água e eu sem compreender aquilo, achei que era verdade. A água em volta do moço foi sujando tudo de sangue, aí eu pensei: meu Deus do céu, mataram o moço, e na verdade depois que eu fui entender quando salvaram o moço, na verdade foi tudo uma ficção, um filme e eu não sabia. Eu nem esperava ver esse filme algum dia, e eu consegui ver um pedaço desse filme. [...] A gente se sente assim né, até mais feliz, aquela emoção porque eu tinha poucos anos de idade e naquela roda ali eu estava ali e contemplei o pedaço do filme[...] então é o que eu lembro e são coisas que a gente guarda na memória só que pelo tempo que*

*a idade que eu tinha eu não consigo lembrar de muita coisa.”*  
(CAMURUPIM, 2021)

**Figura 16** - Cena descrita por Marlon – Filme Sagarana: O Duelo



Fonte: Sagarana, O Duelo 1974, disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=FYZLF6L-Wsw&ab\\_channel=CarlosOnofre](https://www.youtube.com/watch?v=FYZLF6L-Wsw&ab_channel=CarlosOnofre) (2022)

Na cena acima, figura 16, realizamos um “*printscreem*”, uma captura de tela, do momento exato descrito no relato do Senhor Marlon. Vemos na imagem as crianças em roda, o “moço” citado, a senhora bate-caneco e o peixe mero pendurado na entrada do antigo mercadinho. Na imagem a seguir, quando a câmera amplia seu foco, podemos ver a fachada do antigo mercado municipal e alguns casarios do Porto ao fundo (figura 17).

**Figura 17** - Captura de tela ampliada – Filme Sagarana: O Duelo



Fonte: Sagarana, O Duelo 1974, disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=FYZLF6L-Wsw&ab\\_channel=CarlosOnofre](https://www.youtube.com/watch?v=FYZLF6L-Wsw&ab_channel=CarlosOnofre) (2022)

O filme Sagarana O Duelo, é uma releitura de Guimarães Rosa. O diretor do filme, Paulo Thiago<sup>36</sup> (2012), em entrevista, afirmou sua paixão pelas literaturas de clássicas, possuindo atração pela linguagem usada por Guimarães, principalmente pela similaridade das falas populares mineiras. Paulo detalha o trabalho árduo de construção do filme, pois seu desejo foi produzir um filme “extremamente narrativo”, que se aproximasse ao cinema clássico, sua aspiração foi tematizar o universo sertanejo. O diretor da trama, afirma que “fazer esse roteiro o filme teve uma longa preparação, não só de encontrar as locações perfeitas, como também configuraria universos visuais diferentes como também para a preparação dos atores” (THIAGO, Paulo, in: Filme Sagarana o Duelo, 2015)<sup>37</sup>. Ou seja, o Porto foi uma locação perfeita para gravar umas das principais cenas deste filme.

A exata cena do filme, descrita pelo senhor Marlon, gravada no primeiro mercado do Porto de São Mateus, é uma das cenas analisadas nos estudos de Obeid (2010), e ganha destaque em sua dissertação: Um ser tão misturado: estudo sobre o filme

<sup>36</sup> Em entrevista de concedida à Daniel Tadeu Obeid em 2010.

<sup>37</sup> Entrevista com Diretor in: SAGARANA: O DUELO 1974. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=FYZLF6L-Wsw&t=706s&ab\\_channel=CarlosOnofre](https://www.youtube.com/watch?v=FYZLF6L-Wsw&t=706s&ab_channel=CarlosOnofre), (1h48min)

Sagarana, o Duelo, devido ao nível de transição do conto realista para um universo totalmente místico:

Trata-se daquela em que o Rezador, papel de Paulo César Peréio, relata o *causo*, para as crianças locais, da figura mítica de Titão Passos. Com o cenário devidamente montado do duelo entre Cassiano Gomes e Turíbio Todo, a narrativa suspende o relato da perseguição anunciada e efetua um deslocamento do enredo, sem motivação aparente ou elo semântico com ações dramáticas precedentes. Abrindo a segunda parte do filme, cujo título é *O Jogo do Diabo*, o Rezador anuncia, em tom profético, a história do valente Titão Passos cujos feitos heroicos não são nada desprezíveis: ele viu a Virgem Santa e matou, em um duelo, o demônio em pessoa. Enquadrado de perfil, em um plano fechado, o Rezador segura um cajado de madeira com figuras totêmicas e profere a fala introdutória da narração: “*Titão Passos, severo bandido. Ninguém nunca decifrou o mistério dele*”. A extravagância do plano é reforçada com a presença de um homem inerte com uma arara vermelha no braço, em segundo plano. Em seguida, um *travelling* longo revela a espacialidade da narração: uma casa simples, grande e levemente abandonada, com outras construções ao lado e ao fundo. O exotismo da cena transcende o gesto do Rezador e se corporifica nos objetos inseridos para criar uma atmosfera mítica: uma jangada com remos, uma peneira grande e duas menores, uma réstia de cebola, diversos pilões com socadores e um peixe enorme dependurado por um anzol no alpendre da casa. Duas dezenas de crianças, atores não profissionais, sentadas no chão ouvem a história do Rezador cuja associação mais imediata recai na função do *griot*<sup>72</sup>. A artificialidade da cenografia instaura o primeiro passo no delineamento de um registro não realista e místico na narrativa, que será potencializado com a aparição de Titão Passos e o conseqüente duelo com o *Cão*. (OBEID, 2010, p.68)

É interessante saber que algumas das cenas que mais trouxessem impacto para o filme foram gravadas exatamente em frente ao antigo mercadinho do Porto, Paulo Thiago afirma que buscou mesclar humor e tragédia além das sequências espetaculares como a luta de Titão Passos, contra o diabo, tornando uma história inusitada:

[...] eu também introduzi dentro dela um outro personagem muito forte feito pelo autor Átila IORE, um grande ator também do cinema novo [...] Fazendo um grande Guerreiro, grande jagunço chefe de bando em que assim, poeticamente, mitologicamente, eu coloquei até vestido de branco e ele aparece pela primeira vez sendo descrito por um contador de histórias personificado por um viajante, por uma figura um pouco mística que anda pelo sertão contando histórias e que é a figura do Paulo Cesar contando para as crianças sobre Titão Passos, descrevendo uma cena fundamental, que teria sido o encontro fatal entre Titão Passos e o demônio[...] (THIAGO, Paulo, trecho de entrevista in: Filme Sagarana o Duelo, 2015)<sup>38</sup>

<sup>38</sup> Entrevista com o diretor Paulo Thiago in: SAGARANA: O DUELO 1974. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=FYzLF6L-Wsw&t=706s&ab\\_channel=CarlosOnofre](https://www.youtube.com/watch?v=FYzLF6L-Wsw&t=706s&ab_channel=CarlosOnofre), (1h48min)

O morador, Fernando<sup>39</sup>, ao lembrar das gravações de Sagarana no Bairro Porto na década de 70, descreve a emoção de presenciar as cenas gravadas, e afirma ter trabalhado no auxílio das produções das cenas de tragédias, realizando a reposição dos cartuchos de pólvora para as espingardas cinematográficas:

*“Sobre o filme Sagarana o duelo, eu sei que eles fizeram o filme, eles fizeram nesse mercado aí ó, encheram daqueles negócios de filme, botaram um peixe, um Mero grande, aí tinha os pessoal mais velho que ele pegaram e colocaram no filme[...] Quem participou do filme foi bate-caneco, seu paizinho, Tutti, né foi os pessoal... João galo cego, seu João Benedito, tudo participou desse filme. [...] E eu trabalhei no filme, eu trabalhava fazendo os negócios das espingardas, colocando pólvora nas espingardas[...] eu tinha quatorze anos na época. Ai quando estava gravando o filme mesmo chegava um cavaleiro, um cavaleiro Branco, lá era uma troca de tiro, sabe, o pessoal caía dentro da água, tem muita coisa que eu esqueci né, muita coisa, muito tempo [...] foi a semana todinha de gravação, cada dia era umas duas gravações, todos os dias eles filmavam [...] depois eu assisti esse filme, só depois de adulto.” (IBERÊ, 2021)*

O cineasta Paulo Thiago, ainda em entrevista a Obeid (2010), revelou a razão de escolher o Espírito Santo para fazer as gravações de Sagarana, além de encontrar apoio financeiro, o Estado do Espírito Santo atendeu bem a proposta do filme, em que se precisava de uma transição de tempo e tematizar zonas rurais. Outra afirmação interessante que Paulo Thiago (2012) faz sobre a escolha da região para o filme é sobre as marcas da violência no Estado:

*[...] Espírito Santo, que é um estado rural, bem rural e até na origem mais violento que o norte de Minas. Na época que eu filmei, nos anos 70, continuavam a ter matanças de jagunços e coronéis por lá. Então, eu fui viajando com uma pessoa muito criativa, o Cláudio Bueno Rocha, um jornalista, e com outro jornalista, o Rogério Medeiros, que conhecia bem o estado. Eles viajaram me mostrando o sul, o meio e o norte do Espírito Santo. Há uma mutação de ambientes muito grande. Lugares mais desertos, outros de pequenas cidadezinhas lindas, outros locais com antiguidades, com cenários antigos. (p.100)*

Em junho de 2021, ao pesquisar mais profundamente sobre o filme Sagarana e o processo de gravação da época no bairro Porto, simultaneamente realizando a escuta das lembranças dos antigos moradores, organizamos um clipe, com trechos da

---

<sup>39</sup> IBERÊ, Fernando, Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

experiência dos moradores com as gravações de Sagarana. Associamos as narrativas com trechos do filme Sagarana (filme completo disponível no *YouTube*) e inserimos ao clipe alguns comentários de críticos e atores, inclusive do próprio diretor Paulo Thiago, todos encontrados no *YouTube* em que comenta a construção e repercussão do filme. Essa mescla de trechos no clipe tornou ainda mais interessante nossa percepção do acontecimento. O clipe foi desenvolvido a fim de enriquecer as análises sobre arte e memória na conclusão da disciplina ministrada no primeiro semestre de 2021, História Social e arte no ensino.

O antigo mercadinho ficou eternizado nas memórias dos moradores da região, e nos registros cinematográficos do Filme Sagarana o Duelo, mediante a experiência de cruzar fontes, registros e relatos, tornou-se possível enriquecer as nossas análises sobre a arte e a memória, tendo como base as discussões de Assmann, concluí que a arte possui um grande poder de tematizar lembranças e o esquecimento. Recomendamos o acesso ao clipe pelo link.<sup>40</sup>

#### 4.2 Noites e cabarés: ocupação, meretrício e expulsão

É noite. O Porto está como de costume: grupinhos formados nas calçadas, risadas oriundas do interior dos bares, as rameiras mais velhas fazendo trotoir na esperança de conseguir dinheiro para pagar à cafetina da pensão. Algumas com diárias de quinze dias vencidas, mas a caixinha que elas mantinham, garantia-lhes temporariamente o não lançamento no olho da rua. (LÉ, 1992, p.43)

No livro de contos “O Porto”, escrito pelo professor mateense e dentista, Roberto de Sousa Lé, publicado no ano de 1992, possui 16 contos e histórias variadas, que tematizam tramas que se passam em um lugar chamado “Cricarópolis”. O nome remete ao Porto de São Mateus, localizado às margens do rio Cricaré. Os assuntos dos contos são diversos, política, religião, festas. Tematiza também os cabarés, desilusões e traições.

A fim de suscitar memórias narrativas este livro também compõe o corpus documental deste estudo, enquanto fonte auxiliar nas correlações sobre memórias e recordações

---

<sup>40</sup> Disponível em: <https://youtu.be/oK84IHAzSss>.

dos cabarés. No trecho destacado acima, chamado: “O Sargento da Vela”, Lé, introduz um contexto de um Porto movimentado com bares, cafetinas e pensões.

Lé (1992) ao descrever os diversos aspectos cotidianos do bairro Porto, lojas, armazéns, bares e cabarés, rememora muitos elementos e representações da época, e mantém em suas narrativas similaridades com os depoimentos dos moradores entrevistados. É possível perceber pelas temáticas abordadas nos contos a divisão de classe social, divisão de grupos por etnia e cor da pele, e a objetificação do corpo da mulher. Notamos, inclusive, o protagonismo do “homem canalha” nos tempos dos cabarés. Outra escritora que tematiza o Porto na movimentação dos cabarés é Martins (1998, p. 64) em seu Poema “Ruas do Porto:

A mulher que jogava suas tranças pelas altas janelas dos tão cogitados casarões noturnos...Finas cortinas, risos e festas, whisky importado e música no ar. O regalo e o fino luxo das festanças entre danças, identificavam toda instância e aptidões dos amantes do Porto...

O trecho do poema retrata um ambiente de música, diversão, bares e festa, entretanto outros registros históricos contrastam este lugar, com aspectos de violência e estigmas. Reportagens de jornais da década de 90, associaram a decadência da economia do Porto com a ascensão dos cabarés e o início da marginalização do local. A seguir alguns trechos de reportagens, que tematizam essa marginalização e preconceito:

O Porto de São Mateus já presenciou os áureos ciclos da mandioca, do café e da madeira. Situado às margens do Rio Cricaré, o porto perdeu parte de sua importância econômica com a construção da BR-101. Passou para o plano social a partir das décadas de 20 e 30, quando, já marginalizado, abrigou luxuosos cabarés[...] (FRIZZERA, 1997)

[...] O porto era o centro de tudo: por ali chegaram escravos, saiam café, farinha, madeira e açúcar. A cidade toda foi se fazendo em torno dele. No início deste século contudo, muita coisa mudou. Os antigos casarões foram transformados em cabarés e abandonados pelo preconceito. [...] (MATEDDI, 1998)

Os relatos orais dos moradores entrevistados também fizeram menção da existência dos cabarés e do meretrício no Porto:

*“[...]Tinha os bares que eram conhecidos como os cabarés, já existiam desde quando eu era criança.” (UBIRATAN, 2021)*

*“[...] naqueles casarões, muita mulher sem vergonha também, tinha ali, (risos) é o que tinha e era muitas.” (ROBALO, 2021)*

O documento produzido pela Secult, trata da arquitetura histórica do Espírito Santo, denominado: Patrimônio Cultural do Espírito (2009), afirma que pós a decadência econômica do Porto, os casarios do período colonial foram abandonados passou a ser ocupados por prostitutas, transformados em cabarés, essa ocupação os preservou por quase 50 anos. Em 1968, período da expulsão das prostitutas, teve início o processo de abandono acompanhado de uma grande deterioração dos casarões. (p.302) Entretanto nas narrativas de nossos entrevistados, o marco do estabelecimento dos cabarés e meretrício não começou com a decadência econômica, pelo contrário, sempre existiu com o auge da movimentação portuária e comercio:

*“O casario ficava na mão das prostitutas, mas as prostitutas já estavam aí desde os tempos no navio né, todo cais de Porto né[...] sempre houve, já vem com os marinheiros, tinha as casas noturnas, mesmo quando tinha comercio já tinha as casas aí. [...]” (APOEMA, 2021)*

O relato afirma a concomitância de existência do Porto fluvial, comercio e cabarés. Além disso, os moradores entrevistados afirmaram que os armazéns e movimentação comercial aconteciam durante o dia, enquanto os cabarés só funcionavam pela noite, de forma que as famílias circulavam na região do Cais do Porto durante o dia, é o que relembra o Senhor Cairu:

*“Família entrava lá de dia, a noite não, porque de dia elas eram comportadas [prostitutas], então entrava porque os armazéns eram na beirada... Os armazéns vendiam tudo, vendia arroz, vendia roupa, vendia tudo. Você podia entrar lá e chegar, elas não desrespeitavam gente de família não, não andava com negócio de rabo de fora não[...]” (CAIRU, 2021)*

Outro documento que afirma esse mesmo aspecto histórico dos relatos orais sobre a concomitância das diversas atividades no Porto, é o Projeto de Resgatamento, Restauração, Preservação e Revitalização do Sítio Histórico do Porto de São Mateus do ano de 1983:

Transferindo-se o comércio, mudaram-se, também, as residências, restando no porto uma atividade comercial secundária. Com o tempo, apareceu no local a casa de cômodos, resultante das subdivisões dos antigos sobrados, e alterou-se a fisionomia da região, passando a caracterizar-se como zona de habitação de grupos menos favorecidos da sociedade ou de exploração da prostituição. Em torno do fenômeno, **surge toda uma atividade econômica com a abertura de bares e casas noturnas, frequentados pelos marinheiros enquanto ainda funcionou o porto**, [...] A Prostituição, sofrendo o processo de confinamento pelo organismo policial, vem a se identificar com a zona do porto, mesmo após seu desaparecimento. (INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES 1983.p.15, grifo nosso)

Outro ponto que se choca em algumas narrativas de escritores locais é a descrição do estilo luxuoso que alguns bordéis no Porto mantinham. Nardoto (2005) afirma que os cabarés eram de baixo nível, quando opostamente a reportagem de Mateddi (1998) com uma testemunha da época, Maria Dajuda, chamada de Neném Preta, que vivenciou a experiência dos cabarés, enquanto cafetina, relata esse período de maneira diferente:

Os velhos casarões foram sendo ocupados por prostitutas que mantinham, com dificuldade, seus cabarés que, pouco a pouco, foram se transformando em prostíbulo de baixa reputação transformando a Cidade Bixa numa zona de baixo meretrício. (NARDOTO, 2005, p.28)

*“Quando eu cheguei era noite, havia muita gente transitando pelas casas noturnas e escolhi a mais luxuosa de todas, a Casa da Luz Vermelha. Ali eu fui recebida e fiz a minha história[...] no meu tempo havia respeito. Não usávamos roupas curtas, éramos proibidas de ir à cidade Alta [Centro] [...] nunca me meti em brigas e nunca usei drogas. Agora são armas e mulheres perdidas para todos os lados, sem pudor. Tem que se respeitar antes de qualquer coisa. Respeito é bom e eu gosto.”* (Neném Preta em entrevista a Segantini, Lembranças dos cabarés, 1997, grifo nosso)

O artigo publicado em 1995, “Nossa terra, Nossa gente”, afirma que durante o ciclo da madeira, algumas casas foram construídas no Porto, movimento que ocasionou a ampliação do cais a fim de garantir melhor atendimento à demanda de navios e passageiros e “com esse impulso, as antigas casas, abandonadas com o fim dos ciclos anteriores, foram transformadas em luxuosos cabarés. [...]” (A GAZETINHA,1995)

Outro aspecto interessante, localizado no mesmo artigo é o apontamento de que os cabarés foram essenciais para a economia da cidade, pois a elite que se mudou para

cidade alta continuava a arrecadar rendimentos com os aluguéis dos casarios para o funcionamento das pensões e cabarés:

A partir de 1915 nenhuma casa ou sobrado foi construído no porto. As antigas construções eram modificadas para adaptar-se aos cabarés, que passaram a ter importância para a cidade, pois as famílias tradicionais viviam dos aluguéis de suas antigas residências da parte baixa da cidade. (A GAZETINHA, 1995)

Frizzera (1997), discorre sobre as tentativas de revitalização dos casarios do Porto desde seu tombamento em 1976, pós a expulsão das prostitutas na década de 60. Vimos que esse período marca o início da fase de total abandono dos casarios. Buscamos na pesquisa encontrar os motivos apresentados para a expulsão das meretrizes e para onde foram relocadas. Os relatos caracterizam que o principal motivo apresentado foi a violência, o local da relocação aponta para o bairro Litorâneo, chamado naquela época de “Encruzo”. A seguir alguns registros e relatos orais que se entrecruzam, tematizam e explicam o episódio da expulsão das meretrizes:

*“De sessenta para cá o que houve foi o fechamento do Porto a criação do encruzo [...] foi devido dar muito crime aqui no Porto de São Mateus, dava muita briga, aí foi tirando as mulheres, e quiseram abrir lá onde é a faculdade hoje [CEUNES], lado de cá, o encruzo, o litorâneo, fizeram um casario para as mulheres daqui. Umas foram e outras não foram. E aqui tem muita gente que é do tempo ainda, mas elas não falam né, mas tem gente aqui que é do tempo dos bordeis e hoje são mães de família, são avós, algumas são mortas também.”* (APOEMA, 2021)

No final da década de 1960, depois da ocorrência de muitos crimes na zona de prostituição, foi determinada a retirada das prostitutas que foram obrigadas a se mudarem para o Encruzo (nome atribuído ao entroncamento da Rodovia BR 101 com as estradas para Boa Esperança e Conceição da Barra), onde elas construíram pequenos casebres e continuaram suas atividades. (NARDOTO, 2005, p.28)

As décadas de 50 e 60 foram de decadência para o Porto de São Mateus. Foi um momento de transição a partir do fim do comércio. A cidade tem preconceito do porto. Nenhuma sociedade quer ter na sua história um reconhecimento por causa de escravidão e prostituição. A elite procurou apagar este registro e jogou as mulheres no Encruzo, bairro que hoje está sendo construído o novo campus da Ufes em São Mateus. (Maciel de Aguiar, em entrevista a Segantini, Lembranças dos cabarés 1998)

*“As casas viraram casas de prostituição, casa de cabaré, até 69 ou 70 o prefeito mandou deixar tudo, acabou com tudo, as mulheres foram tudo embora, quem ficou, ficou com os barzinhos lá, mas já não tinha movimento nenhum até que foi indo e acabou foi tudo. Aqueles antigos*

*dono de bar faleceram, outros não quiseram continuar aí fechou [...]”*  
(UBIRATAN, 2021)

*“Quando saiu o mercado e começou a zona de prostituição eu tinha uns 14 anos e me lembro do cabaré, já estava terminando as prostitutas, casarão tudo com porta de madeira e bem conservado na época, quando elas tomaram posse dos lugares elas conseguiram conservaram o local, e depois de certo tempo mudaram de local, foi para outro bairro.”* (CAMURUPIM, 2021)

Um achado importante de nosso estudo, que endossa os acontecimentos narrados da expulsão, é um documento oficial, emitido pela Prefeitura Municipal<sup>41</sup>. O documento corrobora na averiguação da existência da Zona de Meretrício na década de 60 e aponta para aspectos de repressão da suposta violência que acontecia na cidade baixa. A fonte documental é um ofício demandado pelo então prefeito Wilson Gomes para o Sargento de Polícia Darey Barbosa em 27 de julho de 1967, a seguir o texto referente ao documento, que se lê:

“São Mateus, 27 de julho de 1967 - Ofício Nº123/67  
Solicito a v.sa., **suas energéticas providencias para disciplinar o meretrício na ZONA BAIXA da cidade**, o que lhe convido a comparecer a este gabinete para entendimento a respeito. Atenciosamente, Wilson Gomes, Prefeito Municipal.  
Ao Ilm.º Darey Barbosa Sargento da Polícia” (grifo nosso)

Outros aspectos de ações criminosas são citados no documentário Rede olhos do mundo (2012), Neném Preta, narrou um assassinato na região dos cabarés, o crime constituiu, segundo a moradora, um dos principais motivos da intervenção dos poderes municipais para o fechamento da zona de meretrício:

*“Aí depois mataram uma mulher aí ó, nesse capim aí, Ana Maria, 14 facadas, aí mataram ela, aí o juiz fechou [cabarés] e não abriu mais. Para não existir morte mais. Porque antigamente todo mundo dava valor ao ser humano, hoje o ser humano... os cachorros têm mais valor que o ser humano.”* (PRETA, Neném, documentário- projeto Rede olhares do mundo, 2012.)

Os registros relatam que mesmo após a relocação do meretrício, as mulheres que já possuíam uma história de vivência no local resistiram em continuaram a habitar nos casarões. Essa atitude de permanecer e continuar a zelar pelos casarios, foi o que impediu que essa arquitetura fosse totalmente destruída, portanto, “as prostitutas

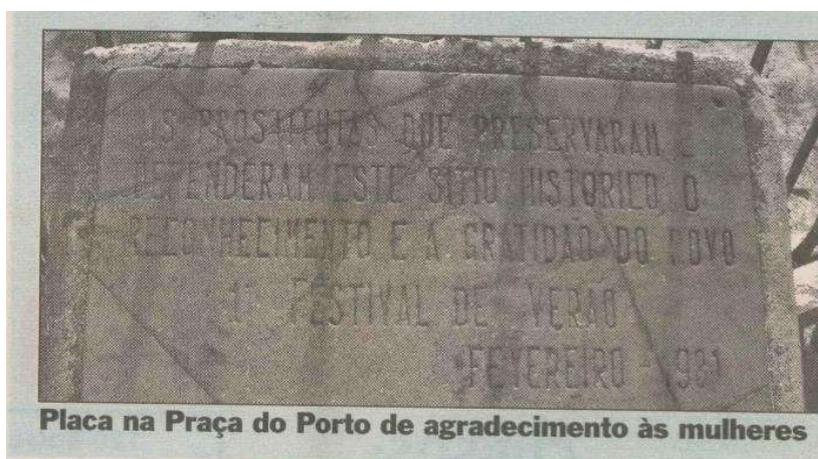
---

<sup>41</sup> Figura 5. p.31.

foram homenageadas com uma placa na praça do Porto. Um reconhecimento pela luta para preservar a história. A homenagem foi feita pelo Centro Cultural Porto de São Mateus.” (SEGANTINNI, 2008), Neném preta, foi uma das mulheres presentes nessa história que optou por continuar no Porto, a fim de reescrever sua história na região:

*“Por aqui nós ficamos e fomos reescrevendo a história que a sociedade tanto queria apagar. Se não fosse por nós o porto seria destruído, e com ele a história desta época que tantas mulheres viveram, nos braços de homens que nos procuravam” (Neném Preta em entrevista a Segantini, Lembranças dos cabarés, 1997)*

**Figura 18** - Homenagem em placa às prostitutas no sítio histórico



FONTE: SEGANTTINI (2008) Jornal A Tribuna, Vitória, (2008), p.17

Ainda segundo Segantini (2008), foram as mulheres dos bordéis que não permitiram que parte da história do Porto sofresse este apagamento, a união dessas mulheres em 1970, resistiu em permanecer na localidade impediram que região fosse totalmente abandonada e suas histórias na localidade fossem apagadas.

Na figura 18 se lê: “Às Prostitutas que preservaram este sítio histórico do povo. 1º Festival de verão. Fevereiro de 1981”. No Próximo tópico, mediante registros, vamos conhecer mais sobre as tentativas de fortalecer culturalmente a região do Bairro Porto a fim de que fosse valorizada e restaurada, além da formação do Centro cultural Porto, órgão mencionado na figura acima que realizou a homenagem às prostitutas, no primeiro Festival de verão em 1981, a placa da homenagem permanece até os dias atuais.

#### 4.5 **Arte, memória, revitalização:** semana da arte, centro cultural e teatro no Porto de São Mateus

Em buscas no acervo da Biblioteca Municipal de São Mateus, encontramos também um documento intitulado: Projeto da 8ª Semana da Arte- UFES- CEUNES São Mateus, APÊNDICE E. O corpus do documental do Projeto cita as realizações da semana da Arte pela Universidade Federal do Espírito Santo nos anos de 1974, 1975, 1976, 1977 e 1978 além de 02 semanas da Arte realizadas pela prefeitura Municipal de São Mateus anos de 1979 e 1981. Segundo o documento a realização destas semanas despertaram a atenção para a importância do Sítio Histórico Porto. O documento destaca o crescimento de São Mateus, cultural e socioeconomicamente, e cita as empresas de grande porte na época, a Aracruz Celulose S/A e a Petrobrás S/A. O texto frisa a importância da valorização da realização da semana da arte, a fim de fortalecer o intercâmbio entre Centro Universitário Norte do Espírito Santo e a comunidade mateense, nas áreas do ensino, pesquisa e extensão.

Os objetivos apontados pelo Projeto eram de promover um intercâmbio artístico-cultural que possibilitasse trocas de experiências e conhecimento entre a CEUNES/UFES e a comunidade do município de São Mateus, a fim de retomar o processo iniciado em 1974. Segundo o documento tal processo realizado no ano de 1974 significou muito para a divulgação e valorização do fazer artístico, histórico e patrimonial do município, principalmente no tocante aos aspectos da memória e cidadania.

Os registros indicam que as semanas da Arte, foram desenvolvidas em São Mateus, antes mesmo da existência de um polo físico de ensino da UFES na região, segundo o histórico disponível no site do CEUNES. O plano de interiorização das faculdades em São Mateus só teve início efetivo em 1991:

A Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) realizou em janeiro de 1991, nos municípios de São Mateus e Nova Venécia, o primeiro vestibular para os cursos de Ciências Biológicas, Educação Física, Letras-Português, Matemática e Pedagogia, com a participação de 945 candidatos, dos quais 937 capixabas da Região Norte do Espírito Santo. O plano de interiorização teve seu início efetivo no dia 08 de março de 1991, em São Mateus, com aula inaugural proferida pelo Bispo Emérito de São Mateus, Dom Aldo Gerna, para

os primeiros 159 universitários. (COORDENAÇÃO UNIVERSITÁRIA NORTE DO ESPÍRITO SANTO, 2014)

Desta forma, entende-se que a realização da 8ª semana da Arte, que já cita a existência da coordenação da CEUNES, em seu corpo documental, indica o desejo da continuidade de um trabalho de sucesso realizado anteriormente pós o ano de 1991.

O Jornal A Gazeta, de outubro de 1976, confirma este histórico de sucesso que a semana da arte realizada pela UFES obteve ao passar dos anos em São Mateus. Principalmente no tocante da intervenção de promover o sítio Histórico Porto. A matéria que faz a chamada da III semana da Arte, apresenta o título: “Tombamento do Porto, o maior objetivo agora alcançado”. Em que 28 professores e 40 alunos da UFES participaram da III Semana de Arte de São Mateus, em que foi desenvolvida uma extensa programação didática. O jornal cita 18 cursos ofertados em que foram desenvolvidas atividades de recreação e uma variada programação artístico-cultural, que contou também com um ciclo de conferências sobre turismo cultural regional.

Nela encontramos a entrevista de Paulo Magalhães, diretor do Centro de Artes da UFES e presidente da Semana da Arte da época, concedida ao jornalista Edvaldo dos Anjos, nela ele trata dos objetivos da Semana:

Quanto aos objetivos, a semana da Arte tem como objetivo principal a conscientização principalmente da juventude de São Mateus e tudo que existe em termos de folclore. Além disso, sensibilizar as autoridades competentes para a restauração do Porto. Os objetivos até agora atingidos: O Centro de Artes conseguiu muito nas duas primeiras semanas. Você pode ver que agora há uma maior ou quase total integração da comunidade com o nosso movimento. Isso é fruto das duas primeiras semanas. (A GAZETA, 1976)

O Jornalista, pergunta a Paulo Magalhães sobre a existência de um comentário que se fez em torno da promoção da semana da Arte, em que “*o pessoal da UFES estaria trazendo uma cultura dele para o local e não promovendo cultura de São Mateus.*” A resposta de do então atual diretor do Centro de Artes, mencionou a abertura a comunidade, e as atrações artísticas locais demonstrando o objetivo da semana em promover a cultura local de São Mateus:

Bem, a parte cultural em primeiro lugar. Nós vamos trazer este ano a Banda de Conceição da Barra. Na I Semana de Arte, tivemos a Banda de São Mateus [...] também já houve apresentação do Ticumbi, mas como o Hermógenes Lima Fonseca disse, eles estão em fase de ensaio. Não seria época propícia para se apresentar. Nós sempre fomos abertos a comunidade. Inclusive, antes de fecharmos a nossa programação, quer seja didática, quer seja cultural a comissão organizadora, por diversas vezes, se desloca até São Mateus para sentir o que a comunidade deseja, para saber em que ela pode colaborar ou mesmo participar. E hoje à tarde (domingo, dia 24) vamos ter no Porto a apresentação de números folclóricos encenados por alunos dos diversos colégios de São Mateus. [...] O objetivo é promover a cultura local. (A GAZETA,1976)

O Jornal A Gazeta, ainda expõe que a III semana de Arte dos anos de 1976, registrou o mais importante fato desde que as iniciativas no ano de 1974: o anúncio do governador da época, Élcio Álvares, sobre a aprovação do Estado para o tombamento do sítio Histórico Porto de São Mateus. Fato que representou uma grande conquista para a toda a organização da Semana da Arte. Na entrevista, Paulo Magalhães reafirma que este foi um dos objetivos principais da Semana da Arte, inclusive, houve pesquisas e levantamentos da parte da organização, alunos e professores, que corroboraram para tal decisão de tombamento:

O Tombamento do Porto de São Mateus é um dos objetivos principais da Semana de Arte. O que fizeram até então os participantes da semana de Arte: Houve esse trabalho de conscientização, houve um levantamento feito pela professora Cecilia Nascif, ajudada por alunos do Centro de Artes e o próprio Antônio Claudino, do Centro Biomédico, que está aqui agora, participou. Esse trabalho foi entregue à fundação Cultural. (A GAZETA, 1976)

Entramos em contato com a atual secretária geral do Centro de Artes da UFES em agosto de 2022, buscamos vestígios das realizações da Semana da Arte em São Mateus nos anos de 1974, 1975,76,1977 e 1978, a fim de investigar a existência de algum registro fotográfico, panfleto de divulgação ou qualquer outra fonte a ser disponibilizada para nossa pesquisa. Em resposta, a secretária do Centro de Artes, localizou alguns *folders* da Semana da Arte em São Mateus, concedeu acesso a fotos de algumas edições realizadas<sup>42</sup>

Alguns elementos dos *folders* (figura 1), nos chamaram atenção, a arte tematizando o Porto, o mercante na embarcação com sacos, supostamente de produtos agrícolas, demonstra emblemas interessantes da cultura local. Outro aspecto é divulgação da

---

<sup>42</sup> Figura 1, 2 e 3, p.28 e 29.

programação que envolveram cursos de arte, música, apresentações folclóricas, teatro e cinema. Também vemos a parceria de empresa de turismo envolvida no desenvolvimento da semana.

Nos *folders* (figura 2)<sup>43</sup> sobre a realização da IV e V, Semana da Arte em São Mateus, mais uma vez a temática do Porto é presente na arte de divulgação, cita-se o patrocínio da Fundação Nacional de Arte- FUNARTE, também a colaboração do Governo do Estado e da Prefeitura Municipal de São Mateus.

Nota-se nas informações dos *folders* que na XII e XIII semana de Arte (figura 3) que suas realizações obtiveram um avanço no que diz respeito a parcerias, pois se percebe um maior apoio de secretárias culturais, do Estado e do Município. Além de apoios empresariais do Banco do Brasil S/A, Caixa Econômica Federal, Petrobrás, Aracruz celulose S/A, Fundação Ceciliano Abel de Almeida, Água Açai e Comercio de São Mateus. Apoio também dos meios de comunicação como o Jornal Tribuna do Cricaré, Rádio Cricaré, Radio Antena 1- TV São Mateus- TV Norte- EMBRATEL, além do apoio da Pro- reitoria de Extensão- PROEX e da Câmara Municipal.

Há um pequeno fragmento textual no folder da XII edição, uma construção desenvolvida pelo Coordenador Geral do CEUNES/UFES, Sérgio Shweder, que articulou as idealizações das Semanas da Arte em São Mateus advém das preocupações com a preservação do Patrimônio Cultural do sítio Histórico e explica que apesar da realização das semanas também serem experimentadas em outros municípios, o comprometimento maior era com São Mateus, por ser a cidade pioneira da Semana da Arte. Além disso, o coordenador lança a campanha da valorização do CEUNES, enquanto uma instituição que estava marcando “significativa presença na comunidade mateense, formando, jovens para o mercado de trabalho imbuídos nos princípios norteados de responsabilidade, salvaguardando o exercício coexistente da cidadania.” (UFES, 1997). Esses registros expõem aspectos interessantes de um passado próximo, além de ser informações até então desconhecidas para nós na pesquisa, ao saber que a Universidade Federal estava engajada na busca da valorização do Patrimônio mateense desde 1974.

---

<sup>43</sup> p.29

Outra figura que aparece nos registros, em busca da valorização do Porto é o autor Maciel de Aguiar. Na Matéria do jornal A gazeta de 1985, são destacados os esforços de Maciel de Aguiar para levar a sério a necessidade da revitalização do Porto de São Mateus. A figura de Maciel De Aguiar<sup>44</sup> aparece em destaque, caracterizado enquanto um poeta, uma pessoa que buscava apresentar nas repartições públicas, propostas de revitalização do Porto. O artigo, sem autoria, afirma que essa busca ganhou proposições nacionais quando se iniciaram o apoio de intelectuais brasileiros, de muitas áreas, a fim de preservar o Porto, dentre os intelectuais citados estão: Afonso Arinos de Melo Franco, Fernando Gabeira, Jorge Amado, Caribé e Carlos Drummond de Andrade entre outros:

O Poeta [Maciel De Aguiar] saiu pelo País procurando convencer representantes de inúmeros seguimentos artísticos a se engajarem nesta luta. E acabou trazendo a São Mateus os escritores Rubem Braga e Fernando Gabeira além de anunciar a presença de Chico Buarque de Holanda, em breve tocando violão entre os velhos casarões. (A GAZETA, p.8, 1983)

Uma situação intrigante, foi a fala de Maciel em 1983 sobre sua contraposição para com a Semana da Arte, que como vimos realizou várias edições, e suas contribuições para o tombamento do sítio Histórico Porto, mas segundo o Poeta, não passava de “convescote”, ou seja, piquenique. Reduzindo os esforços e conquista realizados pela Semana de Artes, entretanto sem apresentar argumentos palpáveis que sustentassem a sua afirmação:

Vendo que tudo desmoronava, discordamos da proposta da Ufes que realizava a Semana de Artes de São Mateus, **uma espécie de convescote, sem buscar as raízes locais, sem pesquisar ou valorizar coisa alguma, 1978 e 1979, as casas voltaram a ser ocupadas pelas famílias que voltavam após o êxodo rural. Com risco de vida, porque, famílias inteiras se envolveram nessa tomada do porto, que apoiávamos.** (Maciel de Aguiar in A gazeta, p.8, 1983, grifo nosso)

Por outro lado, Cavalcanti (1981), discorreu sobre as discussões a respeito da restauração do Porto de São Mateus e realizou um breve histórico do abandono dos casarios, nele aponta que os professores e pesquisadores da Universidade federal, fizeram mais que piqueniques:

---

<sup>44</sup> Fundador e primeiro presidente do Centro Cultural Porto de São Mateus

Nos anos seguintes os 33 casarões no Porto ficaram completamente abandonados, transformando-se, até o início de 77 em ruínas e escombros. As primeiras tentativas para a recuperação do casario partiram de um grupo de trabalho organizado pela professora da Universidade Federal do Espírito Santo, Maria Cecília Nascif, que percorreu o Estado catalogando e documentando todos os monumentos históricos. (p.14)

As declarações de Maciel de Aguiar no trecho acima destacado, conflituam também com as informações do documento intitulado de “Programa De Valorização do Patrimônio Histórico Capixaba: Projeto de Reabilitação da área do Porto De São Mateus” do ano de 1978, em que afirma que as primeiras intervenções para a preservação do Porto foram realizadas em 1975, pelo citado grupo de trabalho da Professora Mari Cecília Nascif:

A primeira intervenção junto ao acervo urbano da área do Porto de São Mateus, com a finalidade de sua reabilitação, foi levada a cabo, em 1975, pelo Grupo de Trabalho para Levantamento Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Espírito Santo, em colaboração com o CONESTUR e a Prefeitura Municipal de São Mateus. A equipe selecionou prédios em caráter preliminar, por toda a cidade, não se limitando ao antigo Porto, para fins de tombamento a nível estadual. (FUNDAÇÃO JONES DOS SANTOS NEVES, p.12, 1978)

O Jornal A tribuna também tomou nota sobre o início das obras de restauração do Porto em 1977, em que já havia se iniciado o projeto de restauração, na reportagem, é demonstrado a preocupação da preservação do Patrimônio pela Fundação Jones dos Santos Neves:

No início do ano que vem começam as obras de restauração e reconstrução do porto de São Mateus. O projeto, feito pela Fundação Jones dos Santos Neves e coordenado pelo arquiteto Fernando Schwab, está em fase de montagem dos dados e estimativa dos recursos necessários para sua execução. Deve ser apresentado a Funarte até o fim do ano. [...] Conservar as características históricas do porto de São Mateus e dar estrutura de base para o turismo na região são os principais objetivos do projeto feito pela Fundação Jones dos Santos Neves. Mas segundo seu diretor presidente, Sthelio Dias, " a preservação da história é a primeira preocupação". (PORTO de São Mateus será restaurado em 1978. A tribuna, Vitória, Turismo, p.6, 1977)

Sthelio Dias, o diretor e presidente da Fundação Jones dos Santos Neves da época, relata ainda ao Jornal que se surpreendeu com a receptividade da população e autoridades mateense, atribuiu essa característica enquanto resultado do trabalho realizado pela Universidade Federal do Espírito Santo:

Nosso compromisso é com o Passado [...] nesse ponto, temos encontrado grande receptividade por parte da população e das autoridades de São Mateus, **o que é uma surpresa talvez um resultado das Semanas de Arte.** (Sthelio Dias em entrevista in PORTO de São Mateus será restaurado em 1978. **A tribuna**, Vitória, Turismo, p.6, 1977, grifo nosso)

Inclusive o artigo de Frizzera em 1997, ao também lembrar as tentativas de revitalização, vai citar que a ocupação dos casarios por famílias, defendida por Maciel de Aguiar em 1983, foi um fator dificultador para o início das obras, sendo só possível ser iniciadas no ano de 1996 com sua desapropriação:

As tentativas de revitalização do porto não são recentes. Depois da expulsão das prostitutas por volta da década de 60, começa a fase de abandono. O primeiro processo de restauração foi em 1981, com o projeto de consolidação das ruínas. Isso significava a tentativas de manter os casarões sustentados até a sua restauração[...] **as obras só puderam ser colocadas em prática agora, porque os casarões foram desapropriados pela Prefeitura local em outubro do ano passado.** (FRIZZERA, 1997, grifo nosso)

Maciel de Aguiar, alegou que "quando a Universidade Federal saiu de São Mateus para fazer o seu programa de artes em outros municípios, inclusive revendo a própria posição que havia assumido, deixou um espaço muito grande por ser ocupado." (Maciel de Aguiar em entrevista ao jornal A gazeta, Porto de São Mateus: Agora uma questão Nacional, p.8, 1983) De fato, registros encontrados na Biblioteca Municipal de São Mateus evidenciam a figura de Sebastião Maciel de Aguiar, em recortes de jornais preservados no acervo de maneira manual. Nesses achados, nota-se que Maciel se envolveu em questões culturais em São Mateus, sendo o idealizador e fundador do Centro Cultural Porto de São Mateus em 1983. A seguir um recorte do acervo que faz um breve histórico sobre a vida de Maciel:

Figura 19 - Recortes sobre o Centro Cultural Porto de São Mateus



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Municipal "Clementino Rocha" (2022)

Um trecho que destacamos no fragmento acima é que após 1968, Maciel de Aguiar foi para o Rio de Janeiro por 10 anos, regressou à São Mateus em 1978, final dos anos 70, descrito no texto da figura 20, logo depois funda o Centro Cultural Porto também sendo seu primeiro Presidente. Ou seja, Maciel de Aguiar não acompanhou ou presenciou a maioria das realizações das Semanas da arte da UFES em São Mateus desde 1974.

No recorte acima, pode-se observar que Sebastião Maciel de Aguiar, está indicado como Presidente da empresa Centro Cultural Porto de São Mateus de 1983 a 1987. Encontramos no acervo da Biblioteca Pública Municipal de São Mateus um Editorial e no jornal Aymorés de 1984, imagens constam APÊNDICE F, resumos do que foi a Criação do Centro Cultural Porto durante as décadas de 80 aos anos 2000.

Em suma, a história registrada no jornal relata que um grupo de jovens, sem apoio de qualquer entidade, estavam preocupados com a restauração do Porto e sua preservação, realizaram reuniões em um dos sobrados no Sítio Histórico Porto, a fim de criarem o CCP- Cento Cultural Porto de São Mateus. Não é citado os nomes dos componentes desse grupo de jovens. O registro conta que de maneira muito rápida a organização desenvolveu-se com diretoria, estatutos e ata de fundação além de sócios fundadores, mas não possuíam recursos materiais e financeiros. São citadas ações iniciais para levantar fundos para a organização, realizando atividades na festa de São Mateus, aniversário da cidade, destinando essas atividades para artistas, sócios e intelectuais e populares. Conta-se também sobre as confecções de camisas, que tematizavam a preservação do Porto. Entretanto, as atividades desenvolvidas não obtiveram retornos financeiro significativos. O histórico da organização do CCP, verificou a importância de atrair parcerias, inclusive da Universidade Federal do Espírito Santo:

Criar um grande projeto para atrair o governo do Estado, intelectuais, instituições, artistas, organismos governamentais e empresas privadas, [...] **contactou-se** o Instituto Jones dos Santos Neves e a **Universidade Federal do Espírito Santo. Conseguiu-se apoio técnico, financeiro e logístico**[...] (AYMORÉS, 1987, grifo nosso)

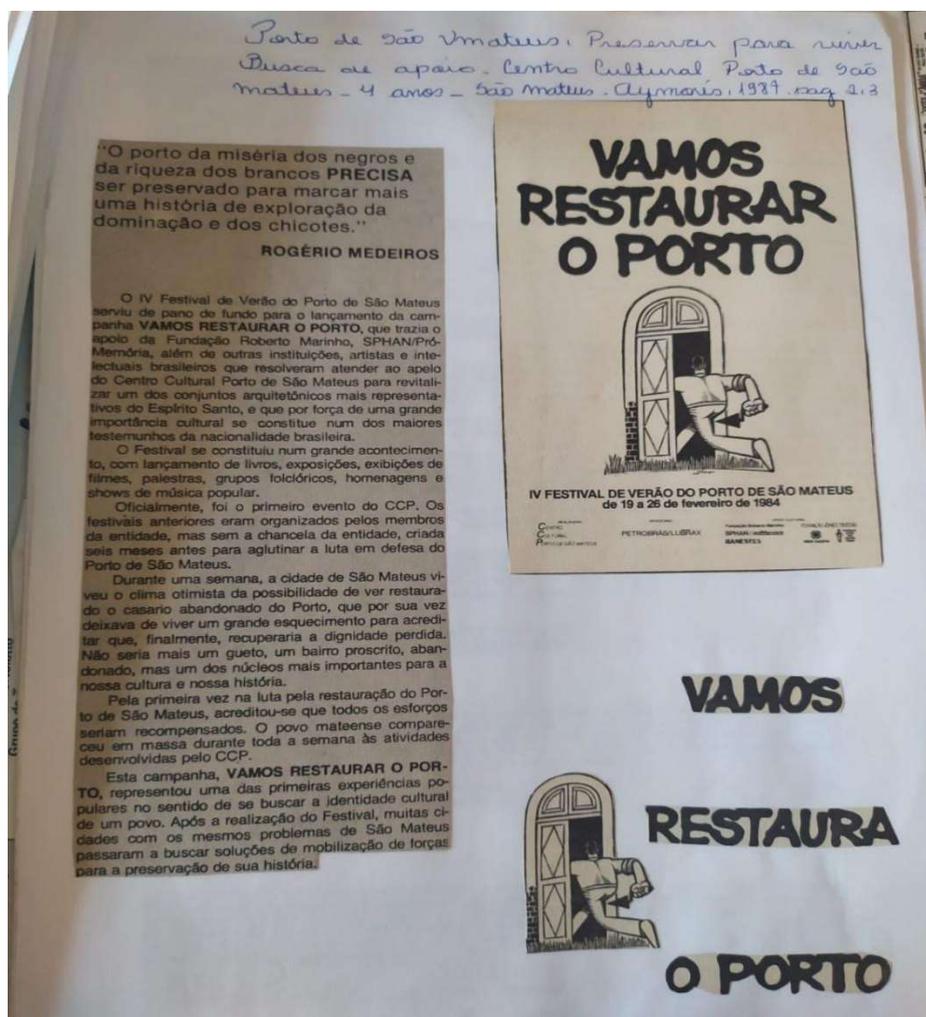
Em 1984, o Presidente da CCP, buscou apoio na Fundação Roberto Marinho e o recebe, concretizando uma campanha nacional intitulada “VAMOS RESTAURAR O PORTO”, em que foi desenvolvida uma peça publicitária com cartaz de Ziraldo.

O projeto contava com a participação de artistas e intelectuais do porte de Jorge Amado, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Josué Montello, Oscar Niemeyer, Afonso Arinos de Melo Franco, Darcy Ribeiro, Chico Buarque, Fernando Gabeira, Austregésilo de Athayde e Barbosa Lima Sobrinho, entre outros. [...] A TV Globo colocou no ar a campanha enquanto a Fundação Roberto Marinho captava recursos para a restauração do casario[...] (AYMORÉS, 1987)

O jornal Aymorés, que apresenta uma entrevista a Maciel de Aguiar em 1987, depois de 4 anos da Criação do Centro Cultural do Porto de São Mateus, discorre sobre o “objetivo perseguido” enquanto ainda gestor, Maciel de Aguiar, afirmou que o CCP nasceu da motivação de preservar a memória Histórica e a valorização de bens culturais, realizando trabalhos com empenho e determinação:

Nós não somos um poder público, não pertencemos a uma prefeitura ou a uma secretária de estado. Talvez por isso não nos tenham permitido atingir o nosso objetivo maior, que era a restauração do Porto de São Mateus. [...] (Maciel de Aguiar in entrevista ao Jornal Aymorés 1987)

Figura 20 - Recorte sobre a Campanha “Vamos restaurar o Porto” - 1984



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Municipal "Clementino Rocha" (2022)

Os objetivos expostos da Centro Cultural eram: resgatar a importância histórica, desenvolver projetos de cultura, eliminar estigmas de violência e de corrupção da administração em São Mateus. (AYMORÉS, p.10) Em nossa pesquisa, identificamos que a CCP, também era uma empresa ativa, com razão social Centro Cultural Porto De São Mateus – CCP, uma associação Privada, do tipo Matriz, aberta em 27 de setembro de 1983, informação no site CNPJ services<sup>45</sup>, atualmente encontra-se com

<sup>45</sup> Disponível para consulta em: <https://cnpj.services/27559657000140/centro-cultural-porto-de-sao-mateus>

a situação cadastral inapta pelo motivo de omissão de declarações, segundo o site consultado.

Maciel de Aguiar que também é ex-subsecretário e ex-secretário de Estado da Cultura do Espírito Santo, além de ex-secretário da cultura em São Mateus, em entrevista para a página online “Zero Censura” em 2019, comentou sobre suas contribuições ao CCP e a gestão pública de São Mateus, ao ser intitulado pelo entrevistador, um dos “maiores intelectuais do Estado do Espírito Santo”:

Você é um dos maiores intelectuais do Estado, não acha que poderia dar uma maior contribuição à gestão pública de São Mateus?

Maciel – Há muito estou contribuindo. Criamos o Centro Cultural Porto de São Mateus/CCP, quando o Teatro Anchieta realizava grandes espetáculos, e, depois, como secretário de Estado da Cultura, ocasião em que o Porto de São Mateus foi restaurado e realizamos a ópera O Guarani, como um dos mais importantes eventos das comemorações dos “500 Anos do Descobrimento do Brasil”, que ainda deve fazer parte da memória afetiva de muita gente. São realizações que fazem parte da História. [...] Criamos o Festival de Verão do Porto, o Festival Nacional de Teatro e era comum encontrar artistas como Dina Sfat, Tônia Carrero, Dercy Gonçalves, Chico Anyisio, João do Vale, Luiz Melodia e outros artistas do eixo Rio-São Paulo se apresentavam em São Mateus. O Teatro Anchieta foi fechado depois que saí da presidência do CCP. Foi uma grande perda! (ZERO SENSURA, 2019)

De fato, foram criadas memórias afetivas nos moradores da região por intervenção de uma forte exposição midiática da época, para a repercussão das atividades do teatro. Um dos nossos entrevistados, ao falar das transformações do Porto de São Mateus afirma que “a transformação parou quando Maciel de Aguiar largou o Porto [...]”

*“O que acontece é que o povo esquece rápido, o que aconteceu com o Porto, foi que Maciel de Aguiar levantou o Porto novamente, mas o que houve com Maciel... ele tem dois museus aqui no porto, foi secretário de cultura municipal. Fez a festa do guarani aqui, não sei se já ouviu do guarani, 25 mil pessoas que desceram aqui. Maciel foi a primeira pessoa, culturalmente falando, a trazer a cultura para São Mateus, e contando a história de São Mateus, tanto que o primeiro festival de verão de São Mateus obteve sucesso, [...] foi uma pessoa que deu uma alavancada, culturalmente no porto, mas aí já veio inveja, ocupou vários cargos públicos aí já falam: “há ladrão” [...] (APOEMA, 2021)*

Os registros nos mostram que as atividades do Centro Cultural Porto de São Mateus, lideradas por Maciel de Aguiar, não constam enquanto as primeiras ações de

valorização cultural local no Porto, visto que as Semanas da arte desenvolvidas pelo Centro de Artes da UFES aconteciam desde 1974. Tal assimilação, na narrativa do Sr. Mauá, pode ser advinda do grande fomento estratégico dos meios midiáticos de divulgação dos eventos realizado pelo Centro Cultural Porto, relembra a informação citada na figura 16, sobre as relações de Maciel de Aguiar com o Jornalismo. Na busca por fontes documentais na Biblioteca Municipal de São Mateus encontramos muitos fragmentos de jornais e panfletos que registram tais acontecimentos, como recortes de artigos que discorrem sobre a repercussão do teatro Anchieta e da criação do CCP em 1983. Seguem algumas imagens:

**Figura 21** - Panfletos do I, II e III Festival de Teatro Nacional Amador (1985-1987)



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Municipal “Clementino Rocha” (2022)

Figura 22 - Panfleto de Divulgação – Projeto Teatro Anchieta



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Municipal "Clementino Rocha" (2022)

O movimento do Festival Nacional de teatro amador começou na década de 80, apesar de ter seus objetivos pautados na restauração do Porto, a maioria das apresentações de teatro não aconteciam no Porto, mas sim na parte alta da cidade, em um imóvel que pertencia na época a Igreja Católica, da Diocese de São Mateus, que segundo os relatos estava abandonado sendo transformada em um teatro:

Antônio Eduardo Barbosa, vice-presidente do CCP, fez o primeiro contato com o padre Matias. Assinou-se, em seguida o contrato de comodato do imóvel [...] O velho prédio, conhecido popularmente como "Obras Camonianas", estava abandonada há mais de dez anos. Faltava-lhe quase tudo [...] O CCP mesmo sem recursos deu início às obras, trouxe o cenógrafo Gianni Ratto, que elaborou o projeto para a transformação de ima imediata utilização, que elaborou o projeto para a transformação do velho prédio num teatro. (AYMORÉS, 1987, p.1)

**Figura 23** - Foto do Teatro Anchieta ativo – (sem data)



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Municipal "Clementino Rocha" (2022)

Ainda sobre as lembranças dos festivais realizados pelo Centro Cultural Porto de São Mateus, o Sr. Mauá, descreve como o Porto, mesmo sofrendo a degradação dos casarios, se tornou um lugar festivo e frequentado, diferente do ambiente que se apresenta atualmente, citando aspectos da criminalidade:

*“Em 1981, vieram vários cantores do Brasil, fizeram quatro versões do festival de verão, apesar de estar em ruínas [casarios] era festivo, tinha butecos dentro dessas casas e tinha movimento, o porto era vivo, o Porto não era parado. E não existia esse movimento maligno que era o movimento da droga né, que hoje esse movimento é um dominador e a gente não pode falar muito, não pode se envolver com isso. [...]” (APOEMA, 2021)*

Concomitantemente, no final da década de 70 e início da década de 80 do século XX, os estados de alguns casarões tornaram-se críticos. Alguns estavam literalmente desabando, é o que aponta o artigo de Dalva Ramaldes em 1978:

Dentro em breve, o capixaba será um povo sem memória. O patrimônio histórico e artístico que marca o início da colonização do Estado está em total abandono e o pior é que nem toda a sua história ainda foi escrita. E quando assim resolverem, não haverá mais como o fazer, pois só restarão ruínas e já estarão mortos aqueles que poderiam contar alguma coisa sobre a vida ativa desse patrimônio. Assim está acontecendo com a Cidade Baixa de São Mateus, mais conhecida como Porto de São Mateus [...] Da velha cidade, que foi responsável pelo escoamento da madeira para diversos pontos da Europa quase nada mais existe. Depois da transformada em zona de prostituição ela abriga, hoje em sua maioria, mendigos da região, que não tendo outro lugar para morar, não temem que a qualquer instante sejam massacrados pelas poucas paredes e caibros dos prédios que ainda existem. (RAMALDES, 1978)

**Figura 18** - Imagem de Deterioração do Porto de São Mateus 1978



Fonte: RAMALDES 1978, foto de Aguiar Lorenzutti.

Estes registros assinalam que as reformas demoravam a acontecer nos casarios do Porto São Mateus, apesar do reconhecimento pelo Tombamento em 1976. Segundo Mingo (1980) apenas "em 1978 iniciaram-se gestões junto à esfera federal para se obterem recursos para a reconstrução do porto. Era um projeto de "urgência", que, contudo, só foi assinado no ano seguinte e iniciada a sua execução um ano depois." (MINGO, 1980, p.1). As idealizações do projeto foram realizadas pela Fundação Jones dos Santos Neves, e desenvolvidas em 1978, um dos objetivos para o projeto, era tornar essa restauração relevante, afirmou ser preciso uma intervenção urgente pelo seu estado de deterioração:

A restauração da área do Porto de São Mateus tem o objetivo de perpetuar um conjunto urbano significativo para o Espírito Santo e, concomitante, criar

uma estrutura suporte para a atividade turística. A utilização contínua do local garantiria sua preservação como monumento e, ao mesmo tempo, beneficiaria a região e ao Estado como mais uma atração. Há perigo de uma deterioração rápida do que resta do casario, que exige uma intervenção urgente para preservação deste espaço cultural potencial. (FUNDAÇÃO JONES DOS SANTOS NEVES p.22,1978)

A demora da realização das obras fez com que moradores da região não acreditassem que o porto poderia ser restaurado, “o porto de São Mateus não precisava ser tombado pelo Estado. Ele já tombou” [...] pelo que sei as condições das casas são bastantes precárias e não creio que possa haver reconstrução. Não fizeram nada até agora e não acredito que venham a fazer” (MINGO,1980, p.2) afirmou o Bispo Dom Aldo Gerna. Ao passar dos anos o sítio Histórico do Porto perdeu alguns de seus prédios, pois se tornaram ruínas. No ano de 1981, foi feita uma obra de escoramento, realizada pelo Governo do Estado, a fim de evitar o agravamento da deterioração das casas.

Essa lembrança de deterioração e o estado de ruínas dos casarios, também estão presentes na memória de nossos entrevistados: “depois que acabou a zona de prostituição, aí as mulheres [sic] foi embora, e não teve ninguém com condições de cuidar, foi acabando tudo de novo. (UBIRATAN, Moacir, 2021)”. O esfacelamento dos casarios tombados e a lentidão das obras viraram temas de algumas reportagens na década de 80:

Um dos projetos mais controvertidos dentro da área cultural capixaba é, sem dúvida alguma, a restauração e conservação do casario do Porto de São Mateus. [...] desde que tombado pelo Estado há alguns anos, deu margem a se pensar que em rápido tempo tudo estaria pronto para o turismo. (CHENIER,1981)

Tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o casario do Velho porto acabou se transformando em ruínas. Depois de anos de omissão nas obras para recuperar 33 casas que sobraram estão agora se desenvolvendo em ritmo lento. [...] não há previsão final para o final das obras, que deverão durar ainda muitos anos, conforme explica o diretor do DEC (Departamento Estadual de Cultura) (DANTAS, p1, 1982)

**Figura 25** - Imagem de Deterioração do Porto de São Mateus 1983



Fonte A Gazeta, Vitória, ES, 1983, p.8, 2 cad.19

Encontramos no acervo da Biblioteca Pública Municipal de São Mateus, um ofício da Secretária de Estado da Educação e Cultura à Prefeitura Municipal de São Mateus, disponível no APÊNDICE G, escrito por Anna Bernardes da Silveira Rocha, na época, presente do Concelho Estadual de Cultura. O documento possui a data de 24 de setembro de 1986. No ofício, a secretaria lamenta o desabamento de um imóvel localizado no Núcleo Histórico Porto, afirmando que as ações de consolidação, com escoramentos, feito pelo Departamento Estadual da Cultura estavam sendo retirados pela população local, lembrando a prefeitura do convênio firmado em 1981, frisou o dever de se comprometer em zelar pela conservação dos prédios num período de 10 anos. O documento pediu a imediata intervenção da prefeitura, a fim de vistoriar e fiscalizar os demais casarões para evitar mais desabamentos.

Outro achado no acervo foi um documento similar, entretanto com mais detalhes de informação, também do ano de 1986, disponível no APÊNDICE J. Um comunicado do Chefe da Divisão de Patrimônio Histórico-cultural, destinado a Glecy Helena Coutinho da Silva, diretora Geral. O Chefe da Divisão, comunicou que após a vistoria no local observou-se que o desabamento ocorreu devido à parte do escoramento colocado,

pelos serviços de consolidação, terem sido retirados e casa havia voltado a ser habitada (por pessoas da região). Entre outras recomendações, entende-se que este casario precisou ser totalmente desfeito e reconstruído pelo levantamento fotográfico feito anteriormente ao desabamento. O processo de revitalização para alguns dos moradores entrevistados pareceu lento e para outros pareceu “inútil”:

*“Dinheiro gastado, inútil, jeito que eles fazem essas restaurações não tem condição de ir a frente não porque os casario ficam fechado. No começo do governo de Rui Baromeu ia dar certo, porque trouxeram um cado de setor da prefeitura aqui para baixo, Tinha câmara municipal, tinha o recursos humanos, tinha a biblioteca, aí os pessoal que precisava alguma coisa de prefeitura vinha aqui, todo ano tinha festa de Reis, chamava aqueles pessoal que vinha de fora, vinha de Linhares e de vários lugares, de Aracruz, para fazer aquela festa de final de Reis em Julho, aí dava muita gente, tinha festival de verão, vinha muita gente de fora, vinha cantores da Bahia. O pessoal montava barraca para vender coisas, e pequenos comerciantes faziam um ganho até extra. depois foi enfraquecendo, enfraquecendo e acabou com tudo. E os outros prefeitos tirou os trem daí tudo, levou lá pra cima.” (UBIRATAN, 2021)*

A indignação do Senhor Moacir, está ligado ao fato de se realizarem as reformas dos casarios, entretanto o poder municipal não manteve atividades para a efetivação do uso e funcionamento das casas reformas, isto consequentemente reduz o fluxo de movimentação, que poderia auxiliar na valorização do local.

De acordo com Madeira (2021), em “Memórias arquitetônicas do sítio histórico Porto de São Mateus, as restaurações aconteceram gradativamente, na administração do prefeito Amocim Leite entre os anos 1983 a 1985, foram restauradas cinco casas comerciais, “com adaptações para o funcionamento de uma escola” (p. 37). A seguinte restauração acontece no mandato do prefeito Dr. Pedro Santos Alves entre os anos de 1989 a 1992, em que foram restaurados mais 3 imóveis, em que passaram ser ocupados pela Câmara Municipal, o Arquivo Público e a Biblioteca Municipal, como relatado pelo senhor Moacir. Nessa ocasião, é que foi feita a restauração do Mercado do Porto, que foi posteriormente demolido. Na entrevista, Moacir, fez uma sugestão de como deviria se efetivar as restaurações, tornando-as úteis para uso da população, no exemplo, uma ocupação por famílias:

*“O certo era ter feito assim, reformou, chamar uma família e colocar dentro e falar: Ó você vai cuidar desse casarão aqui, você não vai pagar aluguel, nada, você só tem que obedecer aos cuidados que precisa ter com ele, não deixar cair, pintar de vez em quando precisar.”*  
(UBIRATAN, 2021)

De fato, Madeira (2021), disserta que foi na administração do prefeito Rui Carlos Baromeu (1997-2000) quando “todo o conjunto de prédios da antiga praça Graciliano Neves (atual Largo do chafariz) passou pelo processo de restauração e o mercado Municipal demolido, pois não pertencia ao conjunto histórico colonial e imperial” (p.38). Foi aproximadamente 26 anos de restauração, entretanto o Porto, voltou a sofrer um novo processo de deterioração:

A partir do ano de 2010, o Porto de São Mateus sofre um novo processo de abandono, com casas abandonadas, outras em novo processo de ruínas e com funcionamento público apenas da Secretária Municipal de Cultura que manteve alguma atividade em sua sede no Sítio Histórico, até os dias atuais.  
(MADEIRA, p.38,2021)

Atualmente, em sua maioria os casarões permanecem fechados. Somente a Secretaria Municipal de Cultura permanece localizada no bairro Porto, no casarão que funciona atualmente a Casa da Cultura. A Câmara municipal, há alguns anos está localizada no bairro Santo Antônio, a Biblioteca Municipal “Clementino Rocha” agora se localiza no Centro de São Mateus, e o arquivo público se localiza atualmente no bairro Carapina.

No próximo capítulo, trataremos as discussões dos autores que foram essenciais, para o trabalho que realizamos ao entrelaçar de fontes documentais, narrativas e memória. As preposições que se seguirão contribuirão diretamente o nosso olhar para as fontes históricas utilizadas nesse estudo sobre o bairro Porto de São Mateus.

## **5 CAMINHOS ALARGADOS:** um novo olhar para as fontes históricas

Partindo dos referenciais propostos nessa seção foi possível verificar as potencialidades da memória enquanto fonte histórica. Ao trabalharmos com a abordagem da Nova História, vertente crítica da historiografia, imbuída de conceitos que ampliaram o campo historiográfico, principalmente no que diz respeito às variadas fontes históricas.

Inicialmente destacamos que os pressupostos da Nova História estão vinculados à crítica da tendência historicista tradicional, na qual prevalece a história geral com ênfase nos feitos dos grandes homens e episódios gloriosos, geralmente desconectados dos problemas sociais do tempo presente. Tais perspectivas historicistas, inculcadas na historiografia, começaram a ser questionadas por diversos estudiosos desde o final do século XIX e início do século XX. Este foi o início de um longo processo de discussões sobre a ampliação dos métodos e análises da Historiografia.

Neste contexto de transformações, a França representou um lugar fértil para tais ponderações no século XX, onde surgiram propostas desta “Nova História” voltada para uma Historiografia reflexiva e questionadora. A história-problema evidenciou um movimento de renovação na historiografia tradicional francesa, ao agregar novas abordagens, alargamentos e aprofundamentos do campo da pesquisa histórica.

Em suma, os preceitos da Nova História estão ligados a construção cultural e as variações temporais com ênfase na diversidade cultural. O historiador Peter Burke enquanto organizador do livro a “Escrita da História” (1992), apresenta de maneira didática a definição da Nova História, caracterizada enquanto um movimento unido contra o paradigma tradicional.

Tal paradigma é considerado enquanto um modo totalizante de se fazer história, em que a história se torna “objetiva” e sua função deveria satisfazer a “todos”, busca a articulação dos consensos. Entretanto, Burke (1992) afirma que o paradigma tradicional não está isento de contradições, pois segundo ele, não é possível evitar

olhar o passado de um ponto de vista particular, ou seja, o paradigma tradicional da história é restritivo quando centralizado na política e no estado, assentindo que as demais histórias fiquem marginalizadas e ignoradas.

Seguindo a perspectiva crítica sobre a Historiografia pautada no paradigma tradicional, e “*por uma história mais humana*” ao estudarmos as fontes históricas sobre o Porto de São Mateus, trabalhamos com as ideias do Historiador Francês Marc Bloch (1888-1944), cofundador e editor da revista “*Annales*” lançadas ano de 1929, integrante de um movimento de renovação historiográfica. É inegável a sensibilidade de Marc Bloch ao elaborar os escritos da obra “*Apologia da história ou o ofício de historiador*” (2001), movido pela aparentemente pergunta simples do seu filho: “Papai, então me explica para que serve a história”? (BLOCH, 2001, p.41).

Os escritos de Marc Bloch são considerados grandes marcos para a historiografia moderna, pois em suas discussões demonstra a especificidade do conhecimento histórico em relação as outras ciências. Além de desenvolver argumentos sobre as continuidades da História, ou seja, sustenta a tese que a história não permanece estanque no passado, mas em contínuo movimento caracterizado como um “plasma” que envolve presente, passado e futuro. Um exemplo disto é o histórico do Porto de São Mateus em que a história não terminou com o declínio do comércio portuário, nem tão pouco começou com a chegada dos colonos portugueses.

Além disso, Marc Bloch (2001) amplia o conceito de fonte histórica, compreende que toda produção humana se constitui enquanto fonte e isto inclui as ações e relações humanas. Desta forma para além das narrativas de acontecimentos lineares, a Nova História analisa as estruturas sociais, as mentalidades e os discursos não se satisfazem da “visão de cima” dos grandes feitos, dos heróis e estadistas, baseada apenas em documentos ditos oficiais. Durante o desenvolvimento do Capítulo 3 deste estudo, ao decorrer das entrevistas com os moradores do bairro Porto, observamos as versões existentes da história local narradas, seus olhares singulares para os acontecimentos da região. Nesta experiência compreendemos que os testemunhos, enquanto fonte histórica, completam e confrontam outras fontes documentais

existentes, revelando não haver verdades absolutas sobre os acontecimentos, contudo há sempre o espaço para reflexão e questionamento para cada registro.

As concepções de Bloch (2001) expandem a visão da história “vista de baixo”, contempla, desta forma, o aparecimento de pessoas comuns com suas experiências sociais de vida. Tal perspectiva da história nova desenvolve um novo e amplo olhar entre a tradicional distinção ou superioridade do que é periférico ou central na história, sem a pretensão de se alcançar uma verdade absoluta. Essas relações foram essenciais para proposta do presente estudo histórico, pois desenvolve a compreensão de que a História é de todos e está em todo lugar. É nesta perspectiva que esta pesquisa avançou ao construir o contexto histórico do Porto de São Mateus com entrevistas orais mescladas com outros topos de registro da história, livros, artigos de jornais, folders e fotografias.

Para tratar de memória, elegemos alguns conceitos de Le Goff (2013), historiador francês contemporâneo, que caracteriza a memória enquanto “nebulosa”, afirma que esta capacidade humana possui muita relevância em estudos que perpassam variadas áreas como a psicologia, a neurofisiologia, a biologia e a psiquiatria. Ela é definida por Le Goff enquanto uma propriedade que temos de conservar informações. A conservação de informações é um importante detalhe para compreender como essa capacidade de memória foi utilizada ao decorrer das civilizações.

A memória é a mais antiga faceta de registro mental, chamada “arte de memorizar” ou mnemotécnica, foi um método desenvolvido nas sociedades primitivas e continuou muito difundido em práticas pedagógicas na Idade Média e mesmo na atualidade ainda é possível identificar essa dimensão da memória. Entretanto, com as transformações sociais a memória assumiu outras variadas funções e formas nas sociedades, principalmente no campo de disputas de poder:

“Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são revelados destes mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF,2013, p.422)

Vemos que memória se insere em campos mais aprofundados, como a disputa social, esta é a questão apontada por Le Goff (2013), em que deixar seu nome na história da fama ou registrar suas genealogias foram formas de dominações de grupos e famílias pelo viés da memória, isto revela a perspectiva da memória enquanto fator identitário e elemento fundamental para o desenvolvimento das sociedades.

As reflexões sobre os espaços de recordação e de memória abordados por Aleida Assmann (2014), professora alemã, atuante na área dos Estudos literários e Ingleses, desenvolve estudos nas áreas da antropologia cultural e da memória, seus escritos foram de extrema importância para compreender a institucionalização das memórias. De maneira elaborada, Assmann não faz conceitualizações limitadas ao apresentar aspectos da memória, discute e expõe as variadas transformações e funções da memória de acordo com os tempos e os significados que lhe foram atribuídos em cada espaço temporal nas organizações sociais. Destaca as continuidades, descontinuidades, perpetuação, esquecimentos e problematiza os lugares da memória representativa em diferentes sociedades. Tal compreensão se constituiu de muito valor para nosso estudo.

A fim de entender a problematização do distanciamento das narrativas populares na educação formal, agregamos as nossas reflexões as perspectivas do ensaísta, filósofo, sociólogo e crítico literário Walter Benjamin (1996). Para o autor a narração é considerada um modo “artesanal de comunicação” afirma que “a arte de narrar está em vias de extinção” (p.197). Na obra “O narrador” escrito em 1936, Benjamin parecia já prever o declínio das narrativas atualmente e aponta para alguns fatores deste decaimento, entre eles o estabelecimento da modernidade e a ausência da experiência, posta as evidências que a habilidade de trocas de experiências está em crise.

De fato, parece não mais haver as rodas de crianças que se sentavam às portas de casa para escutar narrativas de anciãos, ouvir contos populares, como ocorria em minha experiência formativa com as histórias do Porto. Este problema está para além dos currículos educacionais, associado com as marcas da sociedade moderna, e a rapidez da informação:

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. (BENJAMIN, 1996, p.203)

Igualmente como Benjamin, o historiador Pierre Nora (1993) cita que na sociedade moderna, individualista, vive um momento particular da história, chamado de “aceleração da história”, que promove um sentimento de memória esfacelada, resultantes da mundialização, massificação e midiatização. Partindo desses pressupostos, acreditamos que nossa proposta de trabalhar com os relatos orais de moradores mais velhos, da localidade do Bairro Porto, correspondeu a uma possibilidade de trazer à tona experiências coletivas que agrega diversidade na reflexão histórica para além das histórias totalizadoras.

### 5.1 Caminhos revisitados da memória: o que dizem os autores?

Ao iniciar o processo de estudos desta pesquisa, o primeiro passo foi questionarmos o que é memória, sua funcionalidade, conceitualização e até mesmo desmistificar concepções que possuíamos a respeito do assunto. Nossas definições ainda imaturas, ao iniciar da pesquisa, possuíam ainda um ar demasiadamente poético, que contrastam com o que a memória representa em estudos teóricos. Propomos aqui adentrar na temática, e alçar compreensões da relação entre Memória e História, a fim de evidenciar os vínculos da historicidade nos relatos orais e narrativas sobre o local pesquisado, o Porto de São Mateus.

O nosso interesse pela memória se iniciou com as primeiras aproximações com a rememoração de pessoas mais velhas do convívio cotidiano, ligadas ao Porto Histórico. Tomamos as narrativas relatadas como tesouros da recordação, ao perceber a existência de uma força da memória ligada a este lugar, recordações contêm histórias cheias de entusiasmo, fluidas em uma linguagem popular acessível que nos aproximou das experiências passadas. Narrativas locais configuram-se numa linguagem mais livre e menos “engessada” pelo cientificismo.

A mescla da História com a Memória nesse aspecto torna-se fascinante ao mesmo tempo, perigosa de se tomar enquanto verdade única. De fato, perceber essa riqueza das narrativas motivou a busca por essa possibilidade da memória enquanto fonte histórica. Entretanto, com o decorrer dos aprofundamentos teóricos compreendemos que o trato com a memória e narrativa, são mais complexas quanto se parecem a princípio.

Memória e História são duas palavras distintas, com significados diferentes, mas que são passíveis de relações entre si. Primeiro trataremos de conceituar cada uma em sua especificidade, elegemos autores, que consideramos chaves de compreensão para este diálogo. A seguir, compreensões que contribuíram em nossas análises, ao tratar da memória enquanto fonte e vestígio para o estudo do sítio histórico Porto.

Para compreender a diferença entre Memória e História convidamos para este diálogo o historiador Pierre Nora, que analisa o jogo dialético entre essas duas concepções. Nora, discute aspectos da Memória e da História em seu texto: “Entre memória e História: a problemática dos lugares” (1993) em que tematiza e problematiza elementos da cultura e da experiência francesa, além de acentuar a aceleração da história e o desmoronamento da memória na modernidade.

Pierre Nora, conceitualiza que a memória em si não é história, ela é viva, dialética, se desfaz pelo esquecimento, se remonta pela lembrança afetiva, é aberta a ser revitalizada, a memória é do humano. De forma que a história para Nora (1993, p.9) “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais.” Compreendemos com base nas conceptualizações de Nora (1993), que a memória, ela é sempre atualizada, segundo ele, um “eterno presente”, e a história uma “representação do passado”. Portanto, a história requer análises e críticas dos discursos:

[...] há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo” (NORA, 1993, p.9).

A partir deste fragmento entendemos que a memória é a vida em curso, Nora (1993) afirma que a memória pertence aos vivos que possuem perspectivas parciais, envolvendo a seletividade, este elemento está em movimento e em transformação continuamente, transitando entre o lembrar e o esquecer. A memória, assim, é suscetível a manipulações, seja dos sentimentos ou de invenções, constituída nas subjetividades, ou seja, memórias são memórias e não buscam criticidade em si mesmas, fazem parte das relações humanas. Já a História ao contrário da memória, é “pertencente a todos e a ninguém” como descreve Nora (1993) a qual demanda criticidade, problematização e análise.

Nora (1993) também faz uma análise em seus estudos a respeito do esfacelamento da memória, ele diz: “só se fala tanto de memória porque ela já não existe mais” (p.7) Em suma existe a ideia de que o papel da memória, enquanto experiência de compartilhar, que antes era um sinônimo da própria vida intrínseca do movimento das sociedades, perde esse papel nas sociedades modernas, industriais e urbanizadas. Nas palavras de Nora (1993), a memória “se torna um fenômeno perdido” devido aos aspectos como o da mundialização, massificação e midiaticização. Encontramos correspondências desse aspecto da perda da memória em sociedades modernas em relatos e observações de mudanças comportamentais na vida cotidiana comum, registrados em contos literários sobre o Porto de São Mateus:

Cricarópolis encontrou, afinal, o seu destino glorioso. Dos seus vultos do passado – políticos, heróis desbravadores, operários de todas as categorias ou mesmo boêmios- só vagas recordações afloram nas mentes de algumas pessoas, pois agora, **todos estão imbuídos de grandes responsabilidades trazidas pelo progresso**, onde não há mais lugar nem tempo para fofoca, nem mesmo em portas de comadres, bares e cabarés do Porto. (LÉ, 1992, p.73, grifo nosso)

A citação acima é o último parágrafo do Epílogo, da última página livreto de contos “O Porto”, neste trecho encontramos assimilações com a crise da memória cultural citada anteriormente por Nora (1993). O autor observa que do passado só existem agora vagas recordações, pois com “responsabilidades trazidas pelo progresso” não há mais tempo para tais histórias, termos que caracterizam o fim das narrativas. Esse aspecto trata de um particular momento das sociedades contemporâneas que sofrem com a ruptura de um “passado morto”.

Em diálogo com Pierre Nora, Aleida Assmann (2014), professora alemã atuante na área dos Estudos literários e Ingleses, pautada em estudos da antropologia cultural e memória, tenciona as questões colocadas por Nora e indaga: “que tipo de memória não existiria mais?” (p.15) A autora desenvolve as compreensões da crise da memória descritas por Nora, enquanto um “desacoplamento entre passado e presente”, acarretando a perda de um passado, de forma irrecuperável. (p.18)

Essa ideia representa que cada vez mais, no presente, este passado vai sendo desvinculado da memória enquanto experiência e a causa disto se dá pela ausência da experiência e pelo estabelecimento da modernidade, de tal modo, Walter Benjamin (1996) dissertou em sua obra *O narrador*. Benjamin, ao conota a habilidade de trocar de experiências enquanto uma sabedoria rara, em vias de extinção. Este é um problema associado a disseminação da informação, pronta e acabada, que chega aos nossos olhos e ouvidos “dissolvidas”, possuindo todas as explicações, embebidas numa forte saturação do agora.

Para dar continuidade à discussão, Assmann (2014), nos apresenta tipos de conceitos de memória diferentes: O primeiro conceito de memória apresentado é chamado de “arte de memorizar”, técnica desenvolvida na antiguidade, em que destaca o uso dessa técnica ou mnemotécnica, ainda é muito utilizada em situações de uso instrumental, significa o “aprender de cor” através da repetição. O segundo conceito é a memória cultural ou formativa, uma memória relacionada a tradição cultural.

Outras provocações destacadas por Assmann (2014), ao traçar um diálogo com o Historiador Reinhart Koselleck, diz respeito ao distanciamento da experiência com as mudanças das gerações, em que as recordações que se esvaem com o fim das gerações, ou seja, o fim da vida. No episódio de deterioração dos casarios coloniais, a perda da memória, foi uma das preocupações acentuadas no histórico apresentado sobre o Porto de São Mateus, na década de 70:

Dentro em breve, o capixaba será um povo sem memória. O patrimônio histórico e artístico que marca o início da colonização do Estado está em total abandono e o pior é que nem toda a sua história ainda foi escrita. E quando assim resolverem, não haverá mais como o fazer, pois só restarão ruínas e

já estarão mortos aqueles que poderiam contar alguma coisa sobre a vida ativa desse patrimônio. [...] (RAMALDES, 1978)

O trecho conota a ideia de que a qualidade da memória é alterada ao não possuir mais a experiência viva. Assim, a memória passa a subsistir apenas por meio dos suportes como: documentos, imagens e filmes. Segundo Koselleck (1994) tornando esse passado depurado, o autor afirma que esses suportes deixam o passado “mais pálido e menos saturados de empirismo” (p.18) Ficando restritivo aos estudos. Este pensamento desenha que cada vez que uma geração vai se afastando da outra, este passado fica restrito ao campo da história, da abstração científica, sem vida, pálido ao se afastar da experiência.

Assmann (2014) complementar esta ideia de Koselleck, ao dizer que a memória pode sim ser viva e utilizar-se destes suportes, como as mídias, para isso ela cita o vívido acontecimento do Holocausto, afirma que “quanto mais distantes estamos de Auschwitz mais próximo ele está” (p.19) A autora, continua a dissertar que a “memória experiencial das testemunhas da época, caso não se deva perder no futuro, deve traduzir-se em uma memória cultural da posteridade desta forma a memória viva implica uma memória suportada em mídias [...]” (p.19) Significa que a memória é viva, experiencial comunicativa, pode ser transformada na memória cultural, mas para isso depende de políticas e ações, ou seja, é necessário os suportes e proteções adequadas.

Seguindo o pressuposto desses conceitos, reconhecemos que o sítio Histórico Porto necessita deste tipo de suporte, de recursos e de políticas de preservação desta memória local. Este estudo se inscreve no caminho de promover a importância deste suporte a estas memórias vivas e experiências de grupos locais deste lugar institucionalmente histórico:

A comunicação entre épocas e gerações interrompe-se quando um dado repositório de conhecimento compartilhado se perde. Da mesma forma que as “grandes obras antigas”, como o Fausto de Goethe, só são legíveis nos termos de textos maiores e mais antigos, como a Bíblia- que William Blake chamou de “o grande código da Arte”, as anotações de nossos avós e bisavós só são legíveis nos termos das histórias de família recontadas oralmente. Há então um paralelo entre a memória cultural, que normalmente liga três gerações consecutivas e se baseia nas lembranças legadas oralmente. (ASSMANN, 2014, p.17).

Neste trecho a conotação de Assmann (2014) disserta sobre a existência de uma memória que se expande, uma memória compartilhada por gerações. Essa memória recordativa de um grupo específico é conceituada pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (2017) de Memória Coletiva. O estudioso Halbwachs, aprofundam em estudos da memória individual e coletiva, constata que o contexto social é a base consolidadora para o trabalho de recompor memórias. O autor afirma que nunca estamos sozinhos, no contexto social existem as vozes que nos formam, nos recordam e nos rememoram ainda que fisicamente sozinhos, “o social se confunde com o consciente, mas também deve se confundir com a rememoração sob todas as suas formas.” (HALBWACHS, 2017, p.22) Compreendemos que memória expande para além do indivíduo sendo constituídas de partilhas sociais.

Nesta presente pesquisa conotamos o Porto de São Mateus enquanto uma memória cultural consolidada, tendo em vista a relação com sua historicidade e seu tombamento, que se constituiu enquanto um patrimônio que possui memórias vivas em antigos moradores. O aspecto da escolha desse grupo social específico constituído por moradores idosos com mais de 30 anos de história na região do Porto, se fortalece ao analisarmos as constatações de Halbwachs (2017), sobre lembranças coletivas, afirmou que trabalhos de reconstituição de memória precisam estar consolidados em uma base de noções comuns, para o autor “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (p.69). Desta forma, Halbwachs afirma que a recordação só possível, se tal grupo continua a fazer parte da mesma sociedade e de vivências em comunidade, denominada também de comunidade afetiva.

Halbwachs (2017), em sua obra “A memória coletiva”, disserta sobre perspectivas da memória coletiva entrelaçadas com a experiência. O autor aproxima a psicologia social com aspectos da sociologia. Para Halbwachs, a memória possui relações dinâmicas e dialéticas entre a esfera social e mental, desta forma, a memória pode ser também construída em grupos de referência. O autor, acentua a natureza coletiva da memória, havendo possibilidade de a lembrança ser retomada através de um processo coletivo, dentro de limites e complementações entre a memória individual e a memória coletiva e a formação de consciências coletivas. Tendo em vista esses

conceitos, compreende-se que a forma de se estudar a memória sofre variações profundas nas perspectivas e vertentes de estudos dos autores apresentados.

Seguindo com as perspectivas de Assmann (2014), existem variados pontos de vistas sobre o fenômeno da memória, ela discute as transformações e funções do uso da memória conforme os tempos e as sociedades. Dissertou sobre os variados significados atribuídos à memória em cada espaço temporal das organizações sociais. Desenvolve assim, as continuidades, descontinuidades, perpetuação e esquecimentos tematizados pelo uso da memória, despontando em características que vão além do cunho político.

Dentre tantos significados atribuídos a memória, nos interessa dialogar neste estudo sobre a memória enquanto tradição cultural. A memória viva, a qual vincula os indivíduos aos locais em que vivem, a uma nação, uma região, um lugar. Compreender as multífaces da memória e suas fragilidades em contraste e complementação com a História se constitui nosso primeiro desafio enquanto pesquisadores, principalmente ao nos depararmos com atributos polêmicos que envolvem as fontes orais. Um deles é sua confiabilidade. A hegemonia do documento escrito se perpetuou por muitos séculos nas sociedades e para alguns, as narrativas orais, podem ser caracterizadas apenas como uma mera fonte subjetiva, imaginária. Entretanto, toda fonte histórica, visual, escrita ou oral, contém subjetividades e devem ser interrogadas.

Sobre as fragilidades das fontes orais, o autor Gwyn (1992) destaca a hierarquia posta pela sociedade letrada, que evidencia o zelo com a linguagem escrita, pelo qual seguirá um viés da história cientificista, de tal modo, que para muitos historiadores a palavra escrita é a soberana. Gwyn, exemplifica e caracteriza que com o desenvolvimento de algumas sociedades o testemunho oral tornou-se potencialmente complexo, indo na contramão da objetividade requerida tradicionalmente pela lógica da narrativa estruturada, escrita. Tais fatos, ocasionaram no ceticismo existente a respeito das fontes orais, marcando as principais provocações sobre a vulnerabilidade da história oral, revelando as suas conseqüentes limitações, diferenciações e peculiaridades destas fontes estabelecidas como único aporte.

O autor também pontua o histórico do mal uso das fontes orais, que em muitos momentos do passado foram consideradas substitutas das fontes escritas, constituindo um tamanho equívoco, conforme problematiza o autor, “pode-se observar que a concordância está limitada às circunstâncias em que as fontes orais têm de se estabelecer sozinhas [...] as fontes orais corrigem as outras perspectivas, assim como as outras perspectivas as corrigem.” (GWYN, 1992, p.166)

Gwyn (1992), de maneira didática, irá contrastar as fragilidades da fonte oral como também as fragilidades e limitações das fontes documentais, de forma geral, pontua a existência dos limites de todo documento histórico e existência de parcialidade em ambas as fontes. Assegurou a possibilidade de serem usadas sem pretensão de se alcançar uma verdade, de forma que estas fontes podem ser cruzadas, a fim de se complementarem ao serem analisadas e criticadas pelo viés da história, este movimento promove a diversificação das análises históricas.

Reconhecemos com estes estudos que é pelo viés da diversificação que assumimos este interesse pela memória. Realizamos assimilações com o que escreveu Assmann (2014), ao explicar o grande fascínio de pesquisadores pela memória nas últimas décadas, ela cita alguns dos declínios de modelos de explicação unificadores: primeiro o declínio da filosofia da história, segundo declínio é o da filosofia do sujeito e por fim o declínio do paradigma científico das disciplinas. Assmann, acentua a desconstrução de modelos únicos de explicação e a busca da diversidade de compreensões.

Compreendemos com essa leitura que a memória se inscreve no curso da história de várias maneiras, pelo viés das representações e mais especificamente exemplificaremos esse fenômeno por via da arte literária, com os versos de Martins (1998) do livro “*Espírito Santo- meu paraíso em versos*”. Uma obra composta de textos e poesias, que apresenta em grande parte da região Norte do Estado do Espírito Santo, justificado pelo fato da autora ter residido em São Mateus. O poema destacado, caracteriza São Mateus e cita relações temporais da história local:

Da cidade alta vejo  
Na panorâmica, o casario de um começo.

O Porto cidade baixa e antiga  
Pela era nova do progresso esquecida

De São Mateus o esboço  
Da história duma gente  
O ontem e o hoje, unidos na corrente!

Sonolento o Cricaré, o cenário pincelou  
As siglas S.M na planície desenhou  
E na viagem lerda que o pó das épocas  
leva a construção dum povo de amor se  
encerra!

Espelho do passado, teu berço  
Dos Barões, Aimorés e escravos  
sofridos.  
Oh! Secular cidade! Dum Porto tão rico!

(MARTINS, 1998, p.25)

Segundo Martins, seus escritos buscaram integrar uma espécie de incentivo para que seus leitores Capixabas ou de outros estados sintam vontade de conhecer “um pouco mais das riquezas que possuímos e através da poesia absorver os conhecimentos dessa bela terra que é o Espírito Santo” (MARTINS, 1998, p.17). O poema de Martins, faz menção características geográficas da cidade de São Mateus e retoma sua trajetória histórica, sua economia e decadência, com esse exemplo, percebemos a relação entre a arte e recordação, assim como afirma Assmann (2014).

Assmann (2014) afirma que “a temática dos estudos culturais relativa à memória não se mostra apenas como um novo campo de estudos, mas também como uma maneira especial de processar as amplas malhas de problemas que concernem ao todo da sociedade” (p.22). Entendemos, portanto, que memória pode ser um forte instrumento para reconstruir provas significativas para a atualidade. Um exemplo muito claro desse aspecto para nós, foi cruzar as narrativas do conto literário de Lé (1992), com a reportagem da dona Neném Preta em (1998):

[...] Maria Dajuda, 69 anos, carinhosamente chamada de Neném Preta, que chegou a São Mateus na década de 60 para ser prostituta dos cabarés do porto. Na época a mineira de Nanuque tinha 25 anos de idade. Logo foi reconhecida por sua beleza e ganhou a fama como a rainha do porto.” (SEGANTTINI, 2008)

[...] Chegara há pouco tempo, vinda de Minas, uma prostituta de nome Cedilinha, mulata sacudida, pulseiras e aquele indefectivo cheiro de perfume Dyrce, vendido em tubinhos. Era sem dúvida alguma, a atual rainha do cabaré do Zé Capenga. (LÉ, 1992, p.13).

Ao observar a similaridade do conto literário com a vida cotidiana e os acontecimentos, podemos dizer, que a arte abrange um lugar na memória e nas representações, ou melhor, um espaço de recordação e tensão, segundo Assmann, ao falar da atual crise da memória cultural, ela relaciona memória e arte, em que a “[...] arte começa a se ocupar mais fortemente da memória justamente quando a sociedade faz pressão para que a memória se perca ou seja apagada” (ASSMANN, 2014, p.26).

Assmann, defende a ideia de que a arte tematiza aspectos da crise da memória em que encontra outras formas na dinâmica da recordação e do esquecimento culturais. De forma que ao analisarmos ao Poema de Martins, podemos relacionar representações da história do Porto de São Mateus, quando cita os Barões, os Aymorés e os escravizados, assinala o declínio econômico ao ser esquecido pelo progresso. Sabe-se que na história local de São Mateus, após o contexto da construção da BR 101, no ano de 1963, houve o declínio da economia comercial do Porto:

Em 1963, tem início a construção da BR 101, ligando São Mateus à Vitória. Esse fato foi, certamente, o que mais contribuiu para o declínio do porto e para a substituição do rio, que até então fora a principal via de acesso à cidade. A partir desse contexto, tem início a segunda fase histórica do desenvolvimento mateense, marcada pela decadência do porto e da economia local. (GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2009, p.299)

Entrelaçar esse marco do desenvolvimento de São Mateus com o poema, apreendemos que a memória, a arte e a literatura, enquanto elementos artísticos, expressam a vida em si, contêm potenciais recordações, invenções, narrativas e imaginações, que não possuem necessidade de se posicionar ou se inscrever enquanto verdade total. Entretanto, possuem representações importantes para a contribuição da reflexão de aspectos sociais, históricos e culturais.

As reflexões sobre a disputa de poder envolvendo as esferas sociais mateense exercem exatamente a função social da história, pois segundo historiador Bloch (2001), o movimento de reflexão, a fim de alcançar compreensões para além do “presenteísmo” pode ter como ponto de inicial o contexto da vida cotidiana, uma narrativa, ou mesmo um poema, pois para este autor, tudo têm uma história.

Assimilamos baseados das ideias deste autor, a importância de compreender o presente pelo passado e correlativamente compreender o passado pelo presente, de forma que presente e o passado estão ligados continuamente. Por fim para se entender a deterioração de um lugar no presente como o Porto no presente, é necessário refletir que caminhos foram traçados no passado.

## 5.2 Por que estudar a história local?

Nossa pesquisa partiu da busca por compreender inquietações cotidianas do presente pelo passado, citamos inicialmente a verificação do afastamento da história local da sala de aula mateense e conseguimos analisar esse distanciamento na experiência de sondagem realizada em setembro de 2021<sup>46</sup>. Para além da sala de aula, também nos deparamos com discursos carregados de preconceitos sobre a história local em comentários daqueles que visitam o sítio Histórico Porto atualmente, falas, que remetem medo e insegurança. Tais provocações nos move a conhecer mais sobre a importância do ensino da história local, o que o torna válido para ser trabalhado nos anos iniciais?

Destacamos neste tópico alguns estudos atuais sobre aspectos do ensino da história local na sala de aula, evocamos as concepções de autores como Fonseca (2009) Barros (2012), Cainelli e Santos (2014), Gevehr (2016) e Marques (2019), a fim de apresentar suas perspectivas e investigações sobre a importância do ensino da história local ao relacionar acontecimentos da vida cotidiana com a história.

O autor Marques (2019), ao tecer considerações a respeito da história local e seu ensino nas escolas de São Mateus, identificou e problematizou os desfechos da Lei 583 de 1998. O documento oficial, obriga o ensino da história e geografia nas escolas do município de São Mateus, e ocasiona o surgimento da temática da história local no currículo de ensino da rede municipal. De fato, verificamos o Plano Municipal de Educação (PME) de São Mateus, em seu desenvolvimento, o documento cita interessantes propostas para o ensino de história nos anos iniciais, dispõe alguns enfoques relevantes para o ensino de história local que são:

---

<sup>46</sup> Ver tópico 5.3 Sondando histórias de agora: narrativas na sala de aula.

Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.

Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.

Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Analisar e compreender o movimento de populações e mercadorias no tempo e no espaço e seus significados históricos, levando em conta o respeito e a solidariedade com as diferentes populações.

Compreender e problematizar os conceitos e procedimentos norteadores da produção historiográfica. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS, SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO. **Programa de Ensino Anos Iniciais: ciências humanas/ história**, 2019, p.01)

Apesar de constatar aberturas importantes para fomentação do ensino de história local no município de São Mateus, Marques (2019), problematizou as principais referências básicas sugeridas para o estudo de história local na região, segundo o autor, trata-se de um material que aborda “uma história local com viés positivista, linear, vista de cima e com foco nos grandes líderes e feitos locais.” (p.45) Um fato problemático para aplicação desse conhecimento nas escolas, caso não haja um mínimo de reflexão e questionamento, é a reprodução de discursos e práticas engessadas na educação, pode resultar em uma legitimação de poder ultrajada.

De fato, entendemos a contar das mudanças consideráveis sobre o conhecimento histórico, que em todo tempo e em todos os lugares a história está acontecendo, na rua, na escola, em casa, não somente em determinados lugares privilegiados, o fragmento do poema de Ferreira Gular (1999), representa muito bem o aspecto da história humana:

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas; nas ruas de subúrbio, nas casas de jogo, nos prostíbulos, nos colégios, nas ruínas, nos namoros de esquina. Disso quis eu fazer a minha poesia, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas

que não têm voz. (FERREIRA GULAR. Corpo a corpo com a linguagem. 1999)

Nesse trecho do poema, percebemos a história com lentes amplificadas ao retratar o cotidiano, a vida comum. Podemos identificar a contraposição do autor sobre ao citar as “Lutas de representações” ao dizer que sua inspiração de produção é uma necessidade justa de dar voz a história cotidiana de pessoas marginalizadas. Este aspecto também é evidenciado pelo autor Barros (2012) que assume uma perspectiva ampla no desenvolvimento da “trama” da História, não está limitada apenas em nomes e figuras de destaques aclamados por determinados grupos, mas ligada a “construção consciente e/ou inconsciente, paulatina e imperceptível de todos os agentes sociais, individuais ou coletivos.” (p.68). Fato que Selva Guimarães Fonseca (2009) confirma em seus constructos ao longo de seu histórico de experiências na área da educação, principalmente no ensino e aprendizagem de história e formação docente, as evidentes noções históricas transmitidas nos mais diversificados espaços de convivência.

Entretanto, Fonseca (2009) considera o papel da escola muito significativo para o ensino de história, e afirma que é [...] “na escola que os saberes históricos são (re)construídos, sistematizados, produzidos, incorporados ao processo de ensino e aprendizagem.” (p.47). Essa constatação é essencial para nossos estudos, pois nossa problematização parte do distanciamento da história local no ambiente escolar, consideramos que a sala de aula é um espaço importante para a formação do pensamento histórico, é nela que intencionalmente podemos questionar aspectos do cotidiano ou a ausência deles, refletir o passado e construir novas relações e percepções.

Barros (2012), desenvolve uma temática que se aproxima bastante das proposições que tratamos neste estudo, disserta em sua produção sobre a compreensão e a importância do ensino da história local para o resgate de identidades históricas e sociais, relacionadas a memória “enquanto prática de representação social, portanto, para o estudo das formas de resgate de memórias coletivas durante tempo esquecidas no espaço público pela memória oficial” (p.70).

De fato, para o historiador Bloch (2011), esta é a função social da História, em que é ligada ao movimento de reflexão de indivíduo, resulta no alcance de compreensões que vão além do “presenteísmo”, e o ponto inicial para esta compreensão está na vida cotidiana e em consequência tais compreensões podem ser potencializadas em experiências emancipadoras pela via do conhecimento.

Sendo assim, o autor Barros (2012) aponta para a importância de um trabalho voltado para perspectiva da História Cotidiana na sala de aula, segundo ele, esta perspectiva a história pode se tornar mais acessível ao público infantil e jovem do ensino básico, tem em vista o cotidiano enquanto objeto de estudo e trabalho em sala de aula. O autor discute sobre o desenvolvimento de metodologias que possam auxiliar em um ensino de história que se alinhe com a inserção da história local em sala de aula, que compreenda o cotidiano dos alunos, segundo ele:

Para ensinar História a partir da experiência de vida do aluno faz-se necessária uma perspectiva teórico-metodológica que fale da vida das pessoas, as memórias e lembranças dos sujeitos de todos os segmentos sociais. É preciso dar voz às histórias desses sujeitos que sempre estiveram excluídos dos conteúdos ensinados. (BARROS, 2012, p. 66)

Ainda sobre ensino de história local, o estudo de Cainelli e Santos (2014), compreende a análise das influências da história local na formação de uma consciência fundamentada em orientação temporal e interpretativa do cotidiano. Para isso o estudo desenvolve alguns questionários chamados de “questionários de caráter socioeconômico-cultural” aplicados em uma escola de Londrina, município do Paraná com alunos do nono ano do ensino fundamental em que os autores verificaram uma grande necessidade de “identificação entre passado e presente em um processo que produza uma explicação da realidade atual.” (p.172)

Ao justificar o estilo desta abordagem, Cainelli e Santos (2014) afirmam existir limitações dos materiais didáticos proporcionados aos professores ao tratar do ensino de história local, segundo eles, os materiais “não dão conta do assunto, cria, nesse sentido, um vácuo no que tange o estudo das histórias locais.” (p.159) A problemática identificada por esses autores possui similaridades ao ensino de história no município de São Mateus atualmente.

Desta forma, para Cainelli e Santos (2014) a história local permite proximidade da realidade, ocasiona possibilidades diversas derivadas de seu estudo, podendo ser trabalhada em sala de aula visando auxiliar na construção de uma identidade e pensamento histórico:

A história local ao ser trabalhada no contexto da sala de aula ajudaria numa proposta de ensino processual, voltada para o estudo da experiência humana no tempo, compreendendo as mudanças e permanências pelas quais as sociedades passam, contribuindo, desta maneira, para a construção de uma identidade histórica e a formação do pensamento histórico nos estudantes. (CAINELLI E SANTOS, 2014, p.167)

A formação de uma identidade histórica permite identificar alguns dos problemas de estigmas que vivemos no município de São Mateus, principalmente no que se refere as concepções sobre o bairro Porto, onde se encontra o patrimônio Sítio Histórico Porto.

A fim de demonstrarmos preconceções a respeito do Porto de São Mateus, utilizamos a ferramenta de avaliação de locais do Google Maps<sup>47</sup> para localizar a região do Sítio Histórico Porto, e nela temos atualmente<sup>48</sup> 307 avaliações sobre o local. Nas falas dos internautas que visitaram o lugar, se destacam algumas temáticas: o descaso do poder público com a região; a falta de investimento no Porto para fins de turismo; o reconhecimento histórico e cultural do local e alguns aspectos que podem caracterizar o distanciamento da população deste lugar. Aqui destacamos algumas falas problemáticas que retratam esse afastamento:

Uma lástima! Poderia ser um local lindo gerando emprego e renda para a população local. Mas, ao contrário: é assustador! Totalmente abandonado, com pixações nos muros dos prédios históricos fazendo alusão a facções criminosas. As pessoas que ficam no local também intimidam. Tome cuidado. Passei rapidamente. (INTERNAUTA X, 2020)<sup>49</sup>

<sup>47</sup> Ferramenta de pesquisa e visualização de imagens e mapas online fornecidos via satélite gratuitamente na web, recurso desenvolvido pela empresa estadunidense Google.

<sup>48</sup> No momento da escrita deste estudo.

<sup>49</sup> As avaliações sobre o sítio Histórico Porto estão disponíveis em: <https://www.google.com.br/maps/place/S%C3%ADtio+Hist%C3%B3rico+de+S%C3%A3o+Mateus/@-18.712034,-39.8545904,16.75z/data=!4m16!1m8!3m7!1s0xca0d00f44c7a0d:0x2fecfd1d2b740410c!2zU8OtdGlvIEhpc3TDs3JpY28gZGU8OjbyBNYXRldXM!8m2!3d-18.7126643!4d-39.8551667!14m1!1BCgIlgAQ!3m6!1s0xca0d00f44c7a0d:0x2fecfd1d2b740410c!8m2!3d-18.7126643!4d-39.8551667!9m1!1b1>

Esta fala remete ao abandono e a falta de amparo do poder público de iniciativas que valorizem o sítio Histórico Porto, a narrativa também revela representações simbólicas de violência. O autor do comentário descreve que as “pessoas que ficam no local também intimidam”, isso demonstra uma descrição Pré-conceitualizada, já que revela ao final do comentário que passou por ali rapidamente, sem ao menos ter uma ambientação maior com a população da região.

São muitos comentários na plataforma de avaliação do Google Maps a respeito da atração do Sítio Histórico Porto, as opiniões se dividem, muitos avaliadores destacam a beleza do local, outros as inseguranças e uma significativa parte demonstra tamanha indignação pela deterioração e abandono do Sítio Histórico Porto. Seguem alguns desses discursos<sup>50</sup> destacados por nós, no período dos últimos 4 anos:

O lugar é de uma riqueza histórica e cultural inegável, mas muito triste ver a situação em que se encontra, mal cuidado uma sensação de abandono. Quem perde somos nós, pois parte da nossa história é que está negligenciada. O poder público precisa fazer alguma coisa para revitalizar e manter bem conservados lugares como esse. (INTERNAUTA A, 2021)

Muito triste!!! Lugar lindo, mas sem nenhum tipo de cuidado por parte do poder público. Museus fechados, prédios abandonados, acesso precário para turistas e locais. Toda a história do local simplesmente ignorada. (INTERNAUTA B, 2019)

Lugar com potencial pra ser um dos lugares mais bonitos de São Mateus. Mas está esquecido pela prefeitura e órgãos competentes. Muito descaso com uma história tão rica e um lugar tão bonito! (INTERNAUTA C, 2021)

Lugar lindo, histórico, pena que está abandono e cheio de pessoas usando drogas. Fiquei com medo quando fui. A prefeitura deveria dar mais valor ao seu cartão postal. (INTERNAUTA D, 2020)

Manter nossa história viva é obrigação de todos. (INTERNAUTA F, 2019)

O sítio histórico de São Mateus tem um povo rico de beleza de amor de carinho de afeto de humildade lugar muito usado para tirar fotos ou muitas vezes para sentir em paz consigo mesmo um lugar onde pessoas como disse simples vive do que sabe viver da pesca artesanato e uma fé tremenda então venha visitar meu lugar O famoso sítio histórico de São Mateus Espírito santo (INTERNAUTA G, 2020)

Podemos observar que essas falas estão carregadas de inúmeros significados, advindos das percepções sociais observadas pelos visitantes que passam

---

<sup>50</sup> As falas estão descritas tais quais estão disponíveis na plataforma de avaliação do Google Maps, assim contendo uma linguagem informal e podendo haver erros de ortografia. Escolhemos preservar os nomes dos autores.

rapidamente pelo local. Existem descrições de medo, insegurança pública, indignação, entretanto a última descrição do Internauta G nos chama atenção por sua positividade, ao convidar a comunidade para a visita, descrever a humildade e o amor dessa população local, ainda destacar a beleza da sabedoria popular, ao final ainda toma para si este lugar: “venha visitar meu lugar o famoso sítio histórico de São Mateus Espírito santo”. A narrativa desponta que o conhecimento mais aprofundado da localidade, a experiência, o fez sentir-se parte deste lugar, desta história.

Notamos nas avaliações variações de percepções sociais sobre um mesmo local, tais compreensões podem ser objeto de estudo da história, pois segundo Barros (2011) ao tratar das vertentes da História Cultural, afirma que os discursos e símbolos da vida sociocultural produzem cultura: “a própria linguagem e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social embasam uma noção mais ampla de Cultura” (p.41). Também é importante notar que os discursos não estão isentos de intenções, o autor Chartier (1990) ao caracterizar a história cultural, afirma que o principal objetivo é identificar a maneira como em diferentes lugares e momentos se constrói uma determinada realidade social, pensada, dada a ler.” (p.17) Ou seja a história local do Porto de São Mateus está acontecendo agora mesmo pelos constructos da linguagem e das representações que lhe são atribuídas socialmente.

Percebemos a necessidade de se explorar mais a história local da região do Porto de São Mateus em sala de aula, enquanto um local importante de memória e reflexão do presente para o município. Ao tratar da crise dos lugares de memória na modernidade, Gevehr (2016), contempla questões riquíssimas para o ensino de história atualmente, em suma o autor discute sobre as transformações no modo de ensino e aprendizagem nas configurações da modernidade, esta entendida enquanto modernidade líquida, em que se apresentam novas configurações sociais, desponta na fragmentação do coletivo, uma crise que acentua a necessidade de mudança e ressignificações nos processos de ensino de história neste contexto fluído.

Os escritos ainda trazem desdobramentos sobre a problematização da memória, usos e manipulação dela ao passar dos séculos, que resultaram em um ensino de história não muito satisfatório e pouco crítico, demonstra a existência de algumas fragilidades.

Ao problematizar as identidades contemporâneas, Gevehr (2016), propõe a exploração a lugares da memória para a contribuição da produção de saberes do passado, ou seja, problematizar esses lugares de memória nas aulas de história, em que os alunos sejam instigados a questionamentos, como exemplo “os porquês” desses lugares, “quem foram” as pessoas representadas e “como essas pessoas chegaram nesses ambientes que procuram guardar uma memória.” (p.949). Desta forma os alunos poderão perceber as diversas relações e significações entre praças, museus, monumentos e entre diferentes lugares que revelam significados, memórias e trajetória de vida. Em outro ponto, o autor disserta sobre a importância desta exploração:

Certamente, ao explorar esse universo de materialidade simbólica presente nos lugares de memória [...], o professor de história fará com que seus alunos descubram um complexo processo que envolve a produção e a difusão de valores e ideias que estiveram presentes no processo de criação desses lugares. Com isso, esses sujeitos passam a reconhecer sua cultura também como resultado de interesses, de ideologias e do poder de determinados grupos, que muitas vezes impõem sua cultura. A partir desse trabalho – exaustivo – de provocar nos alunos o exercício da crítica sobre a história, tendo como base os lugares à sua volta, acreditamos que o professor estará contribuindo para a formação de cidadãos críticos e reflexivos sobre a produção cultural existente no ambiente em que se insere. (GAVEHR, 2016, p.949)

Por meio da revisão de literatura a respeito da história local foi possível situar a necessidade de que o ensino de história atual precisa ser pensado do espaço local, a fim de formar cidadãos críticos, destacamos que este é um trabalho exaustivo como bem pontuou Gavehr (2016), que parte de um professor-pesquisador, demanda preparação, estudos, criação de metodologia. Compreende-se que a imersão de provocações entre professor e alunos que envolvem a criticidade sobre a história cotidiana, promove conexões e entrelaçamentos com o todo, ao notar que o local e o geral estão vinculados. Este movimento resulta no exercício de atuação crítico e reflexivo dos alunos a respeito da sociedade que o cerca. Tais perspectivas inspiram este estudo em direção da busca e preservação de memórias locais e possibilidades de construção de propostas pedagógicas.

### 5.3 Sondando histórias de agora: narrativas na sala de aula

Adentrar a sala de aula foi um dos objetivos traçados na pesquisa a fim contribuir na reflexão da importância da história local para os anos iniciais do ensino fundamental. A experiência possibilitou verificar a existência atual da nossa problematização inicial: *“Por que motivos há este distanciamento das narrativas em relação à educação formal?”*. Ouvir o que os alunos dos anos iniciais dizem quando o Porto de São Mateus é tematizado, foi essencial para entender quais lacunas poderiam existir no ensino de história local no município de São Mateus.

Igualmente descrito no subtópico “Grupo focal” do capítulo 2, estruturamos uma apresentação sobre aspectos históricos da cidade de São Mateus, baseado no material desta pesquisa. As ações duraram aproximadamente 4 semanas entre o planejamento e execução da proposta, iniciada em 01/09/2021 a 22/09/2021.

Participaram quatro turmas dos anos iniciais do ensino fundamental sendo, duas turmas do 2º ano do ensino fundamental, com idades entre 7 e 8 anos, uma turma de 4º ano e uma do 5º ano, com idades entre 9 e 12 anos. As atividades desenvolvidas, denominamos como “aula- sondagem” sendo realizadas no mês de setembro de 2021. A aplicação da proposta durou 5 horas, foi dividida em dois períodos iguais para atender as turmas. Num primeiro momento com os alunos do 4º e 5º ano, e posteriormente os alunos do 2º ano. Aulas tiveram o caráter expositivo, foram planejadas de maneira específica para os anos iniciais, com adaptação com as idades e habilidades de cada turma.

No primeiro momento de apresentação, durante um período de 3 horas, houve a preparação do ambiente em distanciamento social e a organização das carteiras em semicírculo para receber os alunos do 4º e 5º ano a fim de participarem da apresentação, o corpo pedagógico nos deu todo apoio para essa ambientação, disponibilizou uma sala desocupada para montagem dos equipamentos de mídia.

Inicialmente fizemos as aproximações iniciais com as apresentações pessoais. Me apresentei aos alunos, comuniquei minha formação e tematizei a aula: A história de São Mateus. Na abordagem busquei o diálogo, abrindo espaços de conversa com os estudantes, estimulamos o diálogo em torno da apresentação, na leitura das frases,

promovendo também aberturas para sondar seus conhecimentos prévios, permitindo que reconhecessem imagens, opinassem e participarem em conjunto da apresentação. Com a autorização necessária para a experiência, gravamos o áudio da aula.

A primeira pergunta direcionada aos alunos, foi sobre o que conheciam da cidade de São Mateus, todos ficaram em silêncio e após algum tempo, um aluno respondeu: “*Eu acho que São Mateus tem 477 anos.*” Nos pareceu um bom início, em que começamos a instigar a percepção da passagem de tempo. Os perguntei se conheciam alguém com mais de 100 anos de idade, responderam que não. Pedi aos alunos que imaginassem que a cada 100 anos, uma passagem hipotética do curso de uma vida humana, incitando a pensarem quantas gerações passaram na constituição de São Mateus. Os perguntei: Vocês acham que com todos esses anos, São Mateus, possui muita ou pouca história? Os alunos responderam que São Mateus deveria ter muita história.

A temática da apresentação esteve envolta de características do presente e do passado da história de São Mateus. Alguns alunos já estavam contextualizados sobre o tema, pois durante a semana, as professoras regentes, haviam iniciado a temática sobre a cidade de São Mateus, trabalharam o tema especialmente ligado ao fato da proximidade da comemoração de aniversário da cidade de São Mateus no mês de setembro.

Trouxemos algumas curiosidades na apresentação e informações sobre São Mateus, utilizamos dados disponibilizados pelo IBGE, a respeito da região e população de São Mateus. Além de imagens dos seus pontos turísticos e quantidade de bairros. Apresentamos a localização geográfica com a utilização de mapas: mapa mundi, mapa do Brasil e mapa do estado do Espírito Santo.

Buscamos nesta proposta apresentar a história do local de forma integral e não fragmentada das demais regiões. Na aula com imagens pré-selecionadas, tematizamos a história colonial. Tocamos em pontos problemáticos da colonização,

apresentamos os meios pelos quais os colonos chegaram ao Brasil, além dos objetivos de exploração.

**Figura 26** - Apresentação – Aula-sondagem – setembro 2021



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2021)

Questionei o “descobrimento” com os alunos: “Foram os colonizadores portugueses que descobriram o Brasil?” Responderam: “*Não, os índios*”. Os alunos possuíam uma compreensão que já havia povos indígenas no Brasil antes da colonização. As imagens exibidas, apresentaram características dos povos que habitavam na região norte do Espírito Santo, além de apresentação de evidências históricas de seus modos de vida. Como exemplo, as urnas funerárias de cerâmica encontradas próximo à localidade do Pedra d’água.

Na apresentação, foi possível tematizar também a batalha ocorrida no Cricaré, enquanto uma resistência indígena contra a chegada de invasores. Demonstramos que o processo colonial não foi pacífico. Além de apresentarmos o significado do nome do rio Cricaré, rio calmo ou preguiçoso, de origem indígena. Os alunos demonstraram muito interesse nessas informações, fixaram a atenção em cada imagem.

Apresentamos posteriormente, aspectos que marcaram a escravização dos povos africanos no Brasil: navios que realizavam o tráfico humano, acentuamos com os alunos que os colonos, ao necessitar de mão de obra escrava, não buscaram “escravos” no continente africano, mas sim pessoas, a fim de serem escravizadas. Objetivamos trabalhar essa a correção da nomenclatura “escravos”, caracterizamos essas pessoas humanamente, enquanto pessoas que possuíam família e uma história anterior do que foi o escravismo no Brasil. Igualmente como a resistência indígena, também apresentamos os primeiros movimentos de resistência negra no Brasil: as fugas, a criação da capoeira, e fundações dos quilombos.

Ao serem perguntados, nenhum dos alunos mostrou conhecimento do que era um quilombo, demonstramos em imagens este lugar de resistência e um modo de vida livre em comunidade. Em suma, apresentamos esse passado de violência e as mazelas sociais do presente.

Ao apresentar o contexto de escravização, posteriormente tematizamos o Porto de São Mateus, e questionamos aos alunos: *O que vocês conhecem do Porto de São Mateus?* Um dos alunos respondeu: *Minha vó mora lá, mora lá no Porto.* Em seguida abrimos o diálogo para que os alunos contassem qualquer história que conhecessem sobre o Porto. Houve um silêncio absoluto. Uma das professoras regentes que acompanhava a aula, instigou ao aluno que respondeu que sua avó morava no Porto, questionou se a avó do aluno já o havia contado alguma história sobre o Porto. Ele respondeu que não. A professora surpresa:– *Nunca contou não, para você? Nada!?*

De forma, que reformulei a pergunta, a fim de saber o que os alunos pensavam sobre o Porto, sabendo que alguns frequentemente passam pela região do sítio histórico, devido ao trajeto para escola: *“O que vocês veem no Porto quando passam por lá? O que vocês acham de interessante lá? Responderam: “- As casas! - As casas também. - Os casarões. Um dos alunos, fez a observação: - É que as casas são tudo juntinhas, são diferentes.”* Expliquei sobre o desenho da arquitetura colonial, específica de outro século que difere dos desenhos das nossas casas na atualidade.

À medida que apresentávamos imagens e aspectos históricos desta cidade, entrelaçávamos o papel fundamental do Porto de São Mateus no desenvolvimento inicial da povoação. A fim de instigarmos o “método regressivo” proposto por Marc Bloch, em que “temas do presente condicionam e delimitam o retorno ao passado” (2001, p.7) Exibimos imagens do presente aos alunos, a primeira delas foi do centro comercial de São Mateus atualmente, com muitas pessoas circulando na região em frente a praça mesquita neto.

**Figura 207** - Imagem apresentada em aula-sondagem- Atual Centro de São Mateus



Fonte: Foto divulgação TC digital in:  
 <<https://tconline.com.br/comercio-em-sao-mateus-fecha-as-12-horas-deste-sabado-e-reabre-na-quarta-feira/>> (2021)

Os alunos reconheceram de imediato a imagem (figura 27), ao serem perguntados sobre a imagem exibida, responderam: - *O centro*. Instigamos a que pensassem se o centro de São Mateus sempre fora assim: cheios de lojas, casas e carros, enquanto os alunos observavam a imagem da atualidade, mas os alunos não souberam responder.

Em seguida, exibimos uma imagem do antigo mercado do Porto, a fim de que os alunos pudessem perceber relações de tempos e as mudanças das transações comerciais que ocorreram em São Mateus. Tratamos dos marcos de ocupações e desocupações do antigo mercado. Uma fala dos alunos nos chamou atenção ao apresentarmos essas imagens: “*O Porto parece um museu.*”

**Figura 28** - Imagem apresentada em aula-sondagem- Antigo Mercado Municipal de São Mateus



Fonte: Foto divulgação [Secult/GMP] in: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/18.210/6834> (2021)

Nenhum dos alunos sabia que havia existido um mercado nessas configurações no Porto, nem mesmo algumas das professoras presentes na apresentação. Ao tratar da demolição do mercado com os alunos, aconteceu uma intervenção de diálogos interessante, descrito a seguir, entre um professor responsável pelo 4º ano, que o chamaremos do nome fictício de Professor Chico, este que interveio na apresentação, expôs suas memórias e experiências com o Porto de São Mateus, em diálogo com a diretora Flora (nome fictício), que também acompanhava nossa apresentação:

*[Prof. Chico] “O negócio é o seguinte, esse Sítio histórico aqui que vocês estão falando dele, era o centro comercial do município, era tudo aqui, não tinha nada em cima. aí a movimentação era por causa do mercado aí, tudo se vendia e se comprava aí. Passou o tempo a cidade cresceu e ficou abandonado. Depois o Porto conseguiu uma verba federal para fazer uma reforma disso aí tudinho, estava caindo aos pedaços né, e veio uma verba boa. [...] aí nessa reforma derrubaram esse casarão aí [mercadinho]. Derrubaram todinho e calçaram, ou seja, acabaram com a história, isso aí não dá para negar que acabaram.”*

O professor Chico, continuou sua fala mostrando-se bastante indignado e insatisfeito em ver que os alunos não possuíam conhecimento da história local do Porto, e destacou a questão do desinteresse desta geração com a história:

*[Prof. Chico] “E nosso pessoal aqui, não é só eles não, todos os estudantes aí, não têm essa tradição de história não tá. Essa geração de agora, não é igual a gente que gostava de ouvir história, hoje ninguém respeita mais os antigos como antigamente. Então pode*

*acabar esse negócio aí de lembrar de história, que ninguém quer saber não, depois que eles começaram a entrar nisso aí ó [aponta para o celular da diretora que registrava sua fala] acabou.”*

A diretora Flora, que também presenciava a apresentação, interveio e dialogou com o professor Chico:

*“Ó, vamos pensar o seguinte, agora mesmo o senhor tá contando um pouco da história, aí ó! olha os olhinhos curiosos, ó! Eles querem ouvir mais [alunos], querem ou não querem? Vocês gostaram de saber que o Chico, ele vivenciou esse período? [mercado ativo no Porto]”*

O Professor Chico, exemplificou em sua fala, sobre o motivo das relações com a história local não serem as mesmas de antigamente, caracterizou as interferências da tecnologia nas relações sociais atualmente:

*“O avanço da tecnologia tem as vantagens e as desvantagens, então essas relações familiares, estão enfraquecendo por causa da tecnologia, tanto que as famílias estão se acabando, antigamente as crianças se sentavam com, mais velhos e eles contavam história, hoje não existe essa relação mais. [...] Então, infelizmente essa geração daqui para frente, só vai acabando e cortando com tudo[...].”*

A diretora respondeu:

*“Mas vai depender de nós também, de fazer esse resgate sempre, ó que coisa importante né, olha o documentário que ela trouxe, falando um pouquinho sobre a nossa história, né? Isso é muito interessante, eu no caso eu não vivi, mas ouvir uma pessoa que viveu essa época, e poder falar com muita propriedade né, é interessante.”*

Após os diálogos da temática do Mercado, continuamos a apresentar o marco da construção da BR 101 que ocasionou a mudança do escoamento comercial da localização, por fim exibimos ainda um curta-metragem chamado “Sítio Histórico Porto São Mateus” desenvolvido por Raphael Verly do ano de 2013, disponível na plataforma do *YouTube* em que retrata uma tarde no Sítio Histórico Porto de São Mateus mais recente.

Ao fim da apresentação, um questionário foi aplicado aos alunos do 4º e 5º ano, modelo consta no APÊNDICE K. A sequência de perguntas foram: 1- “O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?” 2- “você conhece alguma história sobre o Porto de São Mateus? Se sim qual? Quem contou a você está história?” 3- “Se você pudesse definir o Bairro Porto hoje com uma palavra, qual palavra seria?” A última

proposição do questionário, orientou a utilização dos espaços para que os alunos representassem sobre o Porto de São Mateus em papel sulfite. Disponibilizamos materiais como massa de modelar e lápis de cor para que os alunos usassem a criatividade. A seguir, algumas das respostas dadas pelos alunos do 4º e 5º ano, no questionário aplicado:

**Figura 29** - Respostas do questionário I – 4º e 5º ano

The image shows two pages of a questionnaire. The left page contains handwritten answers to three questions. The right page contains a drawing and a handwritten label.

1- O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?  
 um lugar bom para lembrar coisas do passado e um lugar muito humilde.

2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?  
 não

3- Se você pudesse definir o Bairro Porto hoje com uma palavra, qual palavra usaria?  
 (empty box)

4- Utilize o espaço abaixo e faça um desenho livre sobre o Porto  
 igreja velha

The drawing on the right page shows a simple sketch of a church with a blue archway, a yellow sun, and purple ground.

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora (2021)

Respostas:

- 1- Um lugar bom para lembrar coisas do passado e um lugar muito humilde.
- 2- Não.
- 3- Em branco/4- Desenho da igreja velha.

**Figura 30** - Respostas do questionário II – 4º e 5º ano

1- O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?

um lugar histórico e importante para a cultura  
e a história da nossa cidade.

2-

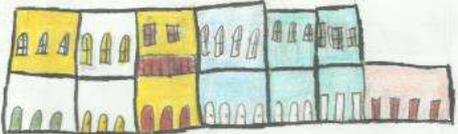
2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?

Não.

3- Se você pudesse definir o Bairro Porto hoje com uma palavra, qual palavra usaria?

um lugar turístico

4- Utilize o espaço abaixo e faça um desenho livre sobre o Porto



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora (2021)

Respostas:

- 1- Um lugar histórico e importante para a cultura, é a história da nossa cidade.
- 2- Não.
- 3- Um lugar Turístico.
- 4- Representação dos casarios.

**Figura 31** - Respostas do questionário III – 4º e 5º ano

Tem uma história muito legal, importante.

2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?

Não.

3- Se você pudesse definir o Bairro Porto hoje com uma palavra, qual palavra usaria?

Liberdade

4- Utilize o espaço abaixo e faça um desenho livre sobre o Porto

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora (2021)

**Respostas:**

- 1- Tem uma história muito legal, importante.
- 2- Não.
- 3- Liberdade.
- 4- Representa os casarios do Porto em um dia de sol e o Rio Cricaré.

Figura 32 - Respostas do questionário IV – 4º e 5º ano

1- O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?

Eu penso assim que é um lugar bem legal com as casas os casarões e rio eu gosto muito de lá.

2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?

não conheço nenhuma história

3- Se você pudesse definir o Bairro Porto hoje com uma palavra, qual palavra usaria?

Casarões

4- Utilize o espaço abaixo e faça um desenho livre sobre o Porto

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora (2021)

Respostas:

- 1- Eu penso assim, que é um lugar bem legal com as casas os casarões o rio eu gosto muito de lá.
- 2- Não conheço nenhuma história.
- 3- Casarões
- 4- Representou com massinha os casarões.

Figura 33 - Respostas do questionário V – 4º e 5º ano

1- O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?

penso que as casas deveria ser um pouco menos coladas para ter espaço para outros pontos turísticos.

2-

2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?

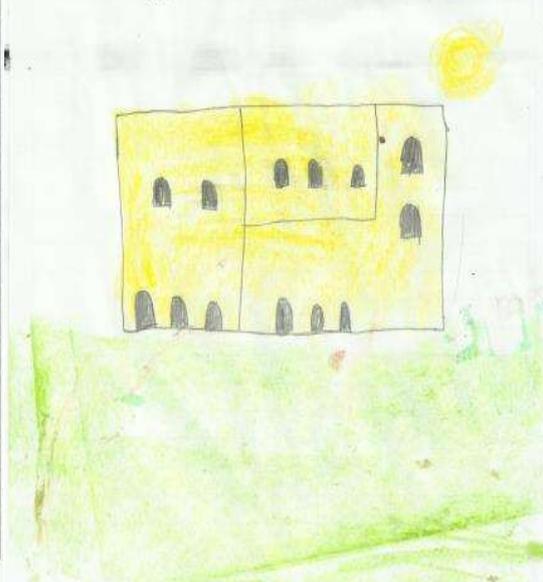
ninguém nunca me contou.

3- Se você pudesse definir o Bairro Porto hoje com uma palavra, qual palavra usaria?

interessante

4- Utilize o espaço abaixo e faça um desenho livre sobre o Porto

Amo São Mateus

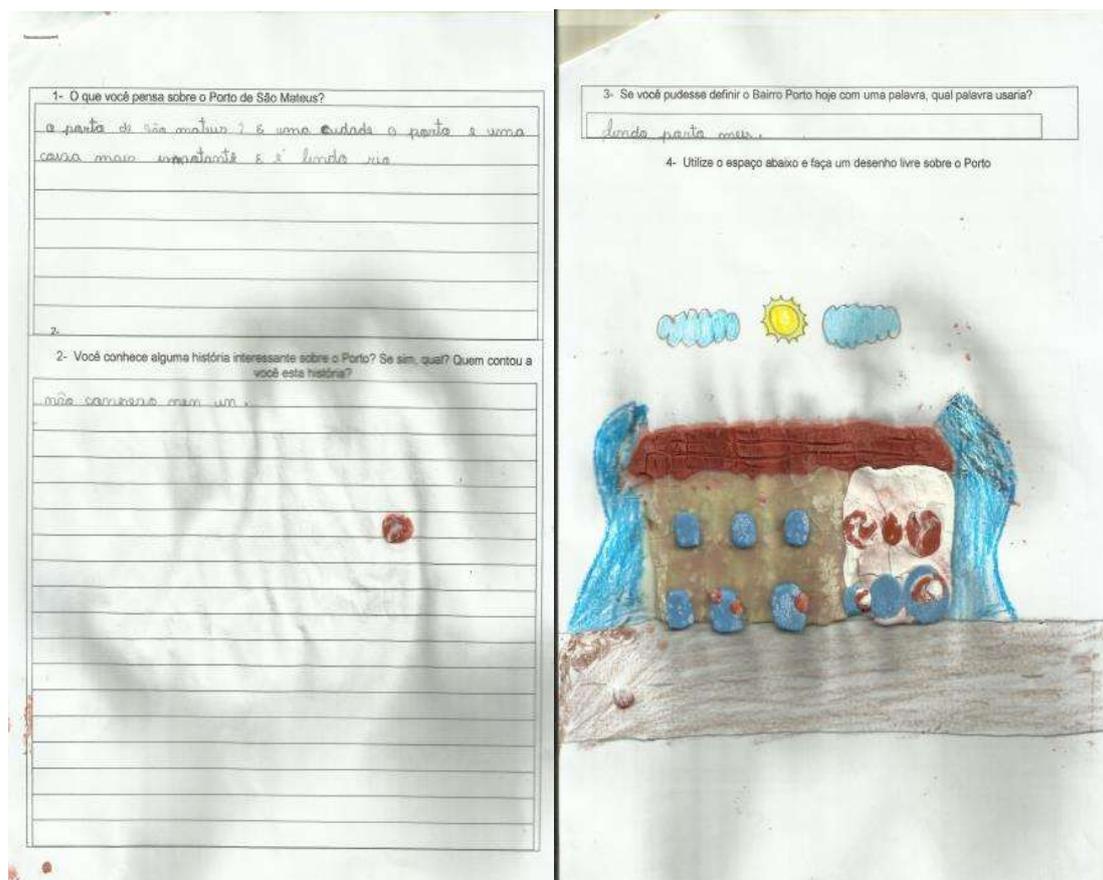


Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora (2021)

#### Respostas:

- 1- Penso que as casas deveria ser um pouco menos coladas para ter espaço para outros pontos turísticos.
- 2- Ninguém nunca me contou.
- 3- Interessante.
- 4- Frase: Eu amo São Mateus / representou os casarões em dia ensolarado.

Figura 34 - Respostas do questionário VI – 4º e 5º ano



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora (2021)

Respostas:

- 1- O porto de São Mateus? É uma cidade. O porto é uma coisa mais importante e é lindo o rio.
- 2- Não conheço nem um.
- 3- Lindo o porto meus.
- 4- Representou os casarões em dia ensolarado com massa de modelar.

Figura 35 - Respostas do questionário VII – 4º e 5º ano

1- O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?

Que o porto ele antes era o centro da cidade e antes tinha muitos movimentamentos e agora é parado.

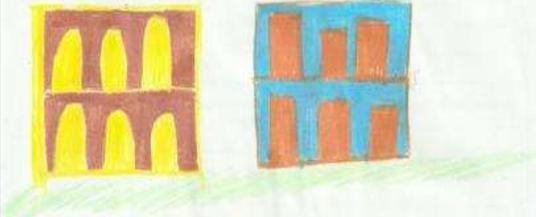
2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?

sim a professora que antes o porto era um centro da cidade e transportava farinha e café e agora não existe isso mais agora o porto ta parado e assim vai.

3- Se você pudesse definir o Bairro Porto hoje com uma palavra, qual palavra usaria?

Paz

4- Utilize o espaço abaixo e faça um desenho livre sobre o Porto

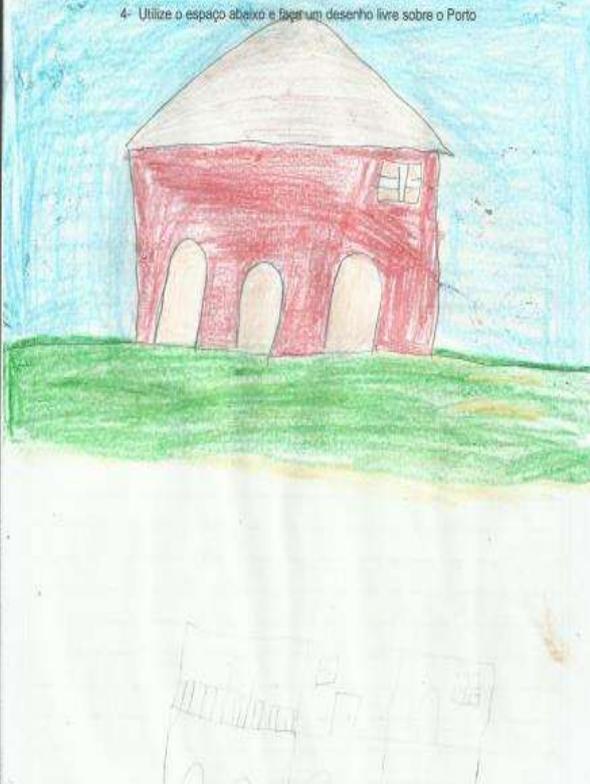


Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora (2021)

#### Respostas:

- 1- Que o porto ele antes era o centro da cidade e antes tinha muitos movimentamentos e agora é parado.
- 2- Sim a professora que antes o porto era um centro da cidade e transportava farinha e café e agora não existe isso mais agora o porto ta parado e assim vai
- 3- Paz
- 4- Representou os casarões.

**Figura 36-** Respostas do questionário VIII – 4º e 5º ano

<p>1- O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?</p> <p><i>Eu acho que o porto de São Mateus é muito legal</i></p>	<p>3- Se você pudesse definir o Bairro Porto hoje com uma palavra, qual palavra usaria?</p> <p><i>Bonito</i></p>
<p>2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?</p> <p><i>Não</i></p>	<p>4- Utilize o espaço abaixo e faça um desenho livre sobre o Porto</p> 

Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora (2021)

Respostas:

- 1- Eu acho que o porto de São Mateus é muito legal.
- 2- Não.
- 3- Bonito.
- 4- Supostamente, o desenho tem a estrutura do antigo mercado.

Esse foram 8 dos 15 questionários respondidos, os demais questionários estão disponibilizados ao final deste estudo no APÊNDICE L. Os questionários aplicados, tiveram por objetivo identificar as representações e significados atribuídos pelos alunos sobre esta região e inferir sobre processos de socialização da história local sobre o Porto, além de verificar se os processos dessa socialização estariam relacionados as narrativas orais locais.

No segundo momento de apresentação, direcionado aos alunos do 2º ano, preparamos um outro tipo de interação na exposição do contexto histórico local, visto que durante o planejamento das atividades, as professoras regentes nos informaram sobre o estágio da alfabetização das turmas. Apenas 2 alunos, dos 8 que estavam mantendo a frequência nas aulas, reconheciam as letras do alfabeto. Sendo assim, adaptamos a aula, que manteve a temática e mesmo propósito. A apresentação em slides foi realizada apenas por via de texto imagético, sem frases longas. Reconfiguramos a sala para a contação da história de São Mateus com o cenário feito de material reciclado. A seguir descreveremos alguns dos diálogos com os alunos do 2º ano, durante a apresentação da história.

Sentamo-nos em círculo no tapete, começamos as apresentações pessoais. Me apresentei aos alunos e eles disseram seus nomes. Disse a eles que iria contá-los a história de um lugar, coloquei a primeira imagem no cenário, apenas com representação das árvores e pedi para que eles adivinhassem de qual lugar iríamos falar. Responderam: - *Brasil*. Disse a eles que não, mas que fazia parte da história do Brasil. Outro aluno respondeu: - *Portugal*. Informei aos alunos, que este lugar tinha a ver com Portugal. Um terceiro aluno respondeu: - *São Paulo*. Estavam respondiam aleatoriamente, entretanto, minha percepção foi que eles já estavam interagindo bem mais que a turmas anteriores.

Pedi para que eles observassem o cenário e caracterizassem o que viam. Responderam: - *Tem floresta*; - *Tem sol*; - *Tem céu*; - *Tem nuvens*. Comecei os contar que esse lugar representado no cenário, era muito antigo que nesse lugar havia floresta, muitas plantações, muitas plantas nativas que cresciam, como a mandioca, muitas árvores exploradas para produzir madeira, e por fim falei: *esse lugar é São Mateus, vocês acreditam? É a história de São Mateus que nós vamos contar hoje*. Os alunos pareceram muito empolgados com a contação de história, principalmente nesta configuração, sentados em roda.

Continuei-a lhes contar a história, posicionada ao lado do cenário reciclado:

- *Quando São Mateus começou se se tornar cidade, ela não tinha tudo isso que têm hoje não, São Mateus começou bem pequenininha, começou como uma vila. Tinha muitas árvores, muito verde, será que morava alguém aqui em São Mateus?*

Um dos alunos respondeu: - *Não*. Eu perguntei mais uma vez: -*Será?* Outro aluno respondeu: - *sim, sim*. Questionei ao aluno, que respondeu positivamente: *quem? Há muitos anos quando era tudo floresta? Vocês acham que tinha alguém aqui?* Outro aluno disse:- *Não*. Estavam divididos, então um aluno respondeu baixinho: -*índio*. Exclamei: - *índio!* Então os demais alunos que estavam mais quietos exclamaram:- *Índio! Índio, índio!*

Coloquei uma das imagens selecionadas no cenário, ela representava características dos índios Botocudos, em que caminhavam em grupo. Mostrei aos alunos as características dos índios que nesta região habitavam. Expliquei para eles que esses índios já moravam aqui antes de muitas outras pessoas chegarem. Quando um dos alunos perguntou:- *Mas o que que aconteceu?* E eu devolvi a pergunta: *o que será que aconteceu, o que vocês imaginam?* Encenei utilizando o cenário, a chegada dos navios portugueses, movimentando os recortes das imagens fixados em palitos. Ao contar aos alunos da chegada das embarcações que vieram pelo rio. Um dos alunos perguntou: -*Rio de Janeiro?* Respondi:- *Não, São Mateus têm um rio, não têm?* Os alunos responderam: - *Têm!* Perguntei:- *Qual o nome do rio, quem lembra?* Então houve silêncio.

Eu os sinalizei geograficamente a região do Porto, já que a escola é bem próxima da região: -*O rio, bem aqui ó*. (Sinalizando aos alunos). Um aluno respondeu:- *Cricaré!* — Isso, Cricaré! Exclamei aos alunos e perguntei em seguida: -*Porque se chama Cricaré, alguém sabe?* Balançaram negativamente a cabeça. Os expliquei foram os índios que nomearam o rio Cricaré e que se chamava originalmente, Kiri-kerê. Eu os expliquei: “- *porque as águas dele, são águas bem tranquilas, quem já viu o rio?*” Responderam: - *eu! -eu! -eu! -eu!* Continuei a explicá-los: - *Já viram que ele vai bem devagarzinho, então o significado desse rio, é rio tranquilo*.

Continuei a explicá-los sobre a chegada dos colonos: *“-Voltando aos navios, vocês sabem quem eram os donos dessas embarcações?”*

*“- Índios”,* responderam os alunos. Disse a eles que não, *“-Piratas!”* Respondeu um dos alunos. *“- Não, mas é parecido com piratas, eram os portugueses, europeus, vieram de outro país, vamos olhar o mapa lá (apontando para a tela projetada). De bem longe eles vinham pelos oceanos. E eles estavam em busca de encontrar terras, por que eles queriam explorar o quê? As terras! E todo recurso natural, sendo as árvores, as riquezas, como o ouro... Então foi desta forma que eles chegaram aqui neste lugar (utilizando o cenário), quando eles chegaram aqui, será que os índios os deixaram que ficassem com tudo para eles?”* Os questioneei.

Um dos alunos respondeu: *- não.* Então exibi as imagens, fotos reais que representavam os índios Botocudos, e os perguntei: *“- o que vocês acham de diferente aí nesses índios? É igual aos índios da televisão?”* Responderam que não. Perguntei por que, o que havia de diferente nos índios que estavam vendo, mas ficaram em silêncio por alguns segundos observando a imagem. Perguntei: *“-O que vocês veem de diferente neles?”* Um dos alunos respondeu: *“- a orelha.”* Continuei a perguntá-los: *“O que têm na orelha deles? É um bodoque”.*

Comecei a explicá-los o que era, de uma maneira simples: *“-Era feito de madeira. Nós usamos brincos, não é? Eles gostavam de usar esses acessórios, fazia parte de sua cultura, e foi por causa desses acessórios, eles ficaram conhecidos pelo nome Botocudos.”* Também caracterizei aos alunos o estilo de vida que os índios viviam na região, da caça e da plantação de mandioca. Em seguida exibi os conflitos entre europeus e indígenas, e os alunos passaram as imagens de mão em mão, e eu os perguntava o que eles estavam assimilando com as imagens: *- “Por que os índios quiseram lutar? Vocês imaginam?”.* *“- Para não roubar a terra?”* Respondeu um dos alunos. E Comecei a explicar sobre a resistência indígena e batalha do Cricaré.

Com a imagem representando a disputa em mãos, perguntei aos alunos se portugueses chegassem com armas de fogo, o que aconteceria: *“-os índios conseguiriam resistir?”.* Uma aluna respondeu: *“Não, porque eles só tinham lança.”*

Então expliquei que esse foi o motivo de tantas mortes de índios na região, não puderam resistir as armas de guerra europeias, assim muitos indígenas foram mortos e expulsos desta região. Comecei falar da constituição da povoação até se tornar cidade. Ao mudar o cenário, em conjunto com as imagens exibidas em tela, representei a praça do sítio histórico, logo os alunos reconheceram ser o Porto. Perguntei se todos conheciam o local: “*Eu conheço! Eu já fui lá!*” Foram algumas das respostas.

Aproveitei para perguntar ao que respondeu que foi até lá: “*o que foi fazer lá?*” O aluno respondeu: “*Fui ver o rio.*” Perguntei: “*-E você gostou?*”. O aluno respondeu: “*Sim, eu já tirei foto lá.*” O aluno completou ao dizer ter ido ao Porto com seu avô. Perguntei a aluno se o avô havia contado a ele alguma história do Porto. O aluno disse: “*- Não! Só tirou foto.*” perguntei aos demais alunos, se conheciam alguma história do Porto: “*- não! - Não conheço nada. - Eu não conheço.*” Foram algumas das respostas.

Comecei a explicar por que o Porto é um lugar turístico, onde as pessoas vão tirar foto, pelo fato de o Porto ter uma história. Exemplifiquei com outros pontos turísticos da cidade como a igreja velha. Um dos alunos disse, ao citar a igreja velha: “*-Tia, eu já passei por aqui de carro.*” Ao falar da igreja velha, perguntei se já pararam para imaginar quem foram as pessoas que provavelmente carregaram aquelas pedras. Responderam: “*-os índios.*” Começamos a falar de escravização e de como os povos africanos chegaram aqui pelas vias do trabalho forçado.

Enquanto dialogávamos sobre história local de São Mateus, as imagens foram passadas sequencialmente, projetadas com palavras em caixa alta e seguiam a cronologia do resumo histórico que inicialmente foi apresentado ao 4º e 5º ano. A utilização deste material com papelão para que os alunos pudessem segurar e ver de perto as imagens, isto proporcionou interação maior com o material. O cenário utilizado, inicialmente tinha a paisagem de desenhos de florestas, em que era possível agregar características e personagens ao local, essa estratégia possibilitou realizar modificações enquanto contávamos a história de São Mateus, a fim de representar continuidades e descontinuidades do Porto de São Mateus.

Expomos na apresentação a constituição do povoado, da vila e importância do Porto de São Mateus para seu desenvolvimento. No cenário, colocamos o antigo mercado, feito também de material reciclado, para representar o local em que se vendia e se comparava no passado. O mine modelo do Antigo mercado para o cenário, foi feito separadamente, para ser móvel, de modo que na apresentação, o tirávamos da paisagem para representar sua demolição.

A temática comercial foi feita ao compararmos as imagens do passado e a do presente do Porto, fizemos também relações aos comércios atualmente em São Mateus, com imagens do passado, acentuamos as diferenças entre as imagens. Ao final também exibimos o mesmo curta-metragem “Sítio Histórico Porto São Mateus” de Raphael Verly. Concluimos a atividade ao deixar o material disponível para os alunos, a fim de que também representassem com desenhos<sup>51</sup> e criações a temática apresentada: massa de modelar, lápis de cor, giz de cera e folhas sulfite, seguem algumas imagens dos materiais utilizados:

**Figura 37** - Apresentação da História - Cenário de material Reciclado



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2021)

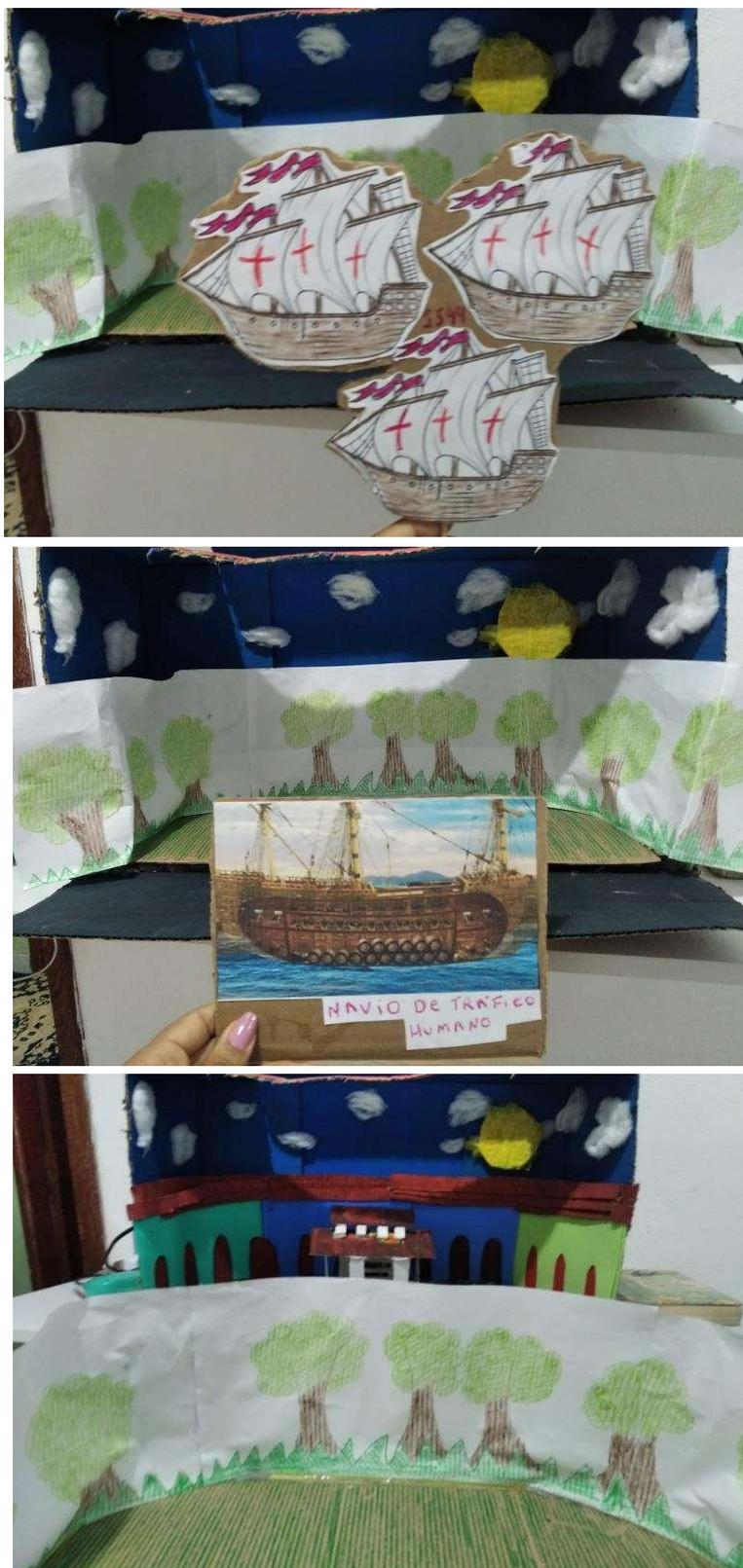
<sup>51</sup> Disponível no APENDICÊ L deste estudo.

**Figura 38** - Cenário de material Reciclado - Recortes móveis de imagens feitos no papelão produzidos pela pesquisadora



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2021)

**Figura 39-** Cenário Reciclado Móvel - Representação da Colonização, escravização e transformação local



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2021)

**Figura 40-** Cenário- Porto de São Mateus/ mercado antigo



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2021)

#### **5.4 Avaliação da sondagem com os grupos focais**

##### **Grupo focal 4º e 5º anos**

Buscar um vínculo com a escola foi um processo dificultador, principalmente no período desta aplicação em setembro de 2021. As configurações das aulas no município de São Mateus começavam a ser retomadas presencialmente, entretanto poucos alunos mantinham uma presença assídua pela não-obrigatoriedade, devido

ao período pandêmico<sup>52</sup>. Apesar disto as professoras regentes que nos acolheram, compartilharam os desafios que passavam para alinhar as propostas de curriculares semestrais nesta nova configuração, visto que, segundo as professoras, os alunos apresentavam muito mais dificuldades para o aprendizado pós-período de isolamento social. Nesse contexto, fiquei gratificada no acolhimento da minha proposta de sondagem enquanto professora recém-formada, ainda sem obter a oportunidade de um vínculo formal empregatício com uma escola neste período, me concederam um espaço para realizar esta pesquisa em meio a uma situação “caótica” que enfrentavam.

Com a experiência, tínhamos uma expectativa com os alunos do 4º e 5º ano, de que ao menos encontraríamos algum relato por parte dos alunos, de narrativas locais do Porto de São Mateus, visto que a escola está localizada na região próxima ao sítio Histórico Porto, e atende alguns alunos da localidade. Os alunos estiveram muito atentos em toda apresentação, entretanto não foram tão participativos oralmente, não houve compartilhamentos de experiências sobre narrativas locais.

Foram 15 questionários respondidos pelos alunos, na primeira pergunta: “*O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?*” As caracterizações dadas por eles nas respostas foram: *Importante; lindo; legal; gosto muito de lá; história legal; lugar bom para lembrar o passado; lugar muito humilde; o porto antes tinha muito movimento e agora é parado; um lugar histórico e importante para a cultura e a história da nossa cidade; deveria ter espaços para outros pontos turísticos; um lugar grande e bonito; o porto é muito bom; acho legal o Porto de São Mateus; é um lugar turístico; o porto é muito diferente*. Percebemos, em termos gerais, que os alunos têm assimilações positivas sobre este local, não demonstraram estigmas em suas falas sobre a região do Porto.

---

<sup>52</sup> As aulas presenciais ainda não haviam se tornado obrigatórias, devido ao decreto municipal de n.º 11.366/2020, que promoveu ações emergenciais para controle e prevenção de danos e agravos à saúde pública, a fim de evitar disseminação do covid-19, desde o último ano (2020).

Na segunda questão: “ *você conhece alguma história sobre o Porto de São Mateus? Se sim qual? Quem contou a você está história?*” Dos 15 questionários: **1** resposta ficou em branco; **1** resposta: *ninguém nunca me contou*; **9** respostas foram: *Não*; **1** resposta: *não conheço nenhuma história*; **2** respostas: não corresponderam diretamente o solicitado da questão, sendo: “*O porto de são Mateus é diferente*” [?] e “*A ilha de Guriri*” [?]. **1** Resposta: *Sim, Sim, a professora disse que antes o porto era um centro da cidade e transportava farinha e café e agora não existe isso mais agora o porto tá parado e assim vai.*”

O questionário demonstrou que os alunos sondados não possuíam realmente esse contato com a história local do Porto. A resposta positiva nos chama a atenção, pois a aluna respondeu baseada na aula de expositiva, que presenciou sobre as configurações comerciais do antigo Porto.

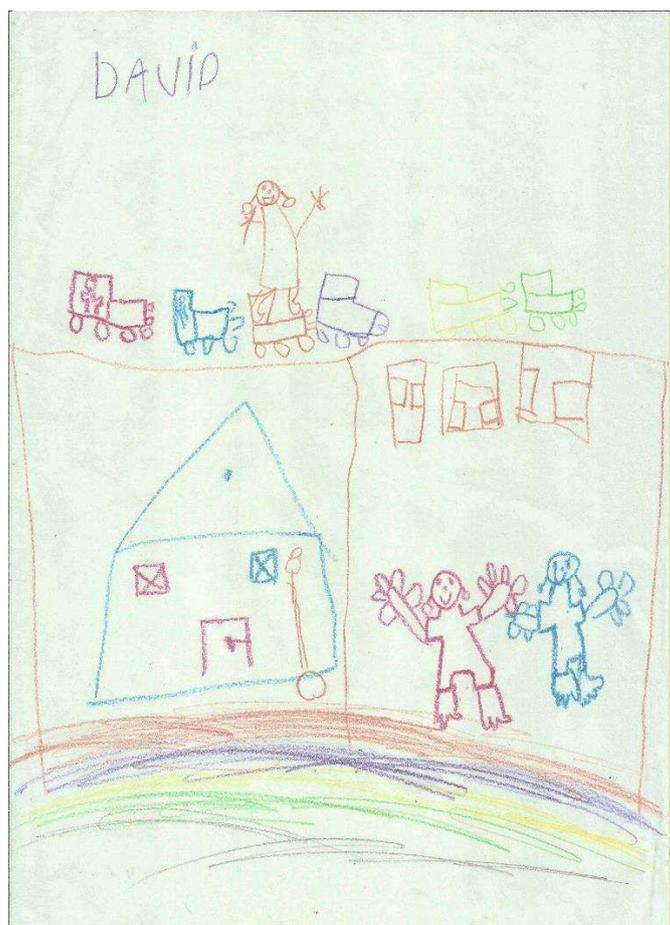
Na terceira questão, “*Se você pudesse definir o Bairro Porto hoje com uma palavra, qual palavra seria?*” As respostas foram: “*Paz; Interessante; Brasil; O Rio; Casarões; Bonito; Lugares; As ruas, as águas; interessante; Bonito; Liberdade; Lindo Porto meu; um lugar Histórico; eu reformaria o Porto.*” As respostas estiveram em sua maioria ligadas as características físicas da paisagem do Sítio Histórico, algumas relacionadas a sentimentos, como “Paz” e “Liberdade”, e reconhecem que a região aspectos da história. Na quarta proposição de representação, com desenhos e massa de modelar, os casarões e o rio Cricaré em dias ensolarados estavam presentes nas respostas, demonstraram que a paisagem visual é a marca da região para esses alunos. Em suma, as representações dos alunos nessas questões também se mostraram positivas.

### **Grupo focal- 2º ano:**

No segundo momento, com as turmas do 2º ano, a exposição da aula ficou evidentemente mais fluída, conseguimos dialogar mais ativamente com os alunos, possivelmente devido à configuração da roda com os alunos assentados ao chão, isto tornou o ambiente mais descontraído. O uso do pequeno cenário deixou a narrativa mais próxima aos alunos e, ao mesmo tempo divertida. Apesar de alguns alunos ainda

não possuem a aquisição da escrita formal, participaram e interviram com mais frequência na contação e apresentação da história local de São Mateus, comparado ao grupo anterior. Participaram oralmente, os alunos fizeram contribuições ao serem instigados com perguntas ao decorrer da apresentação, é devido a este fato que descrevemos mais extensamente os diálogos com essa turma. Os alunos dos 2º anos, também não apresentaram uma história ou narrativa outrora contada a eles sobre o Porto de São Mateus. Suas representações nos desenhos também tematizaram o sítio Histórico Porto com casarões, muitas cores e pessoas. Os desenhos estão disponibilizados no APÊNDICE M, um dos desenhos inclusive, fez menção a nossa explicação sobre o deslocamento do Porto comercial devido ao surgimento da BR 101. O aluno desenhou, os casarões, pessoas, e uma estrada com carros:

**Figura 41** - Representações 2º ano- Porto de São Mateus



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora (2021)

## CONCLUSÃO

De fato, o momento que marcou essa experiência foi o surgimento do diálogo entre o professor Chico e a Diretora, em nossa primeira apresentação, foi de extrema importância no desenvolvimento de nossa análise, pois ao adentrar em sala, não sabíamos o nível real do distanciamento dos alunos com a história local do Porto de São Mateus. Para o professor Chico, com o avanço da modernidade e da tecnologia interferem diretamente nas formas de repassar as memórias e as histórias, percepções que se assemelham às discussões dos autores, Benjamin (1996) e Nora (1993), desenvolvidas neste estudo, ao tratar do esfacelamento das narrativas e da memória, citadas neste estudo no Tópico 5.1 CAMINHOS RESIVISATOS DA MEMÓRIA: O que dizem os autores.

De outra forma a fala da Diretora, que julgou essencial os momentos em que a geração mais velha, conta da sua experiência, e toma a responsabilidade desse resgate histórico feita pelos professores e corpo docente, agregada à análise da única resposta positiva, na questão 2 do questionário em que cita a exposição da história local, vivenciada na aula em questão. Próximo a esse debate do esfacelamento da tradição estão as preposições de Arendt (2016) que teceu análises sobre a crise contemporânea, mais especificamente nos modos de ensinar e aprender, destaca a condição humana na crise política da modernidade, que culturalmente a sociedade sofre este esfacelamento da tradição que está diretamente ligado ao pragmatismo, o foco somente no presente, no tecnicismo, resultantes de uma educação positivista, que gera a lacunas entre o presente, passado e futuro.

Segundo Arendt (2016) o problema educacional é um problema político de primeira instância, não simplesmente pedagógica, em que existe a perda do espaço público, a perda de responsabilidade para com o mundo, aspectos que resultam numa crise generalizada da educação. Ainda destaca três condições básicas para crise atual na Educação, sendo elas: Crianças entregues a seus próprios recursos, em que o adulto somente é um auxiliar; Ensino e formação de professores em que não existe domínio sobre conteúdo, em que perdem sua autoridade; A substituição do aprendizado pelo fazer e o trabalho pelo brincar.

Ocorre desta maneira a perda de autoridade, segundo Arendt (2016). De forma que o esfacelamento da tradição está na ausência do diálogo, a perda de referência da criança em relação ao mundo, ou seja, existe uma necessidade de se apresentar o mundo “velho” para essas crianças, isto gera a compreensão de que o conhecimento produz autoridade, e autoridade está entrelaçada ao domínio de mundo. De tal modo, que as questões do presente precisam estar alicerçadas entre o presente e o passado.

### 5.5 As aventuras de Kirikerê: processo de produção do conto

O conto “*As aventuras de Kirikerê*”<sup>53</sup>, produzido pela pesquisadora, se caracteriza enquanto uma literatura infantil que tematiza a história local de São Mateus, envolve o rio Cricaré e o desenvolvimento do Porto de São Mateus, baseada nas fontes orais e outras fontes de registros da pesquisa. A narrativa da pequena história, buscou interligar as transformações históricas e representações deste lugar, passíveis de serem trabalhadas e questionadas no contexto educacional dos anos iniciais do ensino fundamental, a fim de suscitar aproximações e análises sobre a história do tempo presente, que conecta passado, presente e futuro.

A criação de material didático para o ensino de história local destinado aos anos iniciais, fora um dos objetivos traçados desde o nosso primeiro projeto piloto. A experiência com os grupos focais, relatada neste estudo no tópico acima, (4.2 Sondando história de agora: narrativas na sala de aula), corroborou em nos impulsionar a efetivar essa proposta. Primeiro, ao verificar com o primeiro grupo focal (4º e 5º ano) o distanciamento sobre aspectos da história do Porto de São Mateus na perspectiva dos alunos. De outra maneira, perceber a abertura e o interesse dos alunos em conhecer este lugar cheio de representações positivas. Lugar este, que os próprios alunos denominaram de “importante”, “bonito”, “legal” e “histórico”. Além disto, foi possível verificar com segundo o grupo focal (2º ano), que propostas narrativas e lúdicas podem instigar a curiosidade e aproximar os alunos ao estudo desta realidade tão próxima. O conto “*As aventuras de Kirikerê*”, insere-se também enquanto uma contribuição social desta pesquisa, uma devolutiva para a organização

---

<sup>53</sup> Leitura disponível no APÊNDICE O

educacional que acolheu a nossa pesquisa e para as demais pessoas que participaram direta e indiretamente neste constructo, com suas narrativas e memórias.

Ao retomarmos as considerações teóricas sobre a memória deste estudo, tópico 4.1 Caminhos revisitados da memória: o que dizem os autores, compreendemos que a memória se efetivou no curso da história de maneiras variadas e sua via principal são as representações. Vimos que a arte literária também se apresenta enquanto suporte para a memória e Assmann (2014) demonstra que a arte pode tematizar as lembranças e esquecimentos. Desta forma, a arte abrange um lugar na memória e nas representações, ou melhor, um espaço de recordação e tensão, pois segundo Assmann (2014), na atual crise da memória cultural, a memória e a arte estão relacionadas, em que a arte resiste fortemente em se ocupar de uma memória contrastando com a pressão da sociedade para que esta memória sofra apagamento.

Um exemplo disso é apagamento da memória e da representação indígena na região local de São Mateus, apontada ao princípio do capítulo 3. Vimos a necessidade de considerar o contexto histórico do apagamento desses povos, não somente cultural, mas retratando tal apagamento físico e corpóreo das guerras e mortes da população indígena na batalha do Cricaré, e como os episódios afetaram nossas representações atualmente. Existe essa relação muito próxima entre a memória, história e a arte, trabalhar esses aspectos juntos, abrem a possibilidade de um ensino lúdico, atrativo, proponente de representações e reflexões.

Tematizando exatamente essa crise de memória cultural local, nasceu o conto “As aventuras de Kirikerê”. A inspiração artística veio de duas fontes de memória, a primeira, de um registro fotográfico, feito ainda nos meus anos de Residência Pedagógica, ao atuar no projeto de intervenção com ações direcionadas ao ensino de história local, com uma turma de terceiro ano. As atividades culminaram numa gincana de conhecimentos que envolveu todas as turmas de toda escola. No registro um dos alunos se debruça em uma mesa e olha atentamente a areia cair de uma ampulheta, utilizada na dinâmica. A outra fonte de inspiração artística, foi o nosso encontro com

uma pintura, em um hotel da cidade de Aracruz<sup>54</sup>, em uma curta viagem em março de 2022.

O conto desenvolvido, “As aventuras de Kirikerê”, é um conto que tematiza aspectos temporais do Porto de São Mateus. Os protagonistas são: um aluno do terceiro ano do ensino fundamental, chamado Mateus e uma criança indígena, chamada Kirikerê, esta última estampa a capa do conto. A escolha desses nomes relaciona-se com os nomes atribuídos ao rio Cricaré com o passar do tempo, rio São **Mateus** e **Kiri-kerê**, em referência ao nome de origem indígena deste mesmo rio.

**Figura 42** - Pintura artística em quadro-  
Aracruz



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora -  
Autor: A JAINTÉ (2018)

**Figura 43** - Esboço da capa do conto “As aventuras de  
Kirikerê”



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora  
(2022)

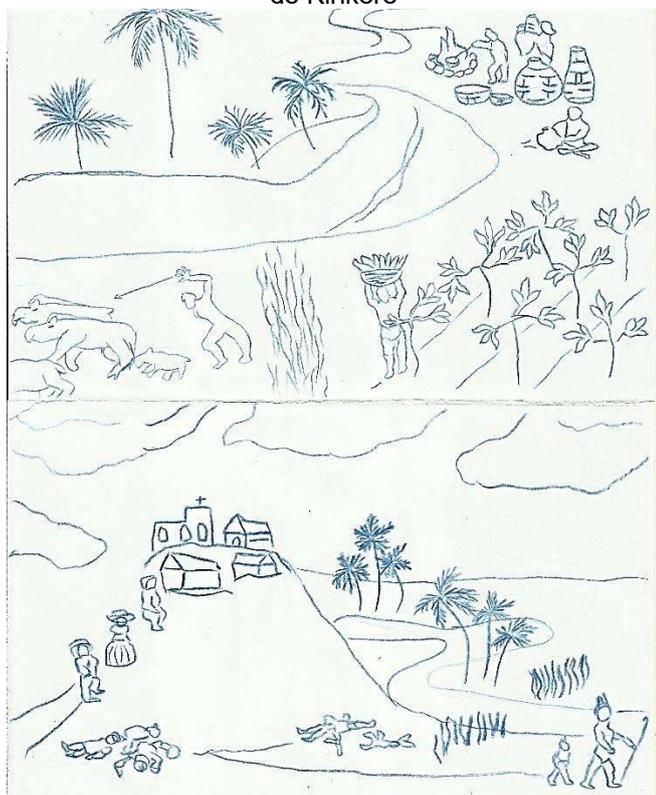
Em suma, o conto apresenta a experiência de Mateus com a história do Porto, numa proposição de aula passeio da escola “águas tranquilas”. Na história, acontece o encontro dos dois personagens, Mateus e Kirikerê, o segundo que carrega uma

<sup>54</sup> O município de Aracruz, localizado a 80 quilômetros de Vitória, é o único município capixaba com aldeias indígenas Tupiniquins e Guaranis. (GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO- Município de Aracruz é cenário para turismo de experiência, 2021) Disponível em: <https://www.es.gov.br/Noticia/municipio-de-aracruz-e-cenario-para-turismo-de-experiencia> Acesso em: 26 ago. de 2022

ampulheta e convida Mateus para o segui-lo numa viagem, a fim de mostrar sua história. A demonstração de relação de tempo no conto é feita de maneira fantasiosa e proposital, o tempo aparece acelerado aos olhos de Mateus, enquanto Kirikerê revisa a ampulheta, objeto do século VIII, um dos mais antigos meios de medir intervalos de tempo, expondo o contexto de temporalidades.

A história começa no tempo presente, mas o personagem Kirikerê leva Mateus a um regresso para o passado o apresenta as memórias e histórias que passaram na região do Cricaré, como vivências povos e configurações que outrora existiram em São Mateus, antes mesmo de se constituir vila. Todas as imagens presentes no conto infantil foram inspiradas no material do estudo histórico realizado no capítulo 3 deste estudo. As imagens criadas buscaram retratar modos de vida dos povos indígenas que na região de São Mateus habitavam. Na figura 45, está representada a caça de animais, o cultivo da mandioca e a fabricação de cerâmica, as margens do rio Cricaré. Na parte inferior da imagem podemos ver a representação da ocupação da cidade alta, vestígios da guerra e a retirada dos povos indígenas de cena.

**Figura 44** - Esboço da trama do conto “As aventuras de Kirikerê”



Fonte: Arquivo Pessoal da Pesquisadora (2022)

Fonseca (2009) ao tratar da incorporação das diferentes fontes e linguagens no ensino de história para os anos iniciais, cita a literatura infantil, ressalta o cuidado em considerar os limites dos textos narrativos e a fronteira entre os discursos históricos e ficcionais. Afirma que o uso dos textos literários no ensino de história pode ser útil, enquanto uma ferramenta a fim de apresentar pistas dos modos de vidas e ações humanas, costumes e valores de épocas distintas, constituindo-se “fontes, evidências que nós auxiliamos a desvendada compreender a realidade, as mudanças menos perceptíveis, detalhes sobre lugares, ambientes, paisagens, culturas, modos de vestir, enfim detalhes de uma época.” (p.181)

O conto é uma iniciativa, para introduzir a história do Porto de São Mateus. Um apoio material, reconhecemos sua limitação de abranger todos os proponentes históricos da localidade, mas o material poderá instigar questões e reflexões da história local. Para isto é necessário que haja um trabalho de busca pela história local, em que este conto, igualmente como qualquer outra fonte histórica, seja lido e confrontado, estimulando uma leitura crítica e possibilitadora da formação de consciências históricas.

## 6. TECENDO POSSÍVEIS CONCLUSÕES

Em nosso percurso de estudo, conseguimos responder nossa **questão problema**: “As narrativas e memórias populares, podem ser realmente analisadas e configuradas como fontes para o estudo da história local?”

Sim, o desenvolvimento do trabalho com a memória, o estudo da realidade local do Porto de São Mateus aliado com as reflexões dos pressupostos da Nova História e da micro-história, alcançamos verificar que as narrativas revelam vestígios históricos de temáticas locais, conota extrema importância para discussões das relações sociais atuais, podendo ser relacionadas em escalas da história geral. A construção da pesquisa histórica do Porto de São Mateus, com o auxílio das memórias narrativas, demonstrou que o estudo do local não está dissociado da história global. Compreendemos com esta pesquisa, por meio da perspectiva da micro-história, que os rastros, vestígios, narrativas e memórias locais do Porto de São Mateus, estão associados a uma história macro. Tais fontes são aptas para a reflexão e questionamentos, elas agregam evidências e contribuições históricas que não seriam imediatamente visíveis na história geral. Constatamos em nosso trabalho, que as narrativas são potenciais fontes para o estudo da história local do Porto de São Mateus, especialmente quando nos deparamos com diversas lacunas documentais nos últimos 70 anos sobre o bairro Porto.

Exemplos de potencialidades das narrativas são perceptíveis nas memórias da senhora Ayra<sup>55</sup>, ao narrar algumas das relações étnico raciais na década de 60 na região do Porto de São Mateus. A realidade apresentada por essa senhora, presente em sua memória, se relaciona diretamente com aspectos históricos da época escravagista. Configurações sociais que prevaleceram desde o período colonial à sociedade atual brasileira. A escuta das narrativas locais, permitiu reflexões que ampliam a visão dessa realidade, tão próxima e local, numa dimensão muito maior, como, por exemplo, características do que foram as mazelas da escravização dos povos africanos no Brasil e que ainda perduram enrustidas na complexidade do problema racial brasileiro.

---

<sup>55</sup> Ver página 57.

Além disso, as narrativas suscitam novas questões daquilo que já não existe mais no mundo material. Um exemplo disto são os depoimentos orais sobre a derrubada do antigo mercado, considerado pelos moradores entrevistados enquanto uma edificação de valor histórico, (datado 1930), mas foi destruído. Na situação apresentada<sup>56</sup> sobre a demolição, a população local em 1998, demonstrava indignação com o ato de destruição, enquanto o jornal da época afirmava que houve uma indiferença por parte dos moradores. O jornal afirmava o descaso da sociedade local. Entretanto, ao entrecruzar os relatos orais, identificamos que essa demolição aconteceu inesperadamente, durante a noite, repentinamente, sem que a população local pudesse ter qualquer reação ou contraposição, sem consultar os moradores locais.

A efetivação do nosso **primeiro objetivo específico em desenvolver um estudo histórico sobre o Porto de São Mateus**, apresentado no Capítulo 3 e 4, nos possibilitou refletir e associar as memórias do sítio Histórico Porto com aquilo que Walter Benjamin escreveu sobre os *Monumentos e Barbárie*, na tese 7 de “sobre o conceito de História” (1996) afirmando que “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, igualmente a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura.” (p.225) Ao compreender o contexto histórico do Porto, percebemos que a região ao ser constituído um lugar de cultura, também fora um lugar de muitos acontecimentos de barbárie, ao considerarmos seu desenvolvimento inicial remoto, desencadeado de conflitos mortíferos, exploração das terras indígenas, massacres, seguido pela comercialização de pessoas escravizadas e por fim episódios violentos da expulsão de pessoas em vulnerabilidade social.

Outro aspecto importante na conclusão deste estudo é citar o fortalecimento da compreensão das definições de memória e história no desenvolvimento da pesquisa, perspectivas teóricas que responderam nosso **segundo objetivo específico** traçado na pesquisa, **discutir a relação da memória e a história na sociedade**, proposições analisadas e desenvolvidas no capítulo 5, a partir do tópico 5.1 Caminhos revisitados da memória: o que dizem os autores? Foi possível diferenciar Memória e História, em suas especificidades, limites e relações. Estudar os modos da apropriação e de

---

<sup>56</sup> Ver páginas 71 e 72.

disputas sociais da memória e da história, e as relações de poder que permeiam esse processo civilizatório, foi importante para perceber as continuidades e novas roupagens dessa disputa na história local de São Mateus.

Na pesquisa de campo, alguns exemplos de hierarquias de memórias aconteceram, por vezes, no momento das entrevistas com moradores mais velhos, ouvimos falas parecidas com essas afirmações: *“O que eu sei não é nada, quem sabe mesmo é “fulano” e “fulano” eles fizeram livros, eles sim sabem de tudo da história de São Mateus”* ou *“Você já falou com “fulano” e “fulano”? Eles sabem toda história de São Mateus”*. Ou seja, ouvimos indicações repetitivas dos mesmos nomes de homens que pareciam deter toda a história de São Mateus. Na minha visão, assemelho esta experiência com o que disse Le Goff (2013), sobre as preocupações das classes dominantes em se tornar os “Senhores da Memória”. Para que isso não ocorra é preciso que esses testemunhos e memórias existentes, sejam questionados.

De fato, essas indicações, podem ser ouvidas e consideradas também enquanto fonte histórica, mas não se tornam toda a história ao ponto de anular outras fontes. O próprio autor Marc Bloch, que afirma que tudo que o homem produz pode ser uma fonte para história, é o mesmo que tece críticas sobre os testemunhos e fontes históricas tomadas de maneira totalizantes, para exemplificar Bloch (2001, p.89) disse: “que a palavra das testemunhas não deve ser obrigatoriamente digna de crédito, os mais ingênuos dos policiais sabem bem. [...] Do mesmo modo, há muito tempo estamos alertados no sentido de não aceitar cegamente todos os testemunhos históricos.” Do mesmo modo, acentuamos a importância do método crítico, em que todas as fontes precisam ser questionadas, refletidas, considerando também as estruturas sociais.

Destacamos a importância da pesquisa no ensino, na realização de nosso **terceiro objetivo específico, a produção de Material Pedagógico**. O conto infantil *“As aventuras de Kirikerê”*, configura-se uma estratégia de aproximação da história local, conforme afirma Salim (2009, p.103), em que “a utilização de referenciais históricos culturais próximos dos alunos nos possibilita vivenciar, de maneira mais concreta no ensino, o processo do conhecimento históricos.”

Nossa proposta, demonstra a possibilidade de o professor-pesquisador aproximar-se das variadas formas de produção de saberes históricos podendo encontrar conteúdos em diferentes fontes, como na narração de memórias locais, subsídios para sua prática docente. Este é um caminho inicial e um papel indispensável da atuação do professor para uma pedagogia da memória, promotora de práticas no ensino de história local. Com esses termos, nos baseamos na afirmação de Bloch (2011) sobre a ideia de que o presente bem referenciado e definido, dá início ao processo fundamental do ofício do historiador: “compreender o presente pelo passado e, correlativamente o passado pelo presente” (2001, p.24).

Toda nossa trajetória nessas discussões, culminam no desenvolvimento do nosso **objetivo geral, de analisar as potencialidades do trabalho com a memória no ensino da história local nas séries iniciais**. Ao considerarmos a nossa sociedade atual, dos *storys* instantâneos, da informação veloz, tecnologia, do esfacelamento da tradição e da memória, na modernidade. Consideramos o trabalho memória do Porto de São Mateus como uma ferramenta em potencial que pode propiciar aproximação e compreensão de temas históricos abrangentes, pois ela é riquíssima em gerar novas informações, debates, verificar argumentos e promover contradições. A memória aliada a outras fontes e o senso crítico, pode ir além das indicações costumeiras do ensino de história, propondo dias de se pensar no futuro, refletindo o passado.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Tiago de Matos, **Sociedade e Economia Portuária de São Mateus (1848 1889)**: A exportação da farinha de mandioca pelas águas “dorminhocas” do rio Cricaré. 2021. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2021.

ANCHIETA, José de. **Feitos de Mem de Sá**. São Paulo: Ministério da Educação e Cultura, 1970. Disponível em: <https://www.algosobre.com.br/downloads/livros-obras-literarias-pdf/553-josedede-anchieta-feitos-de-mem-de-sa/file.html>

APOEMA, Mauá. **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

ARACY, Mayra, **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

ARARUNA, Ayra, **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2022.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Editora Perspectiva SA, 2016.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. 453 p.

ATRIBUNA. **Em São Mateus, os casarões históricos caem aos pedaços sobre a população**. Vitória, 24 nov. 1979. Disponível em: [http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161118\\_aj22769\\_patrimoniohistorico\\_portodesaomateus.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161118_aj22769_patrimoniohistorico_portodesaomateus.pdf)

BARROS, Carlos Henrique Farias De. Ensino de História, memória e história local. **Revista Principia**, João Pessoa, n. 21, p.64-74, 2012.

BARROS, José D.'Assunção. **A Nova História Cultural—considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos**. Cadernos de História, v. 12, n. 16, p. 38-63, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Editora Brasiliense s.a- 1996. Disponível em:

[http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/O-Narrador\\_Walter-Benjamin-1.pdf](http://www.usp.br/cje/depaula/wp-content/uploads/2017/03/O-Narrador_Walter-Benjamin-1.pdf)

BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Zahar, 2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde; COVID-19 Painel Coronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br>. Acesso em 01 mar.2022

BURKE, Peter. **A escrita da história**. Unesp, 1992.

CAIRU, Paiaçã. **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

CAINELLI, Marlene; SANTOS, Flávio Batista dos. O ensino da História Local na formação da Consciência Histórica: um estudo com alunos do Ensino Fundamental. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 9, p. 158-174, 2014.

CALVALCANTI Mariza. Mais uma vez em discussão, a restauração do Porto de São Mateus. **A Tribuna**. Vitória, 15 de outubro de 1981, p.14, c.1-5. Disponível em:<[http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161118\\_aj22763\\_patrimoniohistorico\\_portodesaomateus.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161118_aj22763_patrimoniohistorico_portodesaomateus.pdf)>Acesso em 03 mar 2022

CAMURUPIM, Marlon. **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

CANCELA, Francisco Eduardo Torres. **De projeto a processo colonial: índios, colonos e autoridades régias na colonização reformista da antiga capitania de Porto Seguro (1763-1808)**. Salvador, Tese UFBA. 2012.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações sociais**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHENIER, Carlos. Os avanços conseguidos este ano no casario do Porto de São Mateus. **A Gazeta**, Vitória. 16 de dezembro de 1981, 2 cad, p.1. Disponível em:<[http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161118\\_aj22762\\_patrimoniohistorico\\_portodesaomateus.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161118_aj22762_patrimoniohistorico_portodesaomateus.pdf)> Acesso em 03 jan. 2022.

CÓDIGO QR. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em:<[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=C%C3%B3digo\\_QR&oldid=61880383](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=C%C3%B3digo_QR&oldid=61880383)>. Acesso em: 20 out. 2021.

CÔGO, Anna Lúcia. **História agrária do Espírito Santo no século XIX**: a região de São Mateus. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo (USP). Programa de Pós-Graduação em História Econômica. São Paulo, 2007

COORDENAÇÃO UNIVERSITÁRIA NORTE DO ESPÍRITO SANTO. **HISTÓRICO: Sobre o Ceunes**, São Mateus, 01 de outubro 2014. disponível em:<<https://ceunes.ufes.br/historico>> Acesso em:03 ago. 2022

DANTAS, Gaciano. Porto de São Mateus: Recuperação do casario tombado ainda demorará vários anos. **A Gazeta**, vitória 28 de fevereiro de 1982, p.1, 2 cad. Disponível em:<[http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161118\\_aj22761\\_patrimoniohistorico\\_portodesaomateus.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161118_aj22761_patrimoniohistorico_portodesaomateus.pdf)> Acesso em: 03 jan. 2022

DANTAS, Rodrigo, As lagrimas do Cricaré, 2021. Disponível em:<<https://moquecaeditorial.mediu.com/textos-de-rodrigo-dantas-874d7e7bb7e4>> Acesso em: 2 jan. 2022.

EHRENREICH, Paul. **Índios Botocudos do Espírito Santo no século XIX**, Vitória, (ES): Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014

FERREIRA GULAR. Corpo a corpo com a linguagem. 1999.

FERREIRA, Simone Raquel Batista. **“DONOS DO LUGAR”**: A GEO-GRAFIA NEGRA E CAMPONESA DO SAPÊ DO NORTE–ES. Geografares, 2010.

FRIZZERA, Rose. Em busca dos áureos tempos. **A Gazeta**, Vitória, Caderno dois, 3 marços 1997.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História**. Belo Horizonte: Dimensão, 2009. 296 p.

FUNDAÇÃO JONES DOS SANTOS NEVES, **Programa De Valorização do Patrimônio Histórico Capixaba**: Projeto de Reabilitação da área do Porto De São Mateus - Fase B, Vitória, 1978. Disponível em :<<http://www.ijsn.es.gov.br/bibliotecaonline/Record/4988>> Acesso em 02 mar 2022

GEVEHR, Daniel Luciano. A crise dos lugares de memória e dos espaços identitários no contexto da modernidade: questões para o ensino de história. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 67, p. 945-962, 2016.

GONDIM, Sônia M<sup>a</sup> Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa desafios metodológicos**. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 12, n. 24, 2002.

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Município de Aracruz é cenário para turismo de experiência**. Governo ES. Vitória. 2021. Disponível em: <https://www.es.gov.br/Noticia/municipio-de-aracruz-e-cenario-para-turismo-de-experiencia> Acesso em: 26 ago. de 2022

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Patrimônio Cultural do Espírito Santo - Arquitetura**. Vitória: SECULT, 2009. Disponível em: <[https://secult.es.gov.br/Media/secult/EDITAIS/102-Documento-1436796643-100-Documento-1436454022-56-Documento-1427918086-atlas-patrimonio%20\(1\).pdf](https://secult.es.gov.br/Media/secult/EDITAIS/102-Documento-1436796643-100-Documento-1436454022-56-Documento-1427918086-atlas-patrimonio%20(1).pdf)>. Acesso em: 10 mai.2021

GWYN, Prins. História oral. In.: BURKE, Peter. **A escrita da história**, p. 163-198, Unesp, 1992.

HALBWACHS, Maurice; **A memória Coletiva**. tradução de Beatriz Sidou. São Paulo, Editora Centauro-9<sup>a</sup> reimpressão, p. 2003-224p, 2017.

IBERÊ, Fernando, Aspectos **históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES; CENTRO CULTURAL PORTO DE SÃO MATEUS **Projeto de Resgatamento, Restauração, Preservação e Revitalização do Sítio Histórico do Porto de São Mateus**, São Mateus, 1983. Disponível em: [http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120814\\_ij00643\\_centroculturalportodesaomateus\\_recortes\\_mapas.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20120814_ij00643_centroculturalportodesaomateus_recortes_mapas.pdf) Acesso em 01 mar 2022

INSTITUTO PARCEIROS DO BEM. **Neném Preta – São Mateus/ES**. 2012. (08m34s).

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vQlaiweHbiM>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

JORNAL TRIBUNA DO CRICARÉ. **Comerciante encontra urnas indígenas na Pedra D'Água**. São Mateus, ES, p.3, 5 de julho de 2005.

LÉ, Roberto de Souza. **O Porto**. [s.n.]. Vila Velha. 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7ªed. revista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013

LEVI, Giovanni. Sobre a micro história. In.: BURKE, Peter. **A escrita da história**, p. 133-161, Unesp, 1992.

LORDELLO, Eliane. **O porto de São Mateus. Historicidade e atualidade**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/18.210/6834>. Acesso em: 02 de março 2021

MADEIRA, Patrícia dos Santos. **Memórias arquitetônicas** do sítio histórico do porto de São Mateus. São Mateus, Es: Editora. Dos autores, 2021.

MARQUES, Adilson Bulado. **Ensino de história local e patrimônio: o caso do sítio histórico porto de São Mateus**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo, São Mateus, 2019.

MARTINS, Iluzinilda Neves. **Espírito Santo: meu paraíso em versos**. São Mateus: Tribuna do Cricaré Ltda, 1998. 186 p.

MATEDDI, José Carlos. Porto de São Mateus Revive. **A GAZETA**. Vitória, 15 mar. 1998. Caderno dois p. 1. Disponível em: [http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161117\\_aj22741\\_patrimoniohistorico\\_portodesaomateus.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161117_aj22741_patrimoniohistorico_portodesaomateus.pdf)

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. Editora Contexto, 2007.

MINGO, Nilo. Governo nada faz para salvar Porto de São Mateus. **A Gazeta**, Vitória, 28 de dezembro de 1980 p.6. Disponível

em:<[http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161118\\_aj22768\\_patrimoniohistorico\\_portodesaomateus.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161118_aj22768_patrimoniohistorico_portodesaomateus.pdf)> Acesso em 25 mar. 2022

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. Caminhos da história, São Paulo: Contexto, 1992.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. **A produção histórica dos ‘vazios demográficos’**: guerras e chacinas na Vale do Rio Doce (1800-1830). Dimensões, n. 9, 1999.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. **Espírito Santo indígena: conquista, trabalho, territorialidade e autogoverno dos índios, 1798-1860**. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude, usos e sentidos**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1988.

NARDOTO, Eliezer Ortolani. **São Mateus: História, Turismo e Cultura**. 1.ed. São Mateus: Edal Editora Atlântica Ltda., 2005.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

NOSSA terra nossa gente. **A Gazetinha**, Vitória, p.11, 21 de jan. 1995. Disponível em:<[http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161117\\_aj22745\\_patrimoniohistorico\\_portodesaomateus.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161117_aj22745_patrimoniohistorico_portodesaomateus.pdf)> Acesso em 31 Jul 2021

OBEID, Daniel Tadeu. **Um ser tão misturado: estudo sobre o filme Sagarana, o Duelo**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **O tempo da dor e do trabalho**: a conquista dos territórios indígenas nos sertões do leste. 1998. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Acesso em: 20 jun. 2022.

PCN: BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>. Acesso em 29 jul. 2021.

PIABA, Kadu. **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

PORTO de São Mateus: Agora uma questão Nacional, **A Gazeta**, Vitória, p.8, 2 cad. c.1-6 06 março 1983. Disponível em :<[http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161118\\_aj22757\\_patrimoniohistorico\\_p\\_ortodesaomateus.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161118_aj22757_patrimoniohistorico_p_ortodesaomateus.pdf)> Acesso em 29 dezembro 2021

PORTO de São Mateus será restaurado em 1978. **A Tribuna**, Vitória, Turismo, p.6 ,9 de outubro de 1977. Disponível em: <[http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160802\\_aj04793\\_ijsn\\_historia19761980.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160802_aj04793_ijsn_historia19761980.pdf)> Acesso em: 12 de jan 2022

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Programa de Ensino anos iniciais:** ciências humanas/ história, 2019.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-Americana. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, p. 117-142, 2005.

RAMALDES, Dalva Porto de São Mateus, hoje, é um amontoado de escombros. **A Gazeta**, Vitória, 02 de novembro de 1978, p.4. Disponível em:<[http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161118\\_aj22774\\_patrimoniohistorico\\_portodesaomateus.pdf](http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161118_aj22774_patrimoniohistorico_portodesaomateus.pdf)> Acesso 05 abr.2022

REPERCURSSÃO e Resultado Positivo teatro Anchieta- Centro Cultural Porto de São Mateus. **Aymorés**. Teatro. 1987 p.2

RUSSO, Maria Do Carmo de Oliveira. **Cultura política e relações de poder na região de São Mateus:** o papel da Câmara Municipal (1848/1889). Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Programa de Pós-Graduação em História. Vitória, 2007.

RUSSO, Maria Do Carmo de Oliveira. **A Escravidão em São Mateus/ES:** Economia e demografia (1848-1888). Tese de doutorado. Universidade de São Paulo (USP) Programa de Pós-Graduação em História Econômica. São Paulo, 2011.

ROBALO, Tídiô. **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES.** Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

SAGARANA: O DUELO, Direção: Paulo Thiago. Produção: Paulo Thiago Produções cinematográficas, Brasil, 1974, (1h 50min) son., color.

SALIM, Maria Alayde de Alcântara. Ensino-Aprendizagem de História: Entre o Local e o Global. In: SIMÕES, Regina Helena Silva; FRANCO, Sebastião Pimentel, SALIM, Maria Alayde de Alcântara (Org.). **Ensino de História, Seus Sujeitos e Suas Práticas**. Vitória: GM Editora, 2009

SANTOS, Sofia Maria Valente Simões Dos. **São Mateus: Do Lugar à Vila**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Vitória, 2017.

SÃO MATEUS história. Portal do Governo Brasileiro. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/sao-mateus/historico>> Acesso em 31. mar 2022

SCIENTIA. **Relatório Final: Salvamento Arqueológico do Sítio Arqueológico RPO-1**, São Mateus ES, 2005.

SEGANTTINI, Fabio. Lembranças dos cabarés. **A Tribuna**, Vitória, 09 novembro 2008. Regional, p.17

TOMBAMENTO do Porto: o maior objetivo, agora alcançado. **A Gazeta**, Vitória, 29 de outubro de 1976, p.1, 2 cad, c.1-6

TUCUNARÉ, Kauê. **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

UBIRATAN, Moacir. **Aspectos históricos do Porto de São Mateus – ES**. Entrevista concedida a Késya de Oliveira Nobre Castillo, São Mateus, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. **12ª Semana da Arte**. 1997. [São Mateus, 1997]. 1 folder.

VERLY, Raphael. Sítio Histórico Porto de São Mateus. 2013. (04m06s). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=M0tAofrqw1U> >. Acesso em: 03 set. 2021.

ZERO CENSURA, **Maciel de Aguiar, aos 50 anos de literatura: ‘Sou um escritor realizado’**. 6 de agosto de 2019. Disponível em:< <https://censurazero.com.br/maciel-de-aguiar-sou-um-escriptor-realizado/>> Acesso em:07 de jun.2022.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A

## FORMULÁRIO/ROTEIRO DE ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL TEMÁTICA

1. Biografia (Nome, nascimento, lembranças de infância, juventude e memórias mais recentes no Bairro Porto);
2. Contexto histórico (eventos que testemunhou);
3. Vivências no Antigo Mercado Porto
4. Transformações ocorridas no bairro pós mudança comercial.
5. Aspectos sobre o episódio do Meretrício no Porto

- As entrevistas foram realizadas em ambientes domiciliares, dos próprios participantes, ou mesmo em um outro local à critério do entrevistado.
- O entrevistado falou livremente.
- A transcrição está literal, i.e., com os erros de português, interjeições etc.

**Quadro 1 – Convenção a ser utilizada na transcrição das entrevistas**

CONVENÇÃO UTILIZADA	SITUAÇÃO
...	Pausa no discurso.
	Truncamento, interrupção discursiva.
MAIUSCULAS	Entonação enfática.
“ ”	Discurso direto.
:: (::: se for muito longo	Alongamento da vogal ou consoante.
((.))	Comentários da pesquisadora ( em itálico).
Reduplicação da letra ou sílaba repetida. Ex: é é é foi assim.	Repetições.
- - -	Silabação.

## APÊNDICE B

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ENTREVISTADOS

O (A) Sr. (A) \_\_\_\_\_ foi convidada a participar da pesquisa intitulada “**ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: UMA PESQUISA SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO PORTO DE SÃO MATEUS (1960- 2021)**”, sob a responsabilidade de Késya de Oliveira Nobre, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica - PPGEEB (Mestrado) da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo – Campus São Mateus

**Justificativa:**

Partindo de vivências enquanto discente e das análises feitas enquanto docente na educação básica, obteve-se a percepção de que o ensino de história atual pouco se aproxima de narrativas populares sobre o Porto de São Mateus. Notou-se o pouco aprofundamento no ensino da história local e a ausência das narrativas populares nos espaços em salas de aula dos anos iniciais. Visto que não existem pesquisas anteriores sobre a temática, a presente pesquisa se justifica na importância de se explorar as percepções e representações populares deste lugar, partindo de memórias e narrativas, para analisar e refletir aspectos da multiplicidade de fontes.

**Objetivos da Pesquisa:**

Desenvolver um estudo histórico sobre a constituição e transformações do Porto de São Mateus, principalmente nas últimas décadas entre 1960 à 2021, empenhando-se na investigação das representações sociais e no uso da memória e história oral em diálogo com as multiplicidades de fontes.

**Procedimentos para obtenção dos dados:**

Para alcançar estes objetivos, foram feitas entrevistas, gravação de mídia sendo elas em áudio e/ou imagens, desenvolvimento de caderno de campo e questionários. Desta forma esta pesquisa se classifica como uma pesquisa-participante de cunho qualitativo, desenvolvida através de observações, escutas, perguntas, anotações, gravações e procedimentos de transcrição.

**Riscos e Desconfortos:**

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e graus variados. Por envolver o método de entrevista, pode haver constrangimento dos envolvidos na exposição de suas falas e alterar a dinâmica das relações sociais instauradas., mesmo que sejam seguidos todos os protocolos de distanciamento, uso de máscaras e álcool em gel, existe o risco de infecção por covid 19. Em casos de ocorrência com relação aos riscos e desconfortos será dada assistência imediata que se configura na assistência emergencial e sem ônus de qualquer espécie ao participante da pesquisa, em situações em que este dela necessite e assistência integral, que é aquela prestada para atender complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, da pesquisa. Também será garantida a indenização diante de eventuais danos, através da cobertura material para reparação ao dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa.

**Benefícios:**

Os benefícios dessa pesquisa estão relacionados à contribuição do aprimoramento das reflexões pedagógicas no que se refere as concepções teóricas nas relações que se estabelecem no planejamento e desenvolvimento do ensino de história para os alunos dos anos fundamentais do ensino fundamental dialogando sobre a importância das narrativas e memória enquanto possibilidade de fontes históricas para a qualidade do ensino de história local a ser oferecido.

**Garantia do Sigilo e Privacidade:**

É importante ressaltar que os dados dos participantes da pesquisa serão mantidos em sigilo, durante todas as fases da pesquisa, inclusive após publicação. Nesse sentido, os nomes dos participantes da pesquisa na escrita dos resultados e análise dos dados serão fictícios.

**Garantia de recusa em Participar da Pesquisa e/ou Retirada de Consentimento:**

O (A) Sr. (A) não é obrigado (a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela a qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, o (a) Sr. (a) não mais será contatado (a) pela pesquisadora.

**Esclarecimento de dúvidas:**

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o (a) Sr. (A) pode contatar a pesquisadora Késya de Oliveira Nobre, nos telefones (XX) XXXXXXXXXX ou (27) XXXXXXXXX. O (A) Sr. (A) também pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa – Campus do Ceunes pelo telefone (27) 3312-1519, e-mail: [cepceunes@gmail.com/](mailto:cepceunes@gmail.com) [comitedeetica.ceunes@institucional.ufes.br](mailto:comitedeetica.ceunes@institucional.ufes.br), endereço Rodovia BR 101 Norte, Km 60, Bairro Litorâneo, São Mateus, ES, CEP: 29.932-540.

Nesse sentido, gostaria de contar com a sua colaboração, através de seu Consentimento Livre e Esclarecido para a participação neste estudo.

Declaro que fui verbalmente informado (a) e esclarecido (a) sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito a participar do estudo, permitindo o uso das mídias desenvolvidas por meio da entrevista/grupos focais. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pela pesquisadora principal e rubricada em todas as páginas.

São Mateus, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

---

**PARTICIPANTE DA PESQUISA**

Na qualidade de pesquisadora responsável pela pesquisa “**ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: UMA PESQUISA SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO PORTO DE SÃO MATEUS (1960- 2021)**”, eu, Késya de Oliveira Nobre, declaro ter cumprido as exigências do termo IV.3, da Resolução CNS 466/12, a qual estabelece diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

São Mateus, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

---

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL**

## APÊNDICE C

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E SOM

Pelo presente instrumento ( ) autorizo ( ) não autorizo o uso de imagem e som da voz, ~~esta~~ via vídeos gravações e outros, em atividades realizadas pela pesquisadora **Késya de Oliveira Nobre**.

O áudio (som de voz) ou imagens (fotografias e/ou filmagens) poderão ser utilizados em publicações e/ou apresentações, divulgação de suas atividades da pesquisa: **“ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: UMA PESQUISA SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO PORTO DE SÃO MATEUS (1960- 2021)”**.

São Mateus, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

---

**PARTICIPANTE DA PESQUISA**

APÊNDICE D  
DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA



**PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO MATEUS**  
**ESTADO DO ESPÍRITO SANTO**  
**SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

**DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA**

Eu, **José Adilson Vieira de Jesus**, servidor da Prefeitura Municipal de São Mateus, matrícula nº 70409, na função de Secretário Municipal de Educação, Portaria Nº 242/2018, declaro, para os devidos fins, que autorizo a realização da pesquisa intitulada: "ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: UMA PESQUISA SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO PORTO DE SÃO MATEUS -ES (1960-2021)", com o objetivo geral de desenvolver um estudo histórico das últimas décadas sobre o local Porto de São Mateus, com foco nas histórias orais de pessoas idosas e fontes documentais. Neste estudo também há a proposta de investigar o Imaginário e a representação de um determinado grupo de alunos da escola EMEF [REDACTED] sobre esse lugar histórico, que é o Porto de São Mateus, a fim de tecer reflexões e estudos sobre significado que este lugar tem para o alunado no presente, buscando agregar conhecimentos entre presente e passado, da mestranda **Késya de Oliveira Nobre**, do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Educação Básica, do CEUNES/UFES.

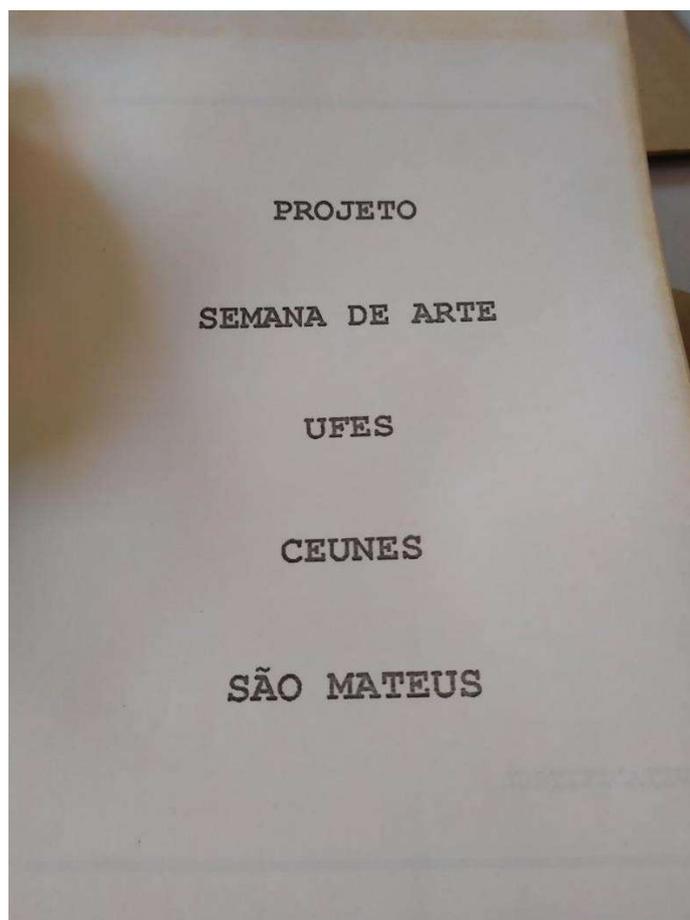
**Termo de Compromisso:** Declaro conhecer e cumprir os requisitos da Resolução CNS 466/2012 – CONEP-CNS-MS e suas complementares. Estou ciente de que os dados coletados e a identidade dos participantes serão mantidos em absoluto sigilo, e autorizo que tais dados sejam utilizados somente para a realização desse estudo e para publicações acadêmicas.

São Mateus, 29 de junho de 2021.

**José Adilson Vieira de Jesus**  
Secretário Municipal de Educação

Portaria Nº 242/2018  
*José Adilson Vieira de Jesus*  
Secretário Municipal de Educação  
Portaria Nº 242/2018

## APÊNDICE E



Promover um intercâmbio artístico-cultural que possibilite a troca de experiências e conhecimento entre a CEUNES/UFES e a comunidade do município de São Mateus, retomando um processo iniciado em 1974, que significou muito para a divulgação e valorização do fazer artístico, histórico e patrimonial do município, principalmente no tocante aos aspectos da memória e cidadania.

- 01) Oferecer um instrumental de informações técnicas no sentido de favorecer o enriquecimento das manifestações artísticas dos participantes através do domínio técnico e da reflexão filosófica.
- 02) Divulgar os princípios da arte e da educação para visar o crescimento global do ser humano, tendo como instrumento a reflexão filosófica, a apreciação estética e o fazer artístico.
- 03) Valorizar e apoiar a preservação e recuperação do patrimônio cultural de São Mateus.
- 04) Motivar a criação de oficinas permanentes de artes de São Mateus através da CEUNES, tornando a Semana de Arte um evento regular no calendário do município.

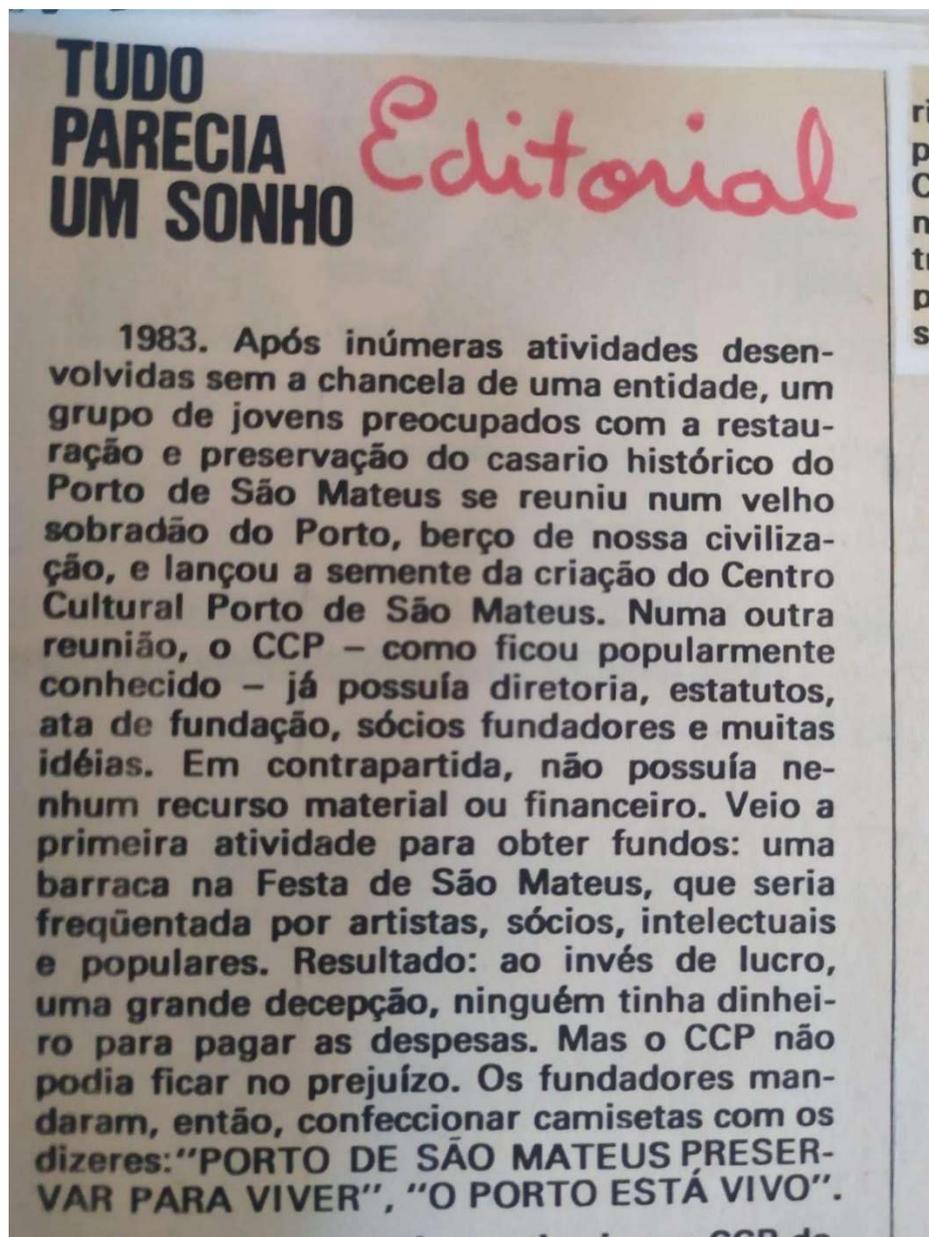
São Mateus tem uma expressiva importância histórica e cultural, com seus 448 anos de história, com a diversidade de suas manifestações culturais nas áreas de teatro, dança, música, literatura, artes plásticas, folclore e artesanato, com a realização dos festivais de teatro, que lhe deram reconhecimento nacional e também como referência histórica, as 05 (cinco) Semanas de Arte, realizadas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), nos anos de 1974, 1975, 1976, 1977 e 1978, além de 02 (duas) Semanas de Arte realizadas pela Prefeitura Municipal de São Mateus, nos anos de 1979 e 1981; semanas estas, que despertaram a atenção para a importância do Sítio Histórico do Porto de São Mateus, que como consequência, foi tombado pelo Conselho Estadual de Cultura, como patrimônio histórico e artístico estadual, que está em processo de restauração e revitalização com apoio e recursos da iniciativa privada e do Governo do Estado do Espírito Santo.

Em 1990, com a implantação da Coordenação Universitária Norte do Espírito Santo/CEUNES, unidade de ensino superior da Universidade Federal do Espírito Santo, sediada em São Mateus e Nova Venécia, que tem entre os seus objetivos, promover a descentralização dos cursos e serviços da Universidade, além da formação e aperfeiçoamento de recursos humanos necessários ao desenvolvimento sócio-econômico e cultural da região Norte, sendo então ser necessária a retomada da realização da Semana de Arte de São Mateus para consolidar seu processo de instalação.

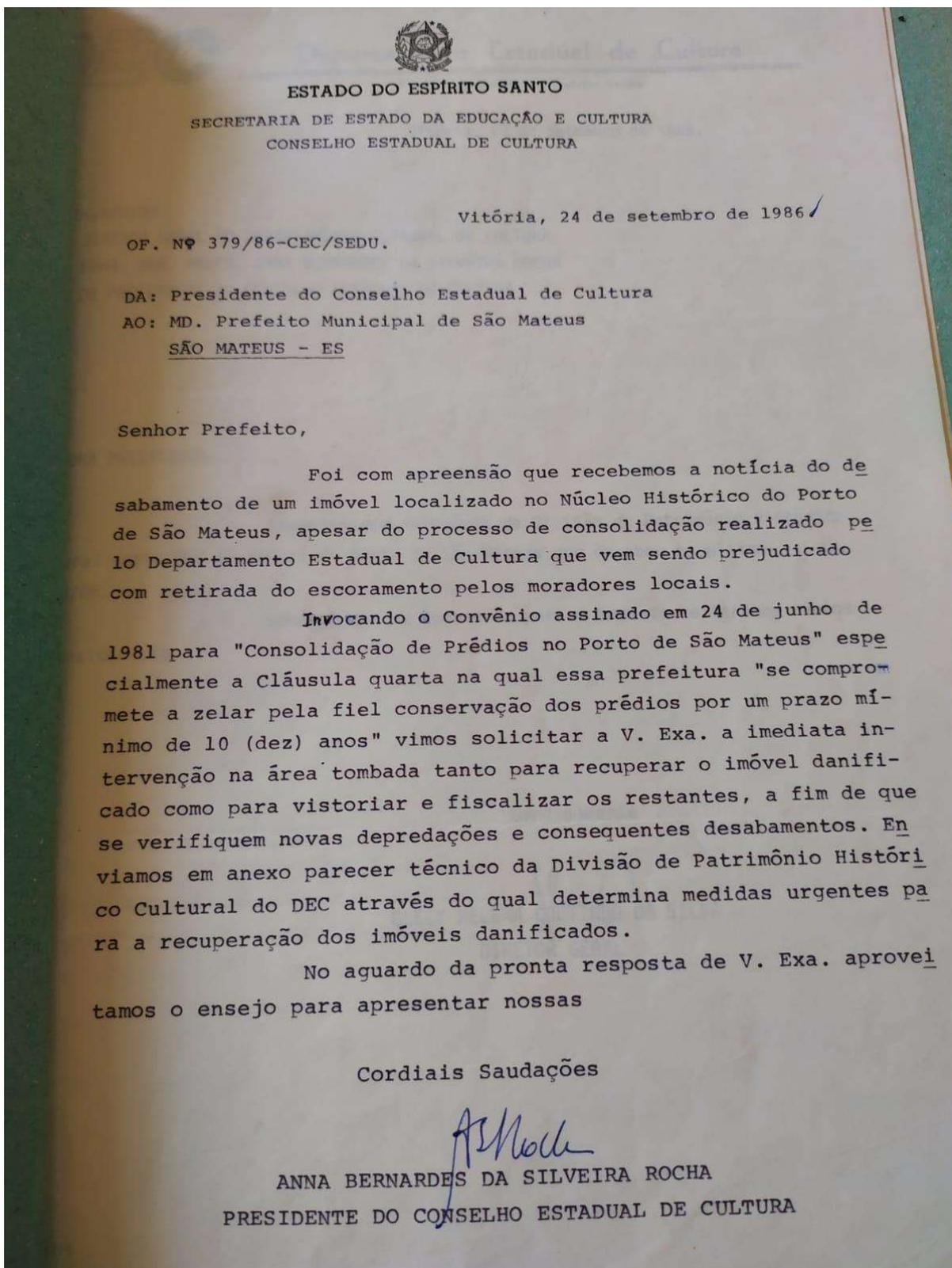
Já que São Mateus tem experimentado um crescimento sócio-econômico e cultural bastante expressivo e diversificado, e conta com a presença de empresas de grande porte, tais como a Aracruz florestal S/A., Petrobrás S/A. e uma atividade comercial florescente, com inúmeros reflexos na sua economia, entendemos que a valorização da 8ª Semana de Arte, com ênfase na programação didática, cultural, artística e desportiva, consolidará o processo de desenvolvimento do município, fortalecendo o intercâmbio entre a CEUNES e a comunidade mateense, nas áreas de ensino, pesquisa e extensão influenciando na qualidade de vida e participando do processo de transformação social local e regional.

Documento disponível para consulta no acervo da Biblioteca municipal "Clementino Rocha" em São Mateus.

## APÊNDICE F



## APÊNDICE G



(Ofício da Secretária do Estado da Educação – 1986)

## APÊNDICE H

## TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: UMA PESQUISA SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO PORTO DE SÃO MATEUS (1960- 2021)**. Seus pais permitiram que você participe.

Queremos saber **o que você pensa sobre o Porto de São Mateus**, as crianças que irão participar dessa pesquisa têm de **nove** a **quatorze** anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita em sua escola, onde as crianças participarão de um grupo focal, que participarão conversas e perguntas nas aulas, um questionário. Para isso, poderá ser usado/a sala de aula online. É possível ocorrer riscos de vergonha ou constrangimento. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones (27) 996133172 da pesquisadora **Késya de Oliveira Nobre**.

Mas há coisas boas que podem acontecer como **interações com os colegas, ser ouvido em suas expressões e pensamentos**.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa será divulgada abertamente a toda comunidade através de meios virtuais. **Se** você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar ou a pesquisador **Késya de Oliveira Nobre**. **Eu** escrevi os telefones na parte de cima desse texto.

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa **ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: UMA PESQUISA SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO PORTO DE SÃO MATEUS (1960- 2021)**, que tem o/s objetivo de investigar na atualidade as representações e compreensões de estudantes da região de São Mateus em relação ao lugar histórico Porto. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

São Mateus, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do menor

---

Assinatura do(a) pesquisador(a)

## APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEIS  
LEGAIS

O aluno(a) \_\_\_\_\_, foi convidada a participar da pesquisa intitulada “ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS: UMA PESQUISA SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO PORTO DE SÃO MATEUS (1960- 2021)”, sob a responsabilidade de Késya de Oliveira Nobre, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica - PPGEEB (Mestrado) da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo – Campus São Mateus

## Justificativa:

Partindo de vivências enquanto discente e das análises feitas enquanto docente na educação básica, obteve-se a percepção de que o ensino de história atual pouco se aproxima de narrativas populares sobre o Porto de São Mateus. Notou-se o pouco aprofundamento no ensino da história local e a ausência das narrativas populares nos espaços em salas de aula dos anos iniciais. Visto que não existem pesquisas anteriores sobre a temática, a presente pesquisa se justifica na importância de se explorar as percepções e representações populares deste lugar, partindo de memórias e narrativas, para analisar e refletir aspectos da multiplicidade de fontes.

## Objetivos da Pesquisa:

Desenvolver um estudo histórico sobre a constituição e transformações do Porto de São Mateus, principalmente nas últimas décadas entre 1960 à 2021, empenhando-se na investigação das representações sociais e no uso da memória e história oral em diálogo com as multiplicidades de fontes.

## Procedimentos para obtenção dos dados:

Para alcançar estes objetivos, serão feitas grupos focais em sala de aula ou espaços de ensino online, visto que a maioria das instituições adotaram um ensino híbrido, gravação de mídia sendo elas em áudio e/ou imagens, desenvolvimento de caderno de campo e questionários. Desta forma esta pesquisa se classifica como uma

pesquisa-participante de cunho qualitativo, desenvolvida através de observações, escutas, perguntas, anotações, gravações e procedimentos de transcrição.

#### Riscos e Desconfortos:

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos em tipos e graus variados. Por envolver o método de entrevista, pode haver constrangimento dos envolvidos na exposição de suas falas e alterar a dinâmica das relações sociais instauradas. Em casos de ocorrência com relação aos riscos e desconfortos será dada assistência imediata que se configura na assistência emergencial e sem ônus de qualquer espécie ao participante da pesquisa, em situações em que este dela necessite e assistência integral, que é aquela prestada para atender complicações e danos decorrentes, direta ou indiretamente, da pesquisa. Também será garantida a indenização diante de eventuais danos, através da cobertura material para reparação ao dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa.

#### Benefícios:

Os benefícios dessa pesquisa estão relacionados à contribuição do aprimoramento das reflexões pedagógicas no que se refere as concepções teóricas nas relações que se estabelecem no planejamento e desenvolvimento do ensino de história para os alunos dos anos fundamentais do ensino fundamental dialogando sobre a importância das narrativas e memória enquanto possibilidade de fontes históricas para a qualidade do ensino de história local a ser oferecido.

#### Garantia do Sigilo e Privacidade:

É importante ressaltar que os dados dos participantes da pesquisa serão mantidos em sigilo, durante todas as fases da pesquisa, inclusive após publicação. Nesse sentido, os nomes dos participantes da pesquisa na escrita dos resultados e análise dos dados serão fictícios.

#### Garantia de recusa em Participar da Pesquisa e/ou Retirada de Consentimento:

O (A) Aluno (A) não é obrigado (a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela a qualquer momento de sua execução, sem que haja penalidades ou

prejuízos decorrentes de sua recusa. Caso decida retirar seu consentimento, o (a) Aluno (a) não mais será contatado (a) pela pesquisadora.

Esclarecimento de dúvidas:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, o (a) Sr. (A) pode contatar a pesquisadora Késya de Oliveira Nobre, nos telefones (27) xxxx ou (27) xxxxx. O (A) Sr. (A) também pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa – Campus do Ceunes pelo telefone (27) 3312-1519, e-mail: [cepceunes@gmail.com](mailto:cepceunes@gmail.com)/[comitedeetica.ceunes@institucional.ufes.br](mailto:comitedeetica.ceunes@institucional.ufes.br), endereço Rodovia BR 101 Norte, Km 60, Bairro Litorâneo, São Mateus, ES, CEP: 29.932-540.

Nesse sentido, gostaria de contar com a sua colaboração, através de seu Consentimento Livre e Esclarecido para a concessão de seu consentimento para a participação do menor

## APÊNDICE J

Fotografia do comunicado do Departamento Estadual de Cultura – 1986  
(desabamento)

**DEC** Departamento Estadual de Cultura  
Governo do Estado do Espírito Santo

Vitória, 23 de setembro de 1986.

CI/DPCH/078/86  
DO: CHEFE DA DIVISÃO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL  
PARA: GLECY HELENA COUTINHO DA SILVA  
DIRETOR GERAL

Departamento Estadual de Cultura	
N.º	1930/86
Data:	23/09/86

SENHORA DIRETORA:

Como é do conhecimento de V.Sª., estivemos em São Mateus no último dia 19/09/86, atendendo solicitação da Prefeitura Municipal que nos informou que a casa nº 08 da rua do Comércio, no Porto, havia desabado.

Em vistoria ao local, pudemos observar que o fato ocorreu em virtude de parte do escoramento colocado quando dos serviços de consolidação ter sido retirado e a casa voltado a ser habitada.

Ruirão as fachadas lateral esquerda e de fundos e a fachada frontal 2º piso esta na iminência de desabar.

Naquela data fizemos através de ofício, ao Prefeito algumas recomendações (cópia anexa) de emergência que estavam ao nosso alcance. Julgamos entretanto que o Conselho Estadual de Cultura deva autorizar à Prefeitura, as seguintes medidas.

- Desmonte (após levantamento fotográfico já solicitado) das paredes do 2º pavimento que ainda não caíram. Isto é importante porque o escoramento no estagio atual é inviável e num trabalho de restauração esse desmorte será inevitável. Trabalho semelhante já foi feito na casa nº 26, quando dos serviços de consolidação. (fotos anexo)
- O desmorte deverá ser feito com critério para que o material (tijolos, grades e esquadrias) possam ser reaproveitados.
- Cobertura de todo o 1º pavimento com telhas de Eternit existente na ruína.

A restauração do imóvel será possível graças ao levantamento fotográfico e arquitetônico já realizado pela Divisão.

Avenida Nossa Senhora da Penha 2.141 - CEP 29.000 - Vitória - ES - Tels. (PBX) 227-5211 - 227-5257



## APÊNDICE L

## Demais respostas e representações do questionário (4º e 5º ano)

1- O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?

é um lugar que o porto daí que é muito  
quiza

2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?

1- O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?

Eu penso assim que é um lugar bem  
legal com as casinhas os casarões e um  
muito muito de lá.

2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?

não conhece nenhuma história

1- O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?

é legal

2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?

a ilha de Guaru

1- O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?

QUOSEMATEUSSEBEPERET  
PPOTECOMO  
EDEVITO

2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?

OPOTOEMUTODPERETE

1- O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?

é um lugar turístico

2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?

daí

1- O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?

eu acho que é legal o porto de São Mateus

2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?

não sei

1- O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?

eu acho que esse lugar é bem legal, parece bem  
to e é bem grande.

2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?

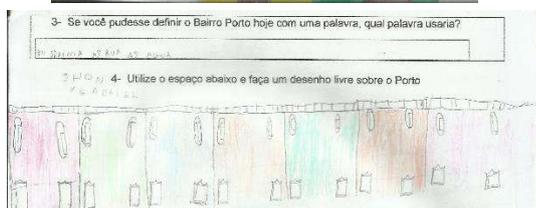
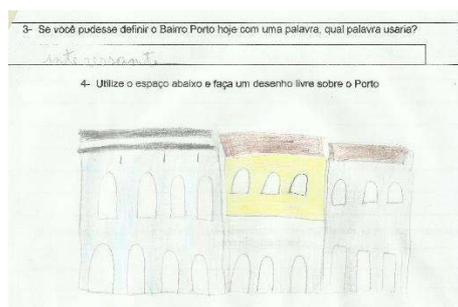
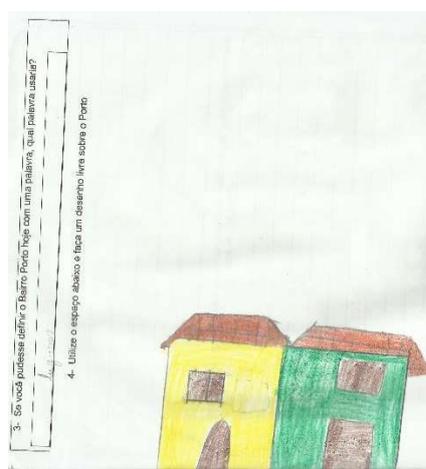
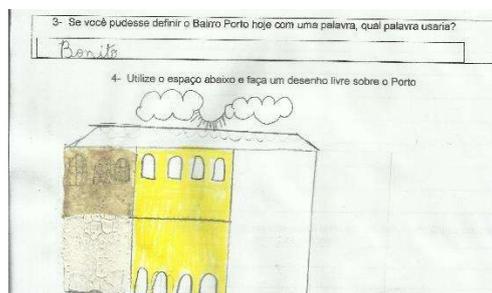
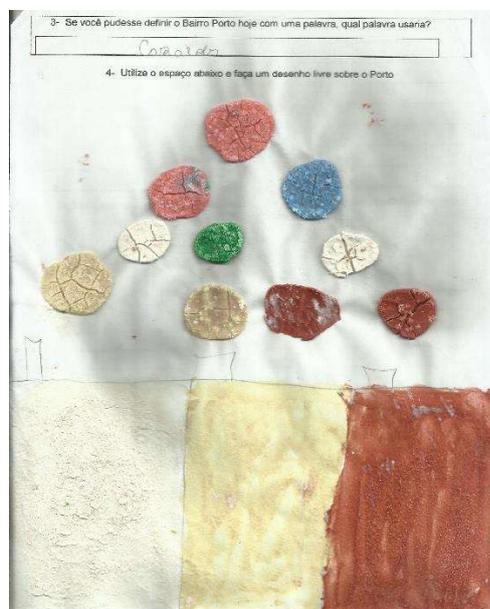
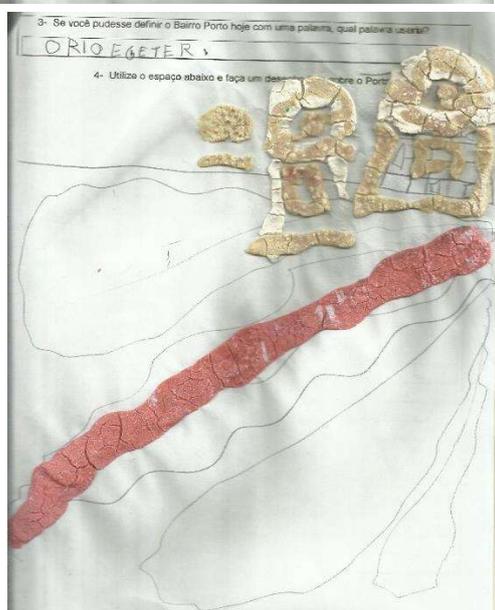
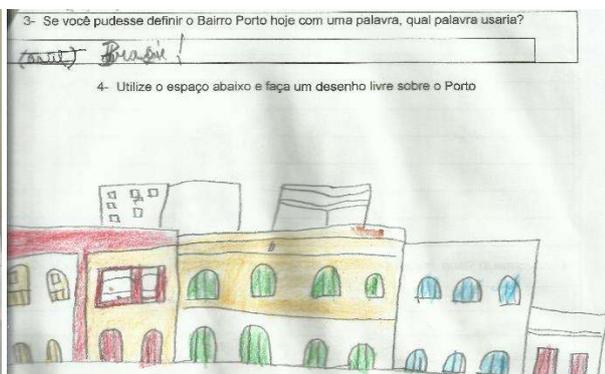
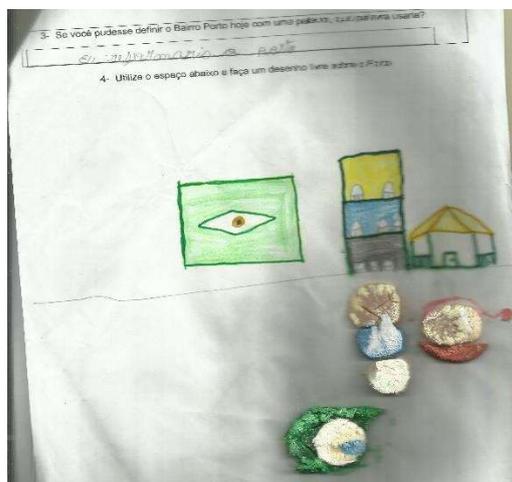
não

1- O que você pensa sobre o Porto de São Mateus?

é um lugar muito bonito e legal

2- Você conhece alguma história interessante sobre o Porto? Se sim, qual? Quem contou a você esta história?

não



## APÊNDICE M

Desenhos dos alunos do 2º ano







## APÊNDICE N

Qr code direcionador para o conto “As aventuras de Kirikerê” e artes de divulgação  
ao público

## ARTE 1

<https://contokirikere.blogspot.com/>



## ARTE 2

